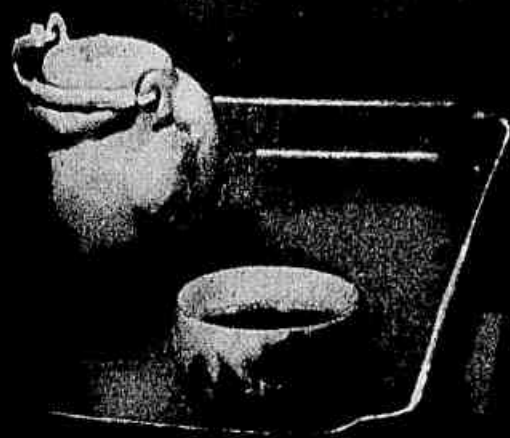


Semana



CINQUENTENÁRIO
DA MORTE DE
MACHADO DE ASSIS



Pânico no QG de Adhemar :
JÁ É CONSIDERADA CERTA A
VITÓRIA DE CARVALHO PINTO



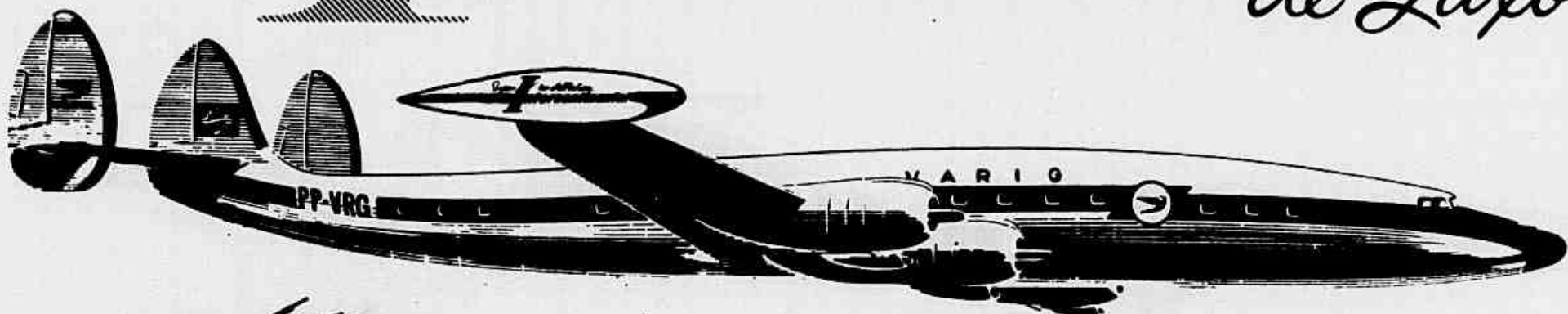
Rio

Trinidad

N. York

no ultra confortável

Super **Intercontinental** *de Luxo*



Agora, duas vezes por semana a VARIG realiza vôos ainda mais rápidos a Nova York, com uma escala apenas, Port Of Spain... em seus novos Super Constellation Intercontinental de Luxo... com radar, leitos confortáveis, poltronas espaçosas e um esmerado tratamento a bordo.

- * Também dois vôos semanais a Nova York via Belém e Ciudad Trujillo. Em ambas as rotas, acomodações e tarifas de Primeira Classe e tarifas econômicas na Classe Turista.

VARIG

O MELHOR SERVIÇO PARA NOVA YORK

Consulte seu agente de turismo ou as agências da Varig sobre os novos planos de financiamento da sua viagem ao exterior.

Ano 58 — N° 40, Rio, 4-10-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

LEIA:

A CAPA

Eiko Ando

REPORTAGENS

Machado de Assis, vivo	4
Herdeira do autor de «Dom Casmurro»	8
Cássio no Presídio	18
Irmão Zarur cumpriu a vontade do Senhor	28
Jogos da Primavera	32
Fala ao mundo o Presidente de Portugal	46
Machado de Assis e o Rio de Janeiro	54
Certa a vitória de Carvalho Pinto	62

SOCIAIS

Mariuzinha Maranguape	11
Kaleidoscópio	52

CINEMA

Uma «geisha» a caminho de Hollywood	14
-------------------------------------	----

NOVELA

Os galhos do cedro	28
--------------------	----

CONTO

João Fernandes	40
----------------	----

MODAS

Juvenis	50
---------	----

POLÍTICA

Trapézio	58
----------	----

SEÇÕES

Puxe pelo cérebro	22
A revista há cinquenta anos	38
Palavras cruzadas	45
Literatura e Arte	56
Humor	58

CRÔNICAS

Impressões de viagem	12
Encontro com Machado de Assis	66

CONTATO

ÊSTE número da REVISTA DA SEMANA é especialmente dedicado a Machado de Assis — o grande clássico brasileiro cujo cinquentenário da morte o Brasil inteiro acaba de comemorar no dia 29 de setembro. Todas as seções fixas da revista — o conto da semana, a crônica, a página literária, a “Revista há cinquenta anos” — são a ele dedicadas, incluindo-se ainda reportagens sobre diversos aspectos da vida e da obra do romancista de “Dom Casmurro” — como “Machado de Assis, vivo”, de Renard Perez; “Machado de Assis e o Rio de Janeiro”, de Brito Broca; e “A Herdeira de Dom Casmurro”, de Hélio Polito. Para o conto da semana, escolhemos uma página do grande escritor muito pouco divulgada — recém-descoberta por R. Magalhães Júnior, mas minuciosas pesquisas por ele feitas em jornais da época do escritor, e enfileiradas na coleção há pouco publicada pela Civilização Brasileira Editôra. Quanto à crônica — assina-a uma das maiores autoridades da obra machadiana — a ensaísta Lúcia Miguel Pereira, e que ainda mais valoriza esse número com que homenageamos a maior figura das letras nacionais.

APRESENTA ainda a Revista duas matérias sensacionais. “Fala pela primeira vez ao mundo, depois de eleito, o presidente de Portugal” — é uma delas, autêntica vitória de reportagem conseguida por Fernanda Reis, por nós enviada à Europa especialmente para entrevistar Américo Thomaz e Oliveira Salazar. Advertindo que será esta a única vez que falará à imprensa, quebra o Chefe de Estado português a reserva mantida desde a sua posse e dá, para o Brasil, uma importante entrevista sobre as diretrizes da política a ser traçada em seu governo.

A outra matéria para a qual chamamos a atenção do leitor é a reportagem intitulada “Cássio, no presídio”, — e que mostra a primeira carta escrita pelo jovem Cássio Murillo à sua mãe, desde o seu internamento na penitenciária. Com este documento, o famoso “affaire” Aída Curie, que abalou o Rio, volta ao cartaz em ângulo absolutamente inédito.

FINALIZANDO, temos a seção de Osório Nunes, apresentando os prognósticos eleitorais em todo o Brasil — através da relação dos principais candidatos ao pleito de 3 de outubro. Vale citar, ainda, a reportagem sobre Carvalho Pinto, candidato a Governador de São Paulo e o grande nome nas eleições daquele Estado.



Prova eloquente de que Machado de Assis continua sendo lido, é a contínua procura de sua obra, expressa nas constantes reedições de seus romances e contos.

MACHADO DE ASSIS, VIVO

Texto de RENARD PEREZ

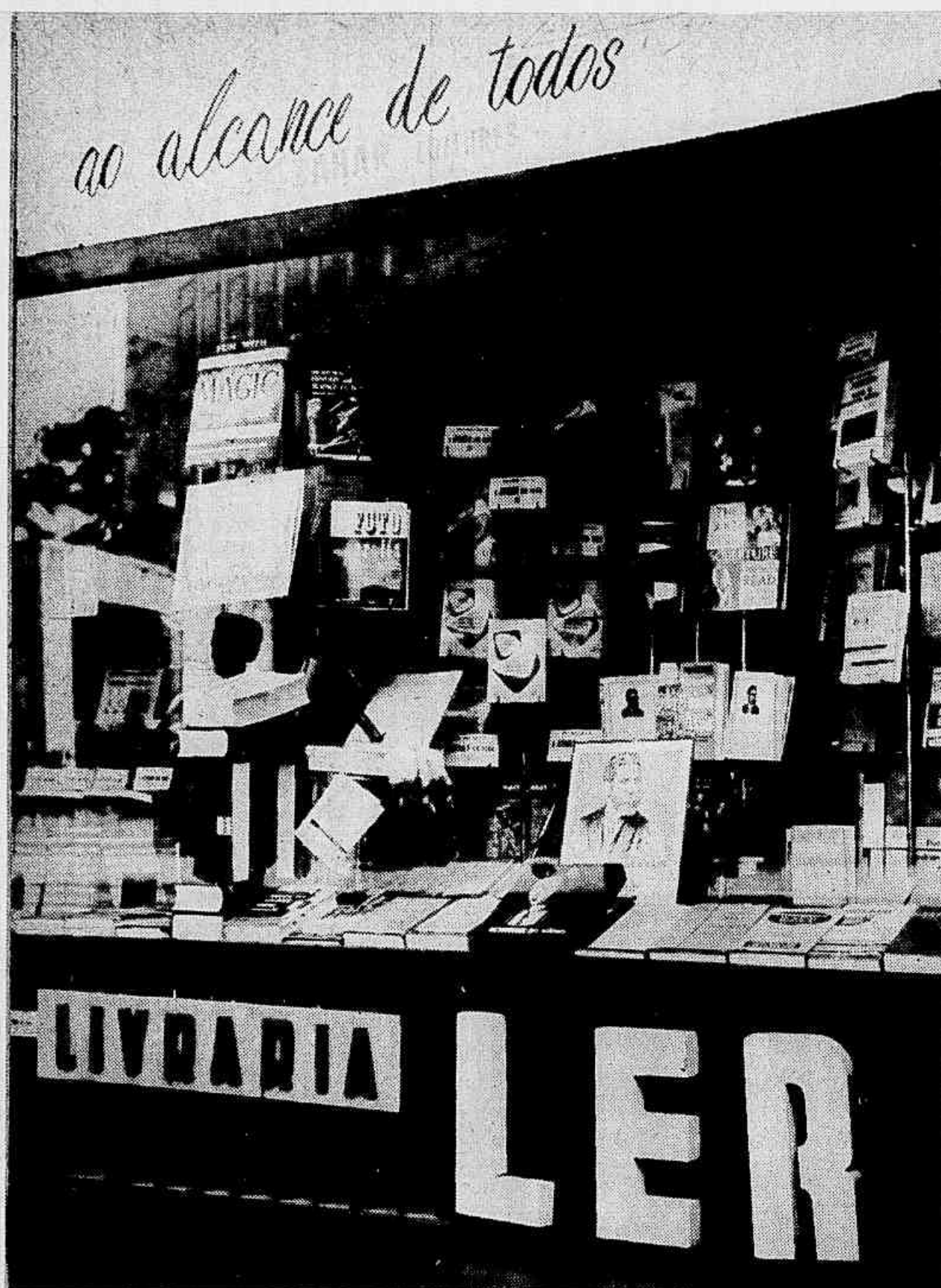
Fotos de HÉLIO POLITO

Há precisamente cinquenta anos morria, em sua casa no Cosme Velho, no Rio de Janeiro, o maior escritor brasileiro de todos os tempos: Joaquim Maria Machado de Assis. Morria, deixando um dos mais belos e preciosos legados que um brasileiro já deixou à sua pátria: uma vasta e poderosa obra literária, que nada fica a dever à dos maiores escritores do mundo.

Poucos foram os escritores que obtiveram no Brasil, como Machado, a consagração em vida. Mas mesmo aqueles que alcançaram essa glorificação — Coelho Neto, Olavo Bilac, Alberto de

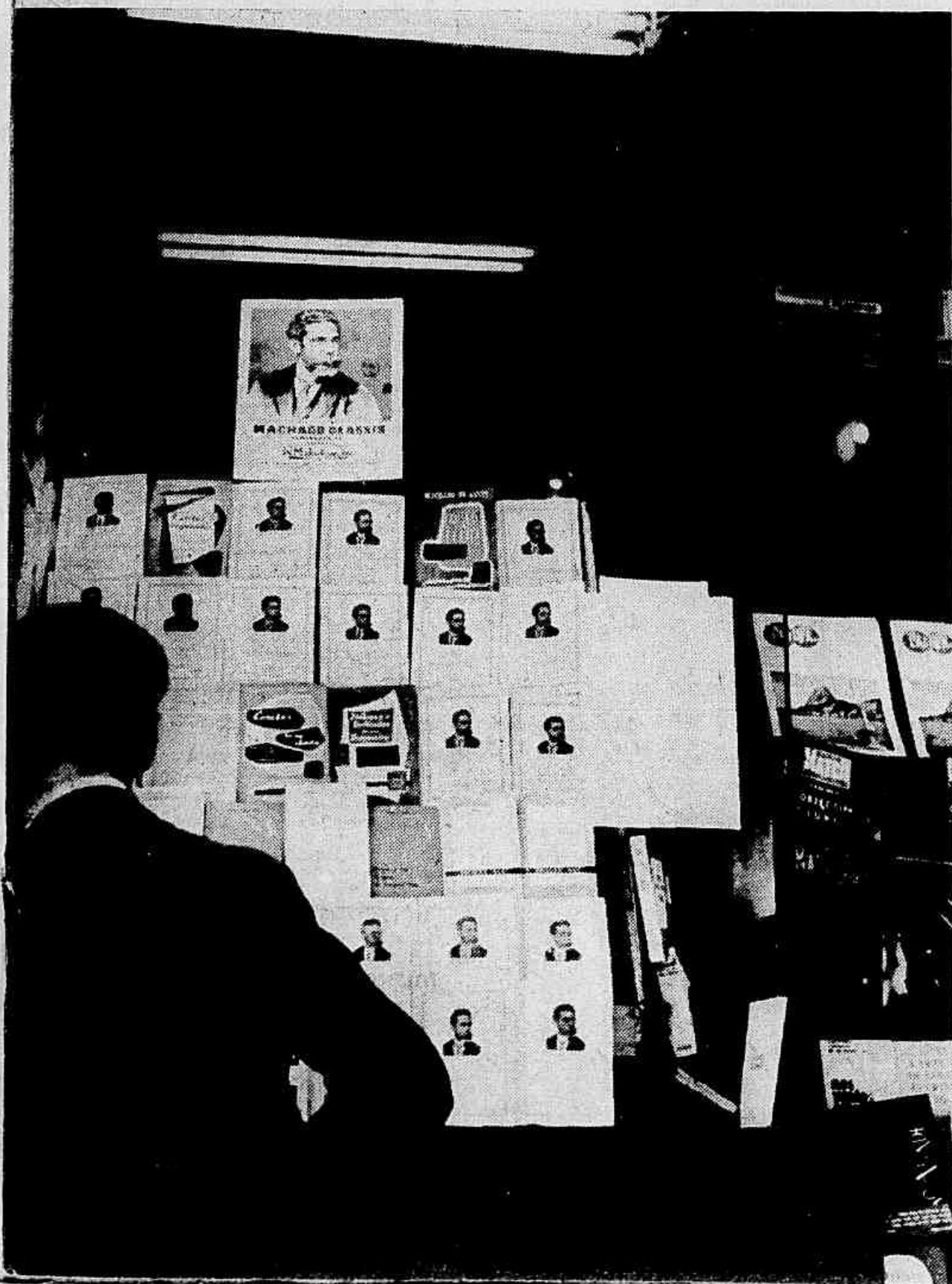
W. JACKSON
EDITORES





A Ler, embora especializada em livros estrangeiros, rendeu o seu preito ao grande romancista.

A Agir exibiu as obras de Machado. E o interesse, por parte do público, foi grande.



Mesmo uma editora especializada em obras jurídicas, como a

MACHADO DE ASSIS, VIVO



Não só as grandes editoras, mas também as pequenas, prestaram a sua homenagem a Machado. A Acadêmica, uma delas.



Freitas Bastos, homenageou o mestre.



A Jackson, que tem a propriedade da parte mais importante da obra de Machado, dedicou-lhe magnífica vitrina.

Oliveira — tiveram um declínio com o passar dos anos. Suas obras sofreram o desgaste do tempo, e os movimentos literários que vieram se sucedendo as relegaram, mesmo, a um certo esquecimento. Entretanto, a obra genial do autor de "Dom Casmurro" não só permanece em atualidade como o respeito em torno dela cresce de dia para dia. A revolução das gerações jamais o atingiu. Machado permanece intocável, absolutamente solitário na sua grandeza. E continua sendo lido, como mostram as sucessivas edições de seus livros. Um exemplo eloquente dessa atualidade, as inúmeras comemorações desta semana: festas e conferências, romarias ao seu túmulo, lançamento de reedições, aparecimento de novos estudos sobre o homem e o escritor, homenagens oficiais e particulares, a aceitação de suas produções, esparsas nos jornais da época, e agora reunidas em volume.

Machado permanece, na nossa literatura, mais vivo e mais atual do que nunca — o grande romancista que ele foi — espírito superior e profundo, exemplo de técnica e estilo, de linguagem pura e elegante — pessoal e inconfundível, que faz com que seja reconhecido através dos múltiplos pseudônimos que usou na sua variada colaboração na imprensa da época — por aquele requinte de expressão e de idéia, aquela universalidade na abordagem dos problemas, que lhe caracterizam a obra entre todas as existentes no Brasil. Seus delicados estudos da alma humana, sua zombeteira filosofia, seu amargo humor, os tipos por ele criados e que ficaram, ainda hoje, exemplos únicos na nossa literatura — são os responsáveis por essa extraordinária sobrevivência. Ainda hoje, é a sua Capitu a melhor personagem feminina do romance nacional. Todas as demais heroínas literárias de nossa ficção giram em seu torno, como frágeis figurantes. Os demais tipos por ele criados — entre outros, Bentinho, Braz Cubas, Rubião, Conselheiro Aires, Sofia, Virgília, Marcela — também constituem uma galeria inesquecível. Seus contos exemplares — "Missa do Galo", "Uns braços", "A Causa Secreta", "Umas férias", "O Alienista" — para citar apenas os mais divulgados; sua poesia — tão representativa naqueles nunca demais citados "A Carolina", "A Mósca Azul", "Círculo Vicioso", "Soneto de Natal"; suas lúcidas críticas sobre teatro e sobre poesia; suas deliciosas crônicas que nos dão um panorama feliz e completo de uma época: tudo isso fez de seu nome um Tabu, que os movimentos e revoluções literárias jamais conseguiram esmaecer. Seu nome se mantém, glorioso, atravessando o tempo, amparado nessa obra feita de lento artesanato, carinhosamente. Cinquenta anos se passaram desde a sua morte, aos 69 anos de idade, na trágica madrugada de 29 de setembro de 1908, cercado dos amigos e das figuras mais expressivas da literatura e da política de seu tempo: Barão do Rio Branco, José Veríssimo, Euclides da Cunha. E seu conto — apesar das grandes conquistas do gênero em todo o mundo — é ainda exemplo do que de mais moderno se fez nesse terreno da ficção; e seu romance, ainda, o ponto mais alto da literatura brasileira.

CUMPRE-SE O VATICÍNIO DE LOBATO

Referindo-se certa vez ao túmulo que é a língua portuguesa, vaticinava Monteiro Lobato que um dia, mais cedo ou mais tarde, o mundo viria fatalmente a conhecer Machado, e ficaria surpreso ao se lhe deparar tantas obras-primas saídas da pena desse brasileiro nascido humilde, e que realizou, durante a vida, serenamente, graças ao seu gênio e ao seu trabalho, uma obra monumental, bem superior à sua época e ao seu meio. Hoje, 50 anos decorridos de sua morte, cumpriu-se o vaticínio. No último decênio, a obra de Machado de Assis alcançou repercussão extra-fronteiras. Seus livros mais importantes, traduzidos para o inglês, francês, alemão, espanhol e italiano foram entusiasticamente acolhidos pela mais exigente crítica internacional.

Foi lendo "Braz Cubas" que o escritor húngaro Paulo Ronai se entusiasmou pelo Brasil e aqui veio morar. Foi também devido à leitura de Machado, que muitos de nossos autores tomaram o caminho das letras. A ele ainda, grandes nomes como Eugênio Gomes, Lúcia Miguel Pereira, Augusto Mayer, R. Magalhães Júnior devem o mais importante de seus trabalhos de crítica e de ensaio. E a ele deve, o país, a glória de ser projetado, intelectualmente, no mundo.

Herdeira do autor de "Dom Casmurro" apela :

QUE SE FAÇA LOGO O MUSEU MACHADO

"Apesar de não ter tido oportunidades de visitar sempre tio Machado, pois era uma criança, e dependia de que outros lá me levassem, eu gostava muito de tio Machado" — diz dona Laura Leitão Carvalho, sobrinha neta do grande escritor. E adianta :

— Creio que a grande estima que ele tinha por minha mãe, é que o fez tornar-me sua herdeira. Na realidade os dois eram grandes amigos.

Machado de Assis, que fizera em vida dois testamentos, o primeiro deles legando todos os seus bens a sua querida Carolina e o segundo a dona Laura, certa vez demonstrou muito interesse em adquirir um quadro que vira em uma exposição do pintor Fontaine. Mas os seus vencimentos (cêrca de quinhentos cruzeiros) no Ministério de Viação, não permitiam adquiri-lo pois estava sendo oferecido por três mil. "Foram os seus amigos que o compraram e lhe ofereceram" — diz dona Laura, apontando para a tela. E continua :

— Segundo mamãe, tio Machado teria gostado muito do quadro, ao ponto de falar diversas vêzes sôbre ele, porque certamente a moça da pintura se parecia com alguma personagem de um dos seus livros.

Dona Laura Leitão de Carvalho conserva com o carinho das grandes relíquias, todos os objetos que Machado lhe legara. Mas não é com facilidade que tem conseguido manter tudo em bom estado. Os livros, por exemplo, exigem um cuidado especial tendo de detetizá-los vez por outra, na luta sem tréguas contra as traças. Além dêsse valiosos livros possui ainda (deixados pelo escritor), um belo jogo de xadrez, uma caixa de fichas para jogo de cartas, uma cadeira, e a sala de jantar completa. Sem esquecer alguns quadros e vários documentos, inclusive algumas cartas de Machado para dona Carolina, quando ainda noivos. Entre os documentos fomos encontrar um curioso cartão postal onde se vê uma mulher sendo cortejada por dois homens, aparecendo ainda, um pouco mais afastado, um monge que também olha (discretamente) para ela. A legenda (em francês) diz : "Entre dois fogos". E Machado de Assis acrescentou, de próprio punho, assinando depois : "Por que não dizer logo, entre três fogos..."

Lamenta a herdeira do autor de "Dom Casmurro", que nem ela e nem os seus pais, estivessem no Rio quando morreu Machado de Assis. E explica :

— O meu pai (militar) estava servindo em Corumbá. Tio Machado havia conseguido a sua transferência para o Rio e nós estávamos em Montevideú, já de viagem para cá. Soubemos de sua morte pelos jornais, na capital do Uruguai, e como naquele tempo não tínhamos ainda aviões e os navios demoravam oito dias para fazer êste percurso, chegamos tarde demais, sem tempo até de assistir a sua missa de sétimo dia.

Somando o valor de todos os objetos outrora pertencentes a Machado de Assis, chega-se a uma cifra que representa uma pequena fortuna. Dona Laura entretanto (bem como os seus herdeiros), está disposta a doar tudo, contanto que o govêrno se comprometa a fundar o Museu do escritor. Ela teme também, que as contingências da vida moderna (falta de espaço bastante, nas residências de hoje), não permitam aos seus filhos e netos, guardar tudo bem cuidado, como o fez até agora. "E seria uma lástima se perder um patrimônio dêsses" — acrescenta.

Do grande Machado de Assis, uma frase a impressionou muito, apesar de ser pequena naquela época. Foi a que pronunciou quando a sua espôsa cerrou os olhos, para sempre. "E agora?" — dissera êle.



A DO DE ASSIS



DONA LAURA visita o túmulo de Machado de Assis três vezes por ano: no dia do seu nascimento, da sua morte, e no dia de Finados. Tem feito isso desde o seu falecimento. Sem nunca ter faltado uma vez sequer. Ainda no dia 29 de outubro, lá estava ela com o seu espôso, sòzinhos e bem mais cedo do que a hora marcada para a homenagem que seria prestada ao grande escritor pelos chamados "imortais" da Academia Brasileira de Letras. Homenagem aliás que não chegou a ser prestada pois sòmente compareceram Múcio Leão, Austregésilo de Ataíde e Rodrigo Otávio Filho.





MACHADO DE ASSIS CONHECIDO E DESCONHECIDO

COMPLETE SUA COLEÇÃO DAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS ADQUIRINDO ÊSTES VOLUMES, ONDE RECOLOCAMOS AO ALCANCE DO PÚBLICO TUDO O QUE ESTAVA ESPARSO EM JORNAIS E REVISTAS E, POR ÊSTE MOTIVO, INJUSTAMENTE ESQUECIDO.

Contos Esquecidos, Contos Recolhidos, Contos Esparsos, Contos Avulsos, Contos Sem Data

Organização e Notas de R. Magalhães Júnior.

Contos e Crônicas, Crônicas de Lélío, Diálogos e Reflexões de um Relojoeiro

Organização de R. Magalhães Júnior.

Poesia e Prosa

Organização de J. Galante de Souza

Idéias e Imagens de Machado de Assis

Dicionário de Pensamentos

Organização de R. Magalhães Júnior.



ALÉM DAS OBRAS DE MACHADO DE ASSIS, NÃO DEIXE DE LER DUAS OUTRAS, SOBRE ÊLE, QUE SÃO AS MAIS REVELADORAS DE SUA PERSONALIDADE E DE SUAS ATITUDES:

MACHADO DE ASSIS DESCONHECIDO (3ª edição) —

R. Magalhães Júnior

AO REDOR DE MACHADO DE ASSIS — R. Magalhães Júnior



SÃO LANÇAMENTOS DA

EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Rua 7 de Setembro, 97 — Rio de Janeiro

Rua 15 de Novembro, 144 — São Paulo

Rua Chile, 23 — Salvador

CARTAS

CAFÉ

"... e precisamos de idéias como estas de Mauricio Caminha de Lacerda, que mostrem com inteligência os problemas do nosso principal produto de exportação, atualmente ameaçado pela crescente concorrência africana. Parabéns pelo tom de advertência da reportagem."

Dr. João Mário Adrião — D.F.

INFORMAÇÃO

"... há alguns meses passados, o então deputado Paulo Bentes apresentou à Câmara Federal uma emenda à Constituição, reduzindo sensivelmente o prazo... somos aqui um grupo de funcionários, desejosos de saber algo a respeito disso, que é para nós da maior importância."

Alberto Soares — Belém

§ Pode aguardar uma reportagem sobre o assunto.

O Editor

AMOSTRA

"Peço favor não reparar no desenho pois nunca fui desenhista".

Juju — S. Vicente

§ Tem razão. Mas continue tentando e volte a procurar-nos quando quiser.

O Editor

ENDEREÇO

"... para o senhor me enviar o endereço completo daquela aeromoça que foi entrevistada por esta revista em 31-5-58 e cujo nome é Tânia."

Roberto Falavinha — Colombo (Paraná)

§ Quem dera sabê-lo, "seu" Roberto! Mas o repórter, autor do trabalho, resolveu fechar-se em copas, como se diz. Venha ao Rio e dê-nos uma "mãozinha" para reencontrá-la.

O Editor

AGRADECIMENTO

"Temos a grande satisfação de enviar-lhes em nome da Diretoria da LAREIRA os mais profundos agradecimentos pela esplêndida reportagem que a REVISTA DA SEMANA nos dedicou. Colaborações deste vulto não constituem apenas a consagração do nosso trabalho, mas demonstram o alto espírito cívico que orienta esse grande veículo da imprensa brasileira."

Adelina Giorgi Monteiro, Presidente (São Paulo)

MISS U

"Gostei de ver a reportagem. Vocês "descascaram" o tal promotor ranzinza sem dó nem piedade. Isso prova que podemos confiar na REVISTA DA SEMANA — como órgão independente e que sempre diz a verdade."

S.T. — D.F.

MONIZ VIANNA

"Felicitos por encontrar nas páginas da revista a seção de cinema assinada por Moniz Vianna. É mais uma razão que encontro para prestigiar integralmente a atual fase da R.S."

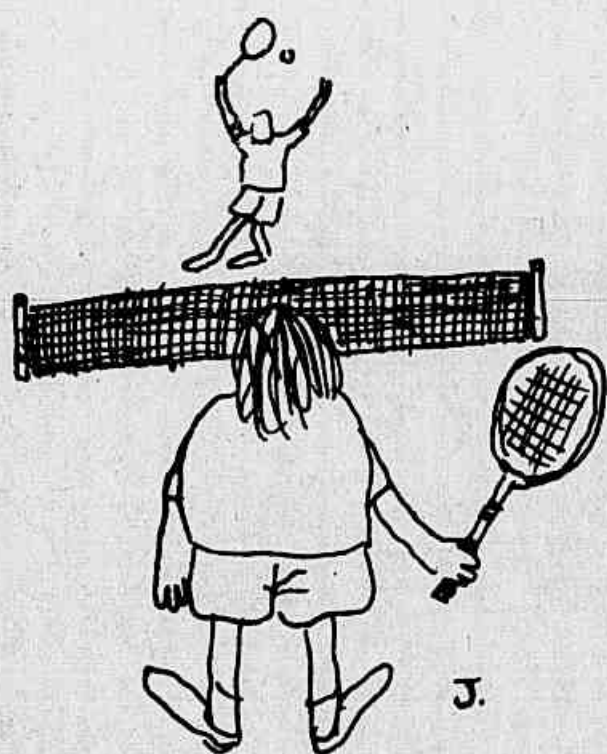
Alves de Mello — D.F.

"... acompanho há anos suas críticas diárias e conheço bem seu estilo. Há algum tempo que vinha notando seu dedo na coluna cinematográfica da REVISTA DA SEMANA. Quando a vi assinada por êle no último número considerei confirmadas minhas suspeitas. Estou certa ou errada?"

Cloé Barros — D.F.

§ Certíssima. E parabéns pela perspicácia. Embora só agora Moniz Vianna assine a seção de cinema, já há algum tempo vem colaborando conosco.

O Editor



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE

UMA DECEPÇÃO a menina Luz Marina Zuloaga, Miss Universo. Tipinho comum, de funcionária bonitinha, dêsses que o Rio exhibe em suas calçadas rendilhadas de branco e preto aos potes, entre cinco e seis horas da tarde. Soltem a moça na rua do Ouvidor e duvidamos que alguém a identifique como "a mais bela do mundo". Personalidade chegou ali e deu meia volta. A verdade é que ao lado de Adalgisa e da Zuloaga, Teresinha Morango dá um show. Como anda bonita a Morango!

CONTINUA PROVOCANDO comentários a carta de Sylvio Brandon Schiller, denunciando o descalabro da agiotagem bancária e colocando os seus bens à disposição do Banco do Brasil. Mariazinha só não entende uma coisa: onde andavam certos amigos de Sylvio, donos de sólido prestígio bancário, que não mexeram uma palha para safá-lo dêsses gigolôs da crise econômica?

HA MUITO TEMPO que eu não jantava no velho Bife de Ouro, cuja cozinha andara mais pra lá do que pra cá. Justiça se faça: o "Bife" voltou aos áureos tempos. Forma com o "Bistro" uma dupla de alta qualidade culinária.

CADA VEZ MAIS a vida de Niomar Muniz Sodré se prende a sua grande obra e grande sonho: o Museu de Arte Moderna. Até o seu dentista é vizinho do Museu. Basta atravessar a avenida Beira-Mar, sem perder tempo no trânsito maroto da cidade...

APÓS A CARREIRA a jato de "Tourbillon", no Copa, existe um grupo de ilustres notívagos que pretende convencer o tio Otávio e o Oscar a trocar o nome da produção de Zilco Ribeiro. Ao invés de "Tourbillon", simplesmente "Mystère". Além de exprimir melhor a intrigante ruindade do show, batizará o espetáculo-relâmpago com o nome do jato mais veloz do mundo...

GOSTA DO RIFI, este menino Márcio Moreira Alves, que há dias embarcou para os States em viagem turístico-jornalística. Há um ano atrás foi baleado no charivari das Alagoas. E agora resolveu dar um pulo até Little Rock, a fim de pôr o preto no branco nesta questão de segregação racial...

UMA HOSTESS famosa, que se viu privada da mansão onde por tanto tempo badalou o seu reinado, não se adaptou absolutamente à vida de apartamento. Tanto que adquiriu o restante do andar onde atualmente reside, a fim de utilizar duas cozinhas nos trabalhos domésticos: uma exclusivamente para carnes e peixes; outra somente para sopas e doces. Resta saber se o marido também irá montar dois bares...

PREOCUPAÇÃO GERAL com o tratamento de sonoterapia a que está se submetendo Mariozinho de Oliveira. Muita gente

receia que após a longa hibernação, ressurgirá um Mariozinho diferente, cavalheiro sensato e caseiro, abstinência e metódico. Enfim: um chato de galochas!

VAI PARA MARACANGALHA o cabeleireiro Renaud. Pelo menos os comandos sanitários o deixaram de uniforme branco, obrigatório, até segunda ordem...

SABADO, NO "SACHA'S", foi realizada uma prévia eleitoral para a disputa do Senado no Distro Federal. Resultado: Napoleão de Alencastro Guimarães, 17%; Afonso Arinos, 11%; Lutero, 9%; João Mangabeira, 2%; Mozart Lago, 1%; indecisos, 4%; e John Haig, vencedor absoluto, com 56%.

QUATRO MILHÕES, foi quanto abischoitou na Loteria Federal o casal Ermelindo-Helene Matarazzo. O dr. Peixoto de Castro devia desclassificar o duo, distribuindo a sorte grande pelas duas aproximações. Afinal de contas, de que vale esse dinheirinho miúdo para um Matarazzo? Eles deviam até se envergonhar de comprar bilhetes de loteria ou jogar no bicho.

OS INTELLECTUAIS cariocas estão de parabéns. Lady Wallinger, a nova Embaixatriz da Inglaterra, é francamente das letras e já publicou três livros sob o pseudônimo de Stella Zilliacus. Muito possivelmente o austero solar da rua São Clemente irá possuir um salão literário, lubrificado ao bom e legítimo uísque.

A FAMOSA organização norte-americana não funcionou no jantar oferecido pela Moore McCormack a JK, a bordo do novo "Brasil", moderno liner em viagem inaugural para a América do Sul. O jantar demorou três horas, com intervalos de meia hora entre cada prato. Lá pela sobremesa, já havia gente cochilando e fazendo a digestão do primeiro prato...

A CAMPANHA ELEITORAL brasileira coincidiu com a campanha eleitoral francesa, do referendun. Outro dia, a fim de fugir ao bate-bôca político de sua casa, dividida entre lacerdistas e trabalhistas, uma velha amiga de Mariazinha aceitou o convite que um casal francês lhe fizera. A desilusão foi completa, pois a francesada só faltou se engalfinhar durante o jantar, discutindo se devia dar "oui" ou "non" à constituição degaulista.

A BELEZA da sra. Paulo Cunha é apreciada internacionalmente. Ainda esta semana, palestrando com um diplomata americano de passagem pelo Rio, Mariazinha ouviu esta curiosa referência ao ex-chanceler de Portugal: "Aquêlê Ministro que tinha uma mulher linda..." Temos a impressão que o sr. Paulo Cunha irá passar à história assim mesmo: "O chanceler que tinha uma mulher loura e linda..."



RIO DAKAR RIO

(De bordo do "Super-G" da Lufthansa — Por FERNANDA REIS,
enviada especial da REVISTA DA SEMANA)

COM UMA PONTUALIDADE, perfeitamente alemã, saímos às 15 horas do aeroporto internacional do Galeão. Cinco minutos antes o potente avião ensaia as primeiras demonstrações da força dos seus quatro motores. E, a 229 kms, levanta vôo, numa subida perfeitíssima, até estabilizarmos a altitude para 4000 metros.

Horas depois da partida do Rio de Janeiro é trocada a altitude de quatro mil metros pela de seis mil e quinhentos. Há muito que nos libertamos do cinto de segurança e voltamos a fumar. Começa a vida de bordo.

A Lufthansa alcançou, de há muito, a maioridade absoluta e, como tal, uma eficiência extraordinária. A viagem cai na rotina e nós na leitura de um livro fascinante, da jornalista Lucy Freeman, "Fight Against Fears", traduzido com o nome de "A luta contra o medo". É uma confissão vibrante destinada a ajudar aqueles que se encontrem com o problema de enfrentar a vida, com a alma e a mente, facilmente sugestionáveis ao temor e à intransigibilidade.

Horas passadas, deixamos o Brasil e já estamos sobre o Atlântico a caminho de Dakar. O avião é cheio de conforto. Belíssimas poltronas e comida excelente, acompanhada por um Beaujolais agradabilíssimo.

Ao perder de vista o meu querido Brasil olho as montanhas que, vistas do alto, se perdem em imponência, ganham em beleza, recorte e profundidade. Como se a vissemos num Cinemascope, de tela destorcida, a paisagem refletia-se, disforme, no zinco polido de um dos motores. As nuvens são esfaceladas pelas potentes hélices e o avião segue tranqüilo, sem oscilações, deslizando por estes caminhos do céu tão meus conhecidos. Metade da tripulação do "Super-G" esteve na guerra da Europa. A outra metade é muito jovem e talvez esteja reservada para a que se aproxima.

O sol acompanha-nos, tingindo de púrpura as nuvens e cai no mar. A tarde declina e o céu está pincelado de lilás.

E, sobre o Atlântico côr de ardósia, as nuvens parecem arbustos exóticos vestidos de neve. A noite surge de súbito e, do outro lado do mundo, nasce mais uma manhã.

DAKAR — LISBOA

Duas horas da madrugada. Absoluto silêncio a bordo. Uma luz vermelha, atenuada, facilita e convida ao repouso. Através da minha janela, o luar, inunda de irreal claridade o interior do avião, o meu rosto e vem morrer na brasa do meu cigarro. Estou em paz. Só dá gosto pensar no que é belo, elevado e puro. As

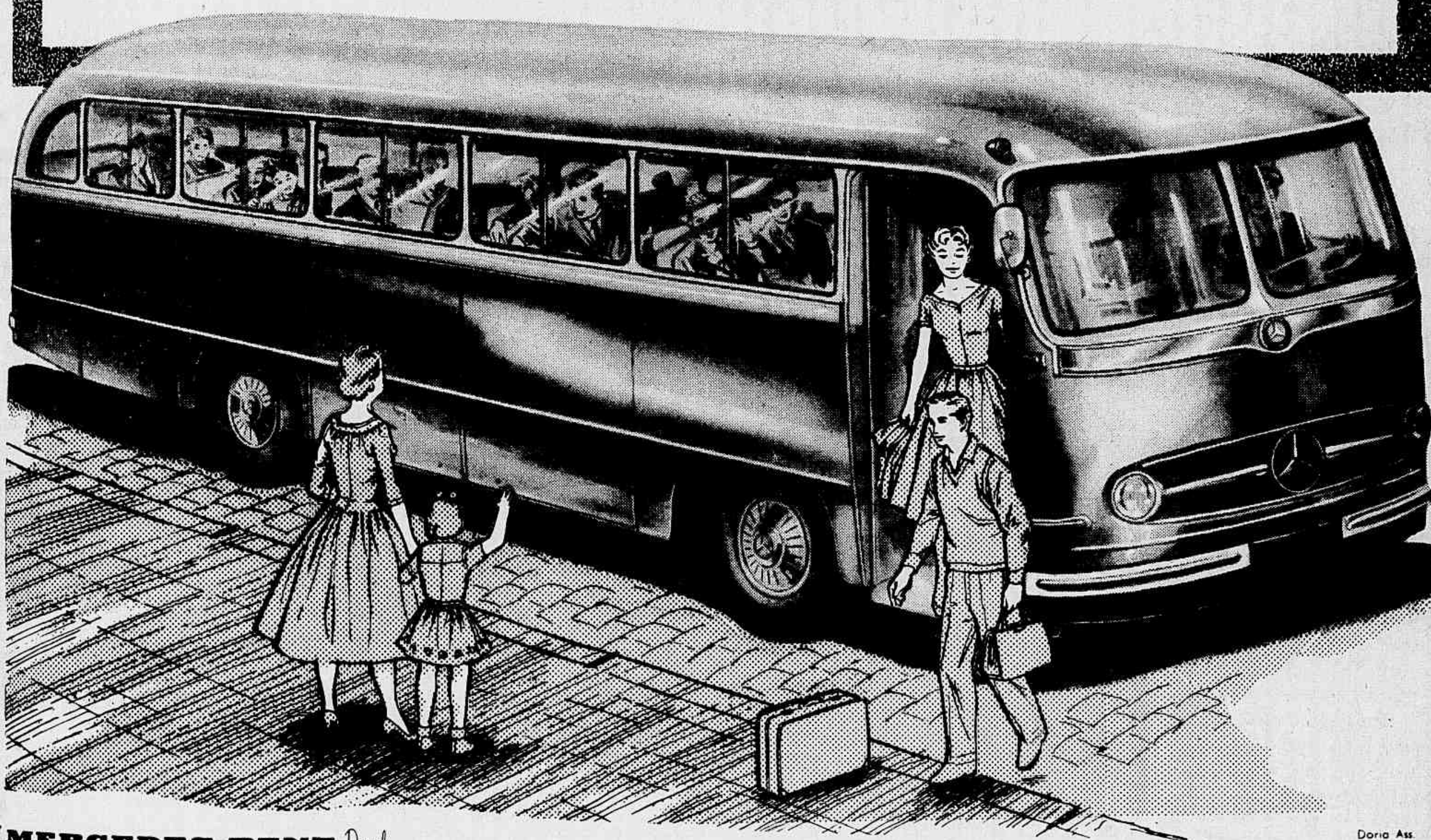
horas escorrem serenidade. Mais tarde eis-nos em África. A noite é negra, da côr dos seus filhos. Sobrevoamos o Senegal e aterramos no aeroporto internacional de Yoff, Dakar.

Uma hora depois levantamos vôo direto a Lisboa. Subimos a 5700 metros. Amanhece preguiçosamente e, lá em baixo, as luzes de "neon" esmaecem em contraste com a claridade do novo dia. Passamos sobre St. Louis e Port Etienne, ainda no Senegal, voamos pelo Sahara espanhol, deixando à esquerda Vila Cisneros e Ilhas Canárias e, à direita, Marrocos, interpondo-se entre o Atlântico e o Sahara francês.

Enviamos um pensamento bom à ensangüentada Argélia. E, com os olhos da alma e do coração, duma jornalista, ciosa de tudo o que não cerceie a liberdade individual e coletiva, firmemente adversária do comunismo e das suas manobras deselegantes, saúdo, ansiosa e vibrante, o Iraque e o Líbano, lá tão longe geograficamente mas, tão perto pelas leis sutis do sentimento. Peço a Deus, a cinco mil e setecentos metros de altitude, numa prece muda e purificada pela altura, que a paz desça sobre tão terríveis acontecimentos e não nos faça enfrentar uma nova Coréia de proporções desmesuradas.

A madrugada está vestida de tons roxos. As cidades dormem. Envolve-as, carinhosamente, uma espécie de neblina, fortemente cinzenta, como a preservá-las dum despertar brusco. O vento corta, violento, a uniformidade do vôo. Dormito um pouco. O dia nasce. Já voamos sobre Portugal. As montanhas, de côr verde-esmeralda, aqui e ali nuançadas de mais escuro, são lindíssimas. As hélices esfarrapam as nuvens que devem ser frias. Deixamos as montanhas. A planície aparece bondosa e honesta, na sua serenidade e espaço. Avistamos a Torre do Bugio, Cascais e o Estoril. Lisboa surge com o seu casario todo alinhado num jeito de ternura que a época sofisticada não consegue mudar. É uma cidade linda, ensolarada e meio tímida e de quem falam, amorosamente, de vez em quando, Eneida e o Antônio Maria. Subimos o Tejo a 510 kms à hora e aterrissamos, no aeroporto internacional da Portela de Sacavem, a 163 kms horários com a leveza e o "charme" dum belo pássaro. Agora podemos sorrir duns desenhos, cujos bonecos têm a seguinte legenda: "Caso V. Sa. tenha que abandonar a aeronave através de uma janela junto às asas e previamente aberta por um tripulante, observe atentamente a seguinte ordem: uma perna a cabeça, o tronco e a outra perna". O que é preciso é calma, não acham? E, mercê da técnica da Lufthansa e com a infinita bondade de Deus, acabáramos de perfazer, rapidamente, os 7990 quilômetros que nos separam do Brasil.

LANÇADO O 1º ÔNIBUS INTEGRAL FABRICADO EM SÉRIE NO BRASIL!



MERCEDES-BENZ Diesel
Modelo O-321-H

Sua Excia. o Ministro da Viação e Obras Públicas, Almirante Lúcio Meira, Presidente do GEIA, marca, com sua honrosa presença, a importância deste momento para a indústria automobilística nacional. Em São Bernardo do Campo, onde há menos de dois anos a Mercedes-Benz inaugurou sua fábrica Brasileira, já está em pleno funcionamento a linha de fabricação em série do primeiro ônibus integral produzido no país.



MERCEDES-BENZ
DO BRASIL S.A.

São Bernardo do Campo - Estado de São Paulo

CINEMA

MONIZ VIANA

UMA "GEISHA" A CAMINHO DE



a
at
tú
co
m

ja
de
pa
fil
há
20

é
m
en

A

na
se
ra
ca

na
de
vi
qu
co
an
es
do
em
pr
pa
tor
de

su
nê
es
fes
qu

tes
tar

Al

an
e
O
qu
o

HOLLYWOOD

Fotos T.C. Fox

HA MAIS DE QUARENTA ANOS, um ator japonês começou a brilhar no cinema americano. E até hoje Sessue Hayakawa, esse ator, está em atividade, depois de ter trabalhado também em estúdios europeus, e continua em grande forma, como se poderá comprovar, daqui a pouco, em **A Ponte do Rio Kwai**, a superpremiada realização de David Lean.

Sessue Hayakawa foi um pioneiro. Mas foi preciso que o cinema japonês se impusesse à admiração geral — o que só ocorreu depois de Hiroshima e Nagasaki — para que outros atores nipônicos passassem a integrar o elenco de filmes americanos. Todos esses filmes — ou quase todos — têm sido, aliás, feitos no Japão, onde, há pouco, o diretor John Huston realizou, por encomenda da 20th Century-Fox, **O Bárbaro e a Geisha** (The Barbarian).

Nesse filme, ainda não estreado nos Estados Unidos, o bárbaro é John Wayne e a "geisha" é uma jovem e bonita japonesa chamada Eiko Ando. E as aventuras dos dois são mostradas na tela em CinemaScope e, ao que parece, sem preconceito racial.

A GEISHA

Eiko Ando não nasceu no arquipélago, mas na cidade de Harbin, na Mandchúria, num dia 8 de maio, há 24 anos. Seus pais logo se mudaram para Dairen (Port Arthur), onde estavam prosperando ao começar a guerra. Em 1947, Eiko foi para o Japão, por causa da ocupação da Mandchúria pelos russos.

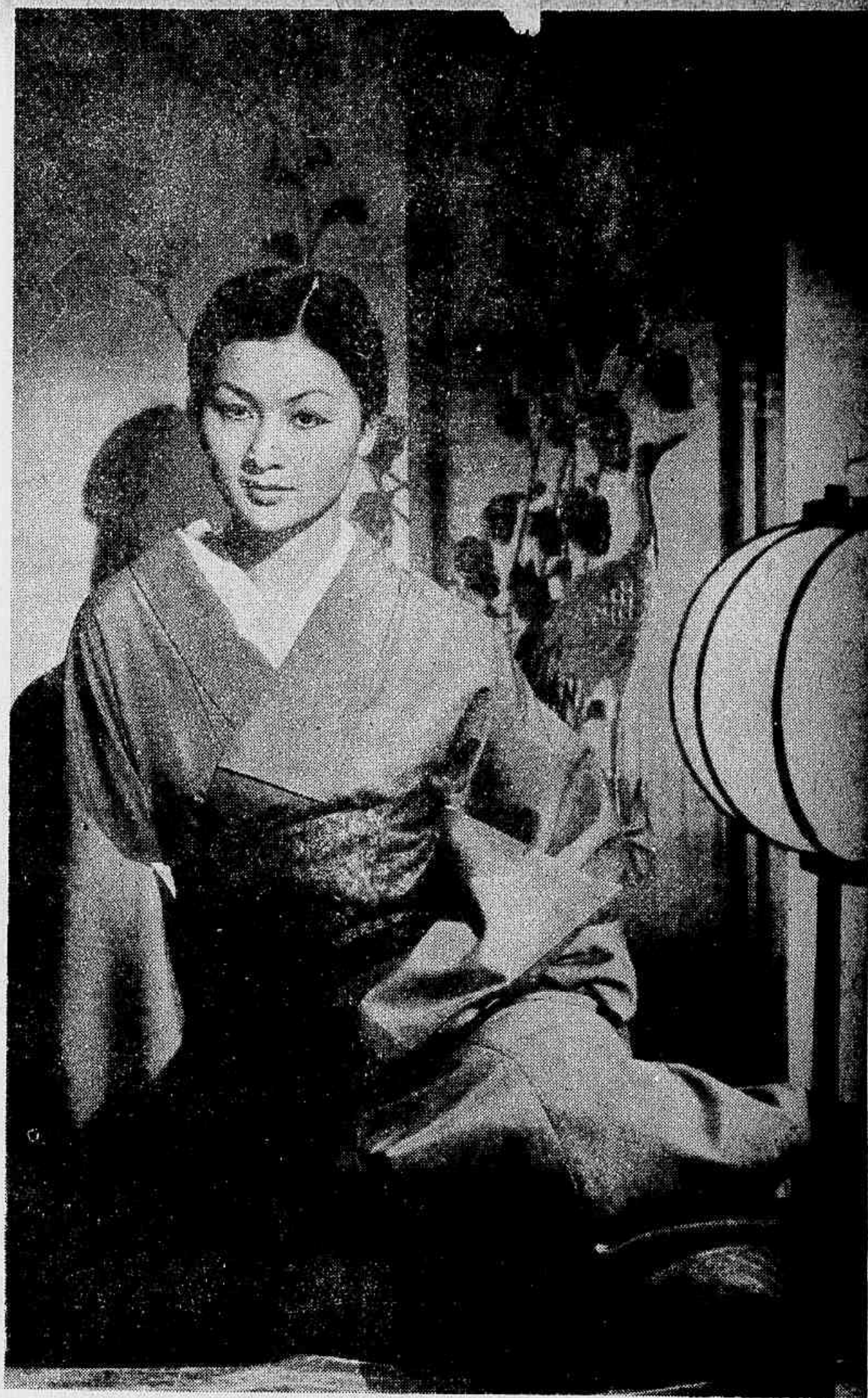
Em Tóquio fez o curso secundário, passando, a seguir, dois anos na Nippon Ongaku Gakko, a principal escola japonesa de música, de que saiu em 1953. No ano seguinte, com a morte do pai, Eiko viu-se obrigada a ganhar a vida por conta própria. Foi então que ingressou no mundo artístico, a princípio modestamente — como corista contratada pela Toho. Já não conseguia conter a ambição da carreira teatral. E, em 1956, deixou o Japão para estudar arte dramática em Nova Iorque — e foi até Paris. A doença de sua mãe a fez regressar, pouco depois. Novamente em Tóquio, Eiko continuou seus estudos de canto com um famoso professor. Ichiro Haruna, preparando-se agora com maior cuidado para a carreira. Ainda não se havia tornado popular como cantora quando um amigo a induziu a candidatar-se ao papel feminino de **O Bárbaro e a Geisha**.

O diretor John Huston, então, encontrava-se em Tóquio com sua equipe pronta para a filmagem. Faltava descobrir uma japonesa. Em sua primeira conversa com Huston, a esperta Eiko não estava muito esperançosa, como ela própria, mais tarde, confessou. "E eu fui logo lhe dizendo", esclareceu, "que não tinha qualquer experiência cinematográfica".

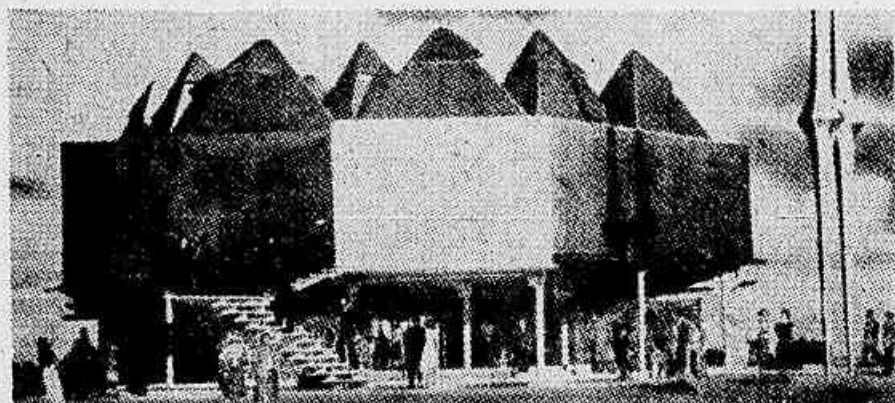
Não obstante, Huston convidou-a para um test. O resultado desse test foi o papel da geisha Okichi para Eiko Ando — e o estrelato também.

ANTES DE EIKO

Outras japonesas, antes de Eiko Ando, já foram estrêlas de filmes americanos. Mas, na quase totalidade, eram atrizes profissionais e de prestígio em seu país, ao contrário, portanto, da heroína de **O Bárbaro e a Geisha**. A primeira delas foi Shirley Yamaguchi, que, há uns seis anos, foi escolhida pelo diretor King Vidor para o papel feminino central de **Japanese War Bride**, em que era abor-



LIBRAIRIE HACHETTE S. A.



Pavilhão da LIBRAIRIE HACHETTE na Exposição de Bruxelas — 1958

Contando, muito embora, um século e meio de existência, só há trinta anos a LIBRAIRIE HACHETTE S.A., de Paris, começou a se dedicar à difusão da cultura francesa. Hoje, expede e vende para todo o mundo a maior parte dos livros e os periódicos editados na França. Por se achar colocada no primeiro plano entre as grandes Editoras da Europa, esta a razão forte da existência do «Pavilhão Hachette» na Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, atualmente em transcurso.

Nesse pavilhão, que tem uma área de 300 m², está construído com material plástico pouco conhecido, mesmo na Europa, e montado sobre estrutura metálica, cerca de 400 toneladas de papel impresso (catálogos e documentação em geral) vêm sendo distribuídas aos visitantes, que, de todas as partes do mundo, acorrem à Exposição, por nove gentis «hôteses» dirigidas por três competentes e especializados responsáveis.

Estas «hôteses», que simbolizam a difusão Universal da Cultura francesa, razão mesmo da própria Hachette, foram escolhidas, inclusive uma brasileira, entre as várias nacionalidades. Cada vez mais apreciado e admirado pelos que o visitam, o Pavilhão Hachette, em Bruxelas, é, em verdade, mais um grande esforço de propaganda que faz a grande Livraria e Editora, tão intimamente ligada à causa da cultura e do idioma francês no mundo.

LIBRAIRIE HACHETTE S.A. DO BRASIL

Pioneira do serviço de importação grupada de livros desde 1953

Avenida Erasmo Braga, 299 — 4º andar — Caixa Postal, 1969 — Tel. 22-3326 — Rio de Janeiro — Brasil.

APRENDA

A DANÇAR

CHÁ-CHÁ-CHÁ

DOIS E UM

GUARACHA

BOLERO

MARCHA

RUMBA

SWING

SAMBA

TANGO

MAMBO

BAIÃO

CHORO

VALSA

FOX



em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias de Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON N° 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON N° 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 — Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N°

NOME

RUA N°

CIDADE

ESTADO

Por Vale Postal Cr\$ 150,00

CINEMA

EIKO ANDO

É A NOVA ESTRELA

DESCOBERTA

EM TÓQUIO PELO

DIRETOR

JOHN HUSTON

John Wayne, o primeiro galã americano no Japão. Nem to muitos anos atrás, quando se

dado o problema, surgido com a ocupação do Japão pelos americanos, do casamento inter-racial, sempre visto com desagrado pelos representantes da raça que se considera superior, mas que apenas tem a pele mais branca — ou mais sardenta.

O mesmo problema foi desenvolvido, em feição mais turística, todavia, num filme ainda inédito no Rio e baseado em obra de James A. Michener: *Sayonara*, com Marlon Brando trocando a ruiva Patricia Owens pela amarela Miiko Taka. Outra atriz japonesa, Miyoshi Umeki, tem um papel mais dramático, que termina num duplo *hara-kiri*, nesse filme rodado em Tóquio pela equipe comandada por Joshua Logan e no qual o mexicano Ricardo Montalban faz o papel de um ator do secular teatro *kabuki*. Em outro filme de Marlon Brando, anterior a *Sayonara*, e com o famoso ator caracterizado à moda oriental — *A Casa de Chá do Luar de Agosto*, igualmente rodado no Japão — apareceu no papel de uma adorável (e divertida) *geisha* a atriz Machiko Kyo, que já se havia firmado entre as melhores do cinema japonês, por sua atuação em *Rashomon*.

Eiko Ando, assim, é mais uma japonesa — e a segunda *geisha* — que vem brilhar no cinema do Ocidente.





de Eiko Ando, faz o papel de Townsend Harris, embaixador dos, no Departamento de Estado, são racistas — ou não eram, desenrola a história (verídica) contada em O Bárbaro e a Geisha.

O BÁRBARO E HUSTON

John Wayne, o primeiro nome do elenco, é o bárbaro que encontra a geisha — ou também é o coronel Townsend Harris, que foi embaixador americano no Japão no fim do século passado. A carreira desse embaixador, vista com relêvo ainda pelo ângulo romântico, é o tema de **O Bárbaro e a Geisha**, em que figuram também, abaixo de Wayne e Eiko, o excelente Sam Jaffe (grande intérprete de outro filme de Huston: **O Segrêdo das Jóias**) e vários japoneses, entre os quais So Yamamura.

A maior sorte de Eiko Ando não foi ter-se convertido, da noite para o dia, em estrela de Hollywood — foi a de ter começado ao lado de John Wayne, que continua entre os melhores e mais populares atores americanos, e sob a direção de John Huston, um dos poucos cineastas realmente grandes do momento, sem um só insucesso em toda a sua carreira e responsável, entre outros filmes de extraordinário valor, por **O Tesouro de Sierra Madre**, **Uma Aventura na África**, **Moulin Rouge** e **Moby Dick**.

Se Huston confiou em Eiko, o êxito da jovem japonesa (pelo menos em **O Bárbaro e a Geisha**) está garantido.

ÓLEO DE CEDRO



INEGAVELMENTE
O MELHOR PARA
OS MÓVEIS

RUA MEXICO, 111 - 21.º - S/2.105

Tel.: 32-9415

6 LIVROS... 6 MAGNÍFICAS SUGESTÕES PARA O AUMENTO DE SEUS CONHECIMENTOS

- 1 — ANALISE LEXICA E SINTATICA — Sintaxe gramatical — Modelos e exercícios, por Modesto de Abreu Cr\$ 80,00
- 2 — CORREÇÃO DE TEXTOS — para exames e concursos por Modesto de Abreu Cr\$ 90,00
- 3 — A LINGUAGEM USUAL E A COMPOSIÇÃO (Obra premiada pela Academia Brasileira de Letras), por Júlio Nogueira... Cr\$ 150,00
- 4 — REGÊNCIA VERBAL — Sintaxe e estilística dos principais verbos, por Modesto de Abreu Cr\$ 150,00
- 5 — VERBOS CONJUGADOS — Quadros completos, acompanhados de sua filiação histórica, notas ortográficas, significados e indicações quanto ao emprego, por Modesto de Abreu... Cr\$ 100,00
- 6 — PROBLEMAS RESOLVIDOS DE MATEMÁTICA — Admissão 410 Questões de concurso, resolvidas e raciocinadas — Passadas nos exames do Instituto de Educação, Colégio Pedro II e Colégio Militar, pelo Cel. Maurício Pirajá..... Cr\$ 150,00

Para o Admissão:

Remessa para todo o Brasil pelo REEMBOLSO POSTAL
Pedidos à

LIVRARIA FREITAS BASTOS, S.A.

Largo da Carioca — C. Postal, 899 — Rio de Janeiro

PREENCHA, CORTE E REMETA

Nome
Profissão Especialidade
Rua Nº
Cidade Estado

OBSERVAÇÃO: Indique com X os livros que deseja receber 1 2 3 4 5 6

Revista da Semana

"Mil" lhe oferece:



Ferramentas
OFICINAS
AMADORES

ESTOJOS SOCALTES
CATRACAS ESTRIAS



Pessoal Técnico Especializado
GARANTIA e HONESTIDADE

R. MEXICO - 98A

52-1066 - 22-6144

RIO DE JANEIRO

Só na
Mil

SAO PASSADOS DOIS MESES e meio desde a morte de Aída Curi. Cácio — ele se assina com o segundo e — Murillo, responsabilizado pelo assassinato da jovem, foi recolhido ao SAN em fins de julho. Passava a vestir o uniforme cinzento do Reformatório, emplacado ao peito seu batismo numérico. Mas lá não se demoraria muito. No dia 21 de agosto era removido para o Presídio do Distrito Federal. O requerimento do SAM que solicitava sua imediata transferência, alegara que Cácio promovia constantes distúrbios no estabelecimento, pela subserviência que procurava impor a outros internos. O Juiz de Menores Rocha Lagoa atendeu à petição, ordenando que Cácio fôsse removido para a Penitenciária Professor Lemos. Diante dêste despacho, o diretor do SAM voltou a interpelar o magistrado, ponderando a incompatibilidade da medida, já que na Casa de Correção designada inexistia uma seção especial para recolhimento de menores. Por êste motivo foi consumada, finalmente, a ida de Cácio para o Presídio da rua Frei Caneca. Desenrolava-se mais um capítulo da novela que emocionou a opinião pública com tanta violência.

Privado dos luxos de sua vida despreocupada, Cácio Murillo ainda procura, da prisão, a liberdade. Insiste em sua inocência. Insinua acusações, afirma haver defendido Aída contra "o outro". Sua culpabilidade é tida como líquida e indiscutível, mas ele ainda renuncia à uma confissão definitiva. Haverá ainda algo a dizer sobre o crime do Edifício Rio Nobre?

"QUE CULPA TEM MEU FILHO DE TER NASCIDO?"

Procuramos entrevistar a mãe de Cácio, d. Cacilda Soares, no seu apartamento, situado no mesmo edifício de cujo terraço Aída Curi foi atirada ao solo da Avenida Atlântica.

D. Cacilda é mãe como outra qualquer e humana como todos nós. Está profundamente abalada e fala pouco. As nossas primeiras perguntas responde com dificuldade. Sua narrativa, de quando em vez, é interrompida por soluços e lágrimas de dor que ferem a alma, traduzindo, por outro lado, a grande tristeza de que está possuída, quando se recorda que há 12 anos passados assassinou seu espôso e foi manchete de jornais como hoje é seu filho.

Perguntamos à d. Cacilda se o fato de ter ela assassinado seu espôso não teria influído no espírito de Cácio. Em prantos, nossa entrevistada responde com evasivas e acentua — "que culpa tem meu filho de haver nascido?". Procuramos acalmá-la e indagamos a respeito de uma carta que lhe fôra dirigida por Cácio Murillo, após ser transferido para o Presídio. D. Cacilda esclarece: "Recebi, sim, uma carta de meu filho. Ele procura confortar-me quando deveria ser o contrário. Aliás, a sua tranquilidade no Presídio é uma prova de inocência. Posso jurar que meu filho não matou ninguém."

Indagamos à mãe de Cácio se poderíamos ler a missiva de seu filho. A resposta foi afirmativa, e mais, conseguimos aquele documento para publicar em "fac-símile".

Que ela saiu do punha de Cácio é letra morta. O mais elementar exame grafológico serviria de comprovante. Mas quanto ao seu conteúdo é que poderão ser levantadas suspeitas. A certeza do destaque com que a carta seria dada a público pode perfeitamente ter levado aqueles que defendem a inocência de Cácio, a lhe orientarem nos pontos mais convenientes de serem abordados. Mesmo que se admita que Cácio tenha escrito a carta sozinho, o texto convida o leitor a uma irrecusável impressão de farsa. E como se quisessem transformar uma legítima tragédia numa novela radiofônica para debulhar em lágrimas o grande público.

Cácio dirige-se inicialmente à mãe, com palavras de estímulo e confiança. Repete a sua inocência. Em seguida dirige-se ao padrasto, a quem tem como modelo de hombridade. Afirma estar — inocentemente — agüentando tôdas as conseqüências e ser o único dos três acusados com coragem para fazê-lo. Mais adiante fala paternalmente ao primo (Helinho) dando-lhe conselhos com sisudez que não encontramos em muito homem de meia-idade. Ao fim da carta chegamos à conclusão de que o "play-boy" e delinquente juvenil se derreteu. Que o tratamento penitenciário produziu em Cácio uma regeneração em tempo super-sônico. As palavras que escreve são solenes, maduras, afetuosas. Não esquece ternas recomendações à vovó. Termina com uma proclamação dramática, em maiúsculas, à d. Cacilda, para que ela "espere com paciência" o dia da Liberdade.

Eis o documento, transcrito na íntegra:



Da prisão, Cácio escreveu sisuda carta aos pais, reafirmando-

CÁCIO MURILLO, DO PRESIDIO:

- QUANDO AQUI SECA



lhes sua inocência.

D. Cacilda, em prantos: "Posso jurar que meu filho não matou ninguém".

CAI SE PERDEM TODOS OS SENTIMENTOS

Reportagem de NEY MIGOWSKI — Fotos de EMANOEL ALMEIDA

"Lembre-se que não passarei aqui a vida toda."

Presídio do D. Federal

Rio, 1º de setembro de 1958

Querida mãezinha, são poucas e raras as linhas, que na qualidade de prêso tenho calma e memória para escrever-lhe.

Quando este pedaço de papel, chegar às suas mãos, sei que será lido com o máximo de atenção e lágrimas nos olhos, pois és mãe, e mãe de um filho que de ti foi separado pelas linhas tortas do destino e pela lei que cega de justiça de ti o roubou. Mas, podes estar certa e andes de cabeça erguida, que teu filho, "eu" nada fiz para que minha honra fôsse afetada, nem para ser alcunhado de assassino, pelo contrário agi com um homem age, defendi a moça das mãos do outro.

Dize ao Dr. Rebelo que a carta por ele escrita foi uma carta muito comovedora, compreensível, confortadora e também altamente humana e inteligente.

É chegada a parte das linhas, aqui escritas em que me dirijo ao meu pai e Cel. Adauto Esmeraldo, procurando revelar, não muito tarde que aprendi a seguir seus certos conselhos, de homem honesto e de caráter e de posição também honesta na vida, e que me quer, a mim mais que um filho. Minha mãe, passe a carta ao Cel. por favor. Meu bom pai, venho dar-lhe também satisfações a meu respeito, pois só agora consegui compreender que tudo que me dizias era em intenção de não vir a me ver mais tarde onde me encontro agora, era com a intenção de não ver seu filho dito como assassino, monstro e transgressor de leis. Era com a simples e total intenção e força de vontade de me ver mais tarde, um homem como o Sr., formado pelo seu próprio esforço e merecedor de ser chamado de seu filho como é o Avelino. Mas nem tudo está perdido pois tenho a vida pela frente e pretendo aproveitar-me dela para vencer e poder no futuro dar aos meus filhos conselhos tão bons quanto os seu e também poder ter mais um pouco de experiência, ou mais do que os outros têm.

Papai, estou passando uma prova de fogo na vida que só se sabendo ser homem consegue-se passá-la e vencê-la como todo homem de caráter vence. Estou fazendo o que o Sr. faria se estivesse em meu lugar, não estou acusando ninguém sem o poder fazer, nem tampouco estou mentindo para me encobrir, se realmente eu tivesse feito algo de mal à pobre moça seria o primeiro e o único de nós três a dizer, e arcar com as conseqüências. É exatamente o que o Sr. faria, não?

Pai acredite em mim, pois modifiquei muito, podendo agora ser merecedor de sua confiança e amizade. Saberei me conduzir

como o Sr. se conduziria se aqui estivesse. Por favor passe para que minha mãe continue a ler, pois dirigir-me-ei agora a ela, a todos os meus parentes, amigos.

Mamãe esforce-se por me tirar daqui, provando que nada fiz, pois é duríssimo passar pelo que não se fez. Quando aqui se cai, eu como qualquer outro, perdemos todos os sentimentos, para vir-mos a nos tornar bichos. Mande à todos lembranças e votos de felicidades, principalmente a dona Paula, por ter desdobrado-se para ajudar-me e por ter sido boa tanto para mim, como para você. A Maria José, por ter sido além de muito boa, tomou o lugar de minha irmã e conselheira. Ao Antônio futuro médico pelos mesmos motivos que sua futura esposa. Ao Avelino por ser meu irmão. A Anna Maria por ser minha cunhada e irmã. Ao Zeca e todos os meus tios e tias, ao Sr. Carcorano, ao Dr. Uchôua, Sra. Uchôua, Egidio, e a minha querida "tia" Sra. Rebelo e filhos.

Especialmente ao meu primo Hélinho, que demonstrou ser o homem que todos o sabem, ser, corajoso de bom coração humilde, delicado e amoroso. Meu primo, quando daqui sair te agradecerei de todo coração. Deus reconhecerá que o tudo que tu fizeste de bom coração. Meu primo tu vencerás na vida, serás um grande homem integro e de responsabilidades. Por favor termine seus estudos porque é o caminho para vences.

Espero que minha avó esteja passando bem, e não esteja preocupada por minha causa. Pois quando sair daqui quero que esteja boa de saúde e que viva muitos anos, para aconselhar seus tetranetos.

Como lembrança para minha mãe peço que leia aqui:

MINHA MAE, LEMBRE-SE SEMPRE,
QUE NÃO PASSAREI AQUI A VIDA
TODA, POR TANTO NÃO HA MOTIVO
PARA SE DESPERAR.
ESPERE COM PACIENCIA POIS
UM DIA NOS UNIREMOS PARA
A FELICIDADE QUE SÓ A MORTE SEPARARA

Com infindas felicidades de todos amigos e parente que aqui deixo de conviver com vocês por meio deste pedaço de papel.

Convide a Sra. Maria Augusta e Elzinha para virem me visitar.

de seu filho

(a) Cácio M. F. Silva



Com infundadas falsidades de tal
 natureza e parente que não deixa de ser
 um caso sério por haver deste pinto de papel.

Com a sua filha Augusta e Elzinda
 que vivem em Lisboa.

659554.

do seu filho.

Carlos de F. Lima.

PRESENTE na ocasião da entrevista, estava o dr. Carlos de Araújo Lima, advogado dos "Cães", que assim falou à Revista da Semana: — "O problema de Cácio, infelizmente, não é só dele. É uma questão que atinge a todos os menores que constituem (como diz o Ministro Nelson Hungria) não uma juventude transviada, mas sim uma adolescência desprezada. Quero deixar bem claro — acentuou — que luto, agora, para dar ao menino, aquilo que a justiça não nega a um cachorro" — e explica: — "a lei de proteção aos animais esclarece no inciso 22 do artigo 3.º, que constitui maus tratos, passivos de punições, o fato de se ter animais presos juntamente com outros que os ataquem ou amedrontem. É desse modo que situo o caso de Cácio Murilo. É preciso que a justiça seja mais justa".

Com as declarações do advogado Araújo Lima, demos por encerrada a nossa entrevista.

LIVROS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

LITERATURA, ARTE,
CIÊNCIAS SOCIAIS



Sempre as últimas novidades publi-
cadas na Argentina, Espanha, Es-
tados Unidos, França e Inglaterra



LIVRARIA **LIER**

Rio: Rua México, 31-A — Tel.: 22-0350
S. Paulo: Pça. da República, 71 — Tel.: 36-8371

POMADA MINANCORA

*Um verdadeiro
tesouro!*



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

PUXE PELO CÉREBRO

Contagem dos pontos: 9 perguntas certas — ex-
celente; de 6 a 8 — muito bom; 4 e 5 — bom;
3 — fraco; 1 e 2 — mediocre; 0 — o fim.



- Afrânio Peixoto?
- Peregrino Júnior?
- Lúcia Miguel Pereira?

5 — Machado de Assis foi à Eu-
ropa:

- Uma vez?
- Duas vezes?
- Não foi?

6 — O famoso conto de Machado
de Assis — "Missa do Galo"
está incluído em:

1 — Carolina Augusta, esposa
de Machado de Assis, nas-
ceu em:

- Minas Gerais?
- Distrito Federal?
- Portugal?

- Páginas Recolhidas?
- Histórias sem data?
- Relíquias de Casa Ve-
lha?

2 — "Não tive filhos, não trans-
miti a ninguém o legado da
nossa miséria" é a frase fi-
nal de:

- Dom Casmurro?
- Memorial de Aires?
- Memórias Póstumas de
Braz Cubas?

7 — Machado de Assis manteve
uma longa correspondência
de 26 anos (que durou até
sua morte) com:

- Quintino Bocaluva?
- Joaquim Nabuco?
- José de Alencar?

8 — Maria Inês é o nome da:

3 — Machado de Assis vendeu
o direito de suas obras à li-
vraria:

- Garnier?
- Francisco Alves?
- W. M. Jackson?

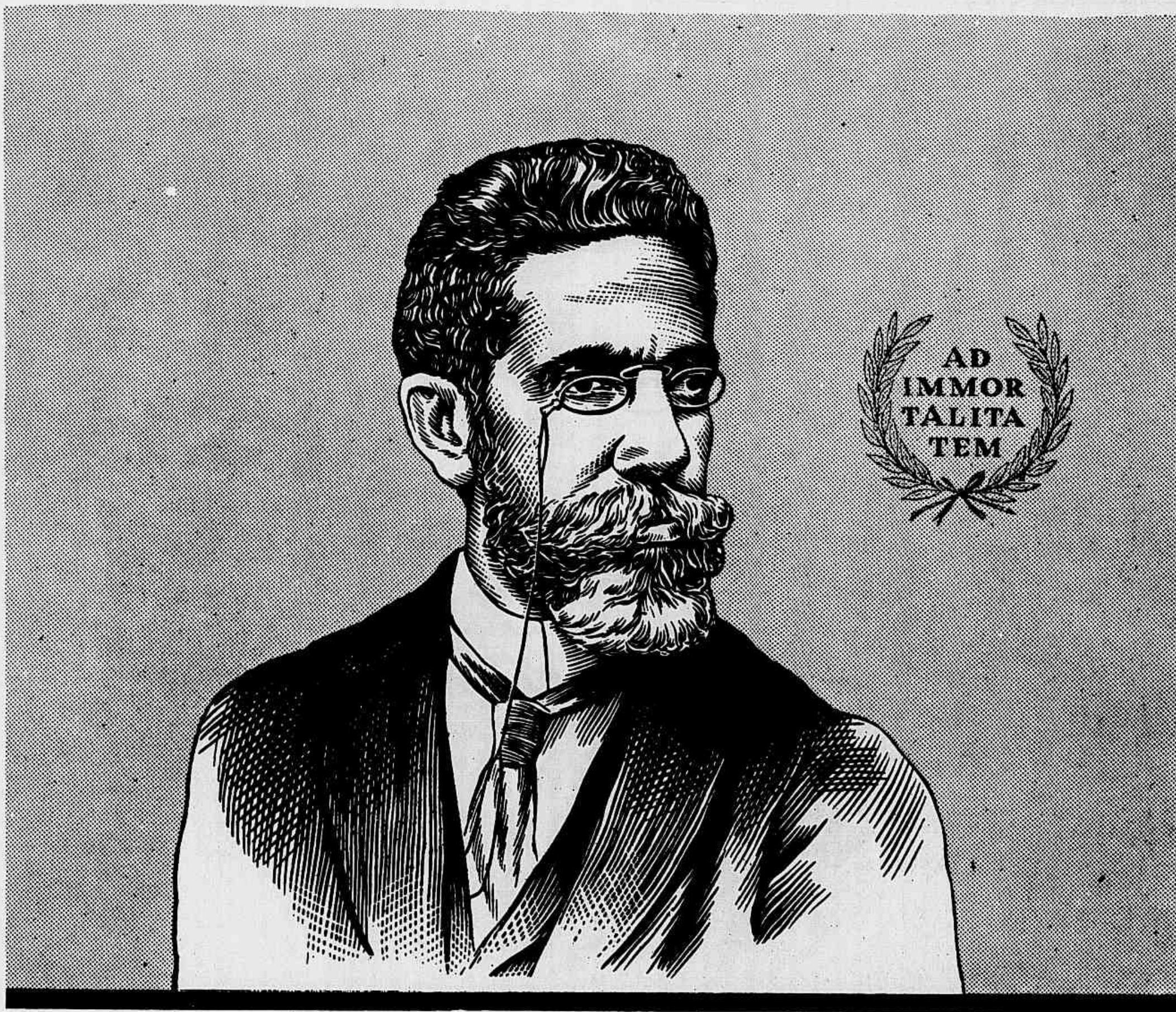
- Mãe de Machado?
- Irmã?
- Madrasta?

9 — A obra de Machado foi du-
ramente atacada por:

4 — "Doença e Constituição de
Machado de Assis" é um
livro de:

- José Veríssimo?
- Sílvio Romero?
- Agripino Grieco?

RESPOSTAS: 1) Portugal; 2) "Memórias Póstumas de Braz
Cubas"; 3) Garnier; 4) Peregrino Júnior; 5) não foi; o grande
romancista nunca saiu do Brasil; 6) "Páginas Recolhidas"; 7) Joa-
quim Nabuco; 8) da madrasta de Machado; 9) Sílvio Romero.



HOMENAGEM A MACHADO DE ASSIS

Exatamente há meio século, no dia 29 de setembro de 1908, deixou de existir Joaquim Maria Machado de Assis, o príncipe das letras brasileiras e um dos marcos de toda a literatura em língua portuguesa.

Tendo experimentado todos os gêneros literários, Machado de Assis distinguiu-se em todos eles, sendo considerado Mestre no romance e no conto, poeta exímio e excelente teatrólogo, crítico e cronista. Sua obra, formando um conjunto perfeito e homogêneo, é o retrato fiel do Rio de Janeiro na segunda metade do século XIX e primeiros anos do atual.

O grande Mestre das letras nacionais e um dos poucos escritores brasileiros de repercussão internacional alcançou o prêmio literário mais difícil de ser conseguido: teve a sua consagração em vida. Sua autoridade era incontestada, e mesmo os jovens escritores tributavam ao mestre o mais completo respeito e acatamento.

O valor da obra literária de um escritor é avaliado pelo interesse que ela desperta através do tempo. De alguns autores, apenas uma ou talvez duas produções permanecem vivas depois da morte de quem as criou. Caso muito raro é o de Machado de Assis, em cuja obra não sabemos ainda hoje o que mais admirar, já que toda ela

é um tesouro de idéias, de estilo e de perfeição sob todos os aspectos.

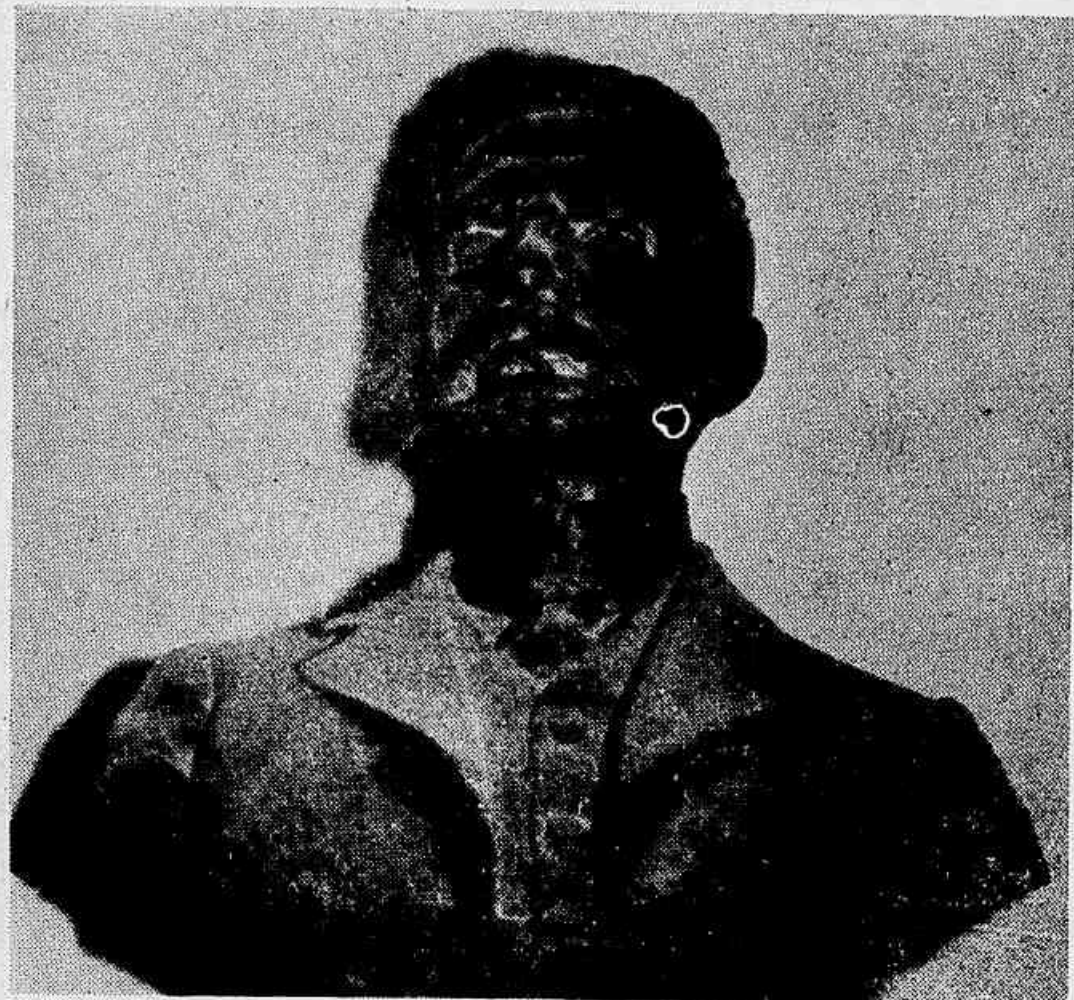
Verdadeiro clássico da língua portuguesa, Machado de Assis é leitura obrigatória para estudantes e professores, não só pelo prazer intelectual como pelo manancial de ensinamentos e pela beleza do estilo.

W. M. Jackson Inc., editores da obra do genial escritor brasileiro, associam-se orgulhosamente às justas homenagens prestadas ao Mestre das letras brasileiras por ocasião do cinquentenário de sua morte, certos de que tudo têm feito para honrar a memória do Príncipe das Letras Brasileiras e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, não só publicando sua obra em edições cuidadas e dignas do nome do autor, como também facilitando e promovendo a edição de volumes em outros idiomas. A fim de tornar ainda mais acessível a todas as pessoas a leitura dos volumes de Machado de Assis, W. M. Jackson Inc. abriu já há bastante tempo, uma exceção em seu tradicional sistema de vender apenas coleções encadernadas, oferecendo também a venda a obra de Machado de Assis em volumes avulsos, em brochura, por intermédio das boas livrarias de todas as cidades do País.

W.M. Jackson, Inc.
EDITORES

RIO DE JANEIRO
SÃO PAULO
PORTO ALEGRE
RECIFE

JOSÉ ROBERTO TEIXEIRA LENTE



CINQUENTA ANOS DA MORTE DE MACHADO DE ASSIS

O DIA 29 de setembro passado marcou o cinquentenário da morte de Machado de Assis, quase unanimemente considerado o maior escritor brasileiro, já hoje conhecido em várias partes do mundo, através de ótimamente cuidadas traduções. Comemorações várias marcaram o evento, inclusive o lançamento, na Livraria São José — na atualidade o centro literário da cidade —, de livros e discos sobre, ou de Machado de Assis. O Instituto Nacional do Livro, o Serviço de História da Prefeitura do Distrito Federal, o Serviço de Documentação do Ministério da Viação, outras entidades oficiais e particulares, colaboraram para o maior sucesso das celebrações. Machado de Assis, cinquenta anos após sua morte, é, sem sombra de dúvida, um autor mais vivo do que qualquer outro hoje atuante no cenário de nossas letras.

Circunstância especial muito concorreu para que as comemorações do cinquentenário alcançassem relevo ainda maior: é que as obras do autor de "Memorial de Ayres", até agora propriedade exclusiva de uma firma norte-americana, acabam de cair no domínio público. Terão por conseguinte nossos editores o direito de lançar os livros de Machado de Assis — e já por aí se pode aqulatar o número de edições de obras machadianas que irá surgir nos próximos anos. Por outro lado, aumentando o (já grande) número de estudiosos de Machado de Assis, muita coisa atribuída hoje, indêbitamente) ao famoso romancista será repudiada como oriunda de sua pena, e outros tantos de seus textos serão resuscitados do limbo em que ora jazem.

O processo de valorização sempre crescente de Machado de Assis, se começou há muitos anos, antes mesmo do centenário de sua morte, em 1939, só recentemente experimentou um extraordinário impulso: considerado um clássico da língua, Machado sempre foi mais citado do que lido — assim obedecendo ao destino comum dos clássicos. Agora, porém, parece que o quadro irá mudar. E Machado transformar-se-á num clássico popular, um clássico em que não somente o intelectual, mas também o homem do povo verá cristalizados seus tormentos e suas aspirações.

ROTEIRO DAS

ESTELA CAMPOS (Livraria São José, mostra-relâmpago inaugurada a 1 de setembro) — Maria Estela Pinho Campos, carioca, radicada no Pará, veio ao Rio, com bolsas de estudos daquele Estado, unicamente para aqui efetuar uma exposição. Como as galerias estivessem ocupadas, a mostra de Estela Campos no Rio de Janeiro teve de ser realizada na Livraria São José (iniciativa de Eneida e Carlos Ribeiro). Estela Campos trouxe cerca de cem obras (pinturas e desenhos): só pôde exibir trinta delas. Em sua arte nota-se uma grande influência de Kandinsky, talvez do Tamoyo. As cores são o mais importante, nessa obra de valor desigual, em que a pintura cede muita vez lugar a um amálgama entre arte literária e arte visual. É que essa artista, em vários de seus trabalhos, utiliza frases soltas, símbolos químicos, etc., que refletiriam um modo pessoal de encarar a obra de arte, já não mais, então, visual, e sim dirigida ora à visão, ora ao puro racional. Algumas obras de Estela Campos, porém, nos dizem que ela é uma pintora, embora ainda não de todo despojada de um mar de fórmulas e de teorias que lhe veio através de livros, em sua maior parte. O seu futuro, como artista plástico, dependendo, por isso, de tal despojamento. Seu caminho é a pura plasticidade de uma obra como "Movimento 7" — composição dinâmica, planos que se cortam e não se excluem, cores frias de grande simplicidade e beleza —, não as legendas paranóico-surrealistas de tantos de seus quadros.

GRAVURAS JAPONÊSAS (Galeria Gea, desde 18 de setembro) — Após a mostra de xilogravura de Oswaldo Goeldi, apresenta a Gea uma exposição de gravuras antigas do Japão. Trabalhos de Utamaro, Tagonobu, Toshiaki e outros velhos mestres nipônicos acham-se ali expostos, mostrando, todos eles, o sensualismo linear japonês, o cromatismo delicado de tênue que tanto iria influir, em fins do século passado, na arte ocidental, etc. A senhora Mio Mio, decoradora e raro bom-gosto, incumbiu-se de ornamentar a galeria à moda típica do Japão. A mostra é patrocinada por Sua Excelência, o Embaixador Yoshiro Ando.

GRAVURAS CHINESAS (Escola Nacional de Belas Artes, desde 17 de setembro) — O Salão do Diretório Acadêmico da Escola Nacional de Belas Artes redime-se da mostra anterior (projetos para o Monumento aos Campeões Mundiais de Futebol) com a presente, de gravuras chinesas con-

EXPOSIÇÕES

temporâneas. São gravuras, essas, tradicionais: representam as mesmas cenas a que nos acostumaram os chineses dos séculos anteriores, os mesmos pássaros e insetos, etc. Tudo num colorido sutil e esmaecido, encerrado num traço de delicadeza insuperável. Em alguns trabalhos, é a própria escritura chinesa — tão enobrecida após os magistrais estudos de Fenollosa, por exemplo —, que se transforma em obra de arte. E não se poderia com efeito desejar arabescos mais caprichosos, nem desenhos mais gentis do que os formados pelos infinitamente variados e lucidíssimos *kanjis*.

CRIANÇAS HOLANDESES (Escolinha de Arte do Brasil, de 16 a 26 de setembro) — Sessenta obras (pinturas e desenhos) de crianças holandesas, bem como de adolescentes daquele pequenino grande país, estiveram expostas na Escolinha de Arte do Brasil, sob os auspícios do Ministério da Educação e da Embaixada de Holanda. Sessenta obras que dizem muito bem da sensibilidade visual do povo báta-vo, provêm elas de Escolinhas de Arte localizadas em inúmeras cidades holandesas, e apresentam desde o desenho infantil puro (dos 4 e 5 anos), aos já muito mais complexos, dos 18 anos: a intenção de conjunto, a crítica social, o movimento, o decorativismo da cor. Essa exposição será retribuída, proximamente, por outra, de crianças brasileiras, a ser realizada em Haia.

LASZLO MEITNER (Galeria Montmartre, desde 16 de setembro) — O húngaro Laszlo Meitner, que a guerra de 1939 veio trazer ao Brasil, experimentou toda uma vasta evolução, antes de atingir à fase não-figurativa de agora. — Fase que inclusive mereceu os elogios de um Dioclécio Redig de Campos, tanto mais valiosos quanto mais se souber que esse grande conhecedor da pintura antiga italiana é um adversário da arte moderna em geral, e da não-figurativa em particular. A pintura magiar deu apenas um artista de certa projeção (européia): o sensaborrão realista-romântico Munkacsy, de quem os livros sobre pintura trazem invariavelmente o "Milton, Cego, lendo o *Paradise Lost* para a Filha"... Ainda hoje, raros são os artistas húngaros de projeção, no mundo das artes (lembramos o nome de Arpad Szenes, e mais os de Laszlo Moholy-Nagy e Laszlo Peri, entre alguns mais). Vê-se que Meitner se encontra atualmente dentro da melhor tradição contemporânea das artes plásticas húngaras: o não-figurativismo, o amor à pintura pura, à pintura *qua* pintura.



LIVROS E IDEIAS

OS PROFETAS E UM CERTO ALEIJADINHO

"Assim confabulam, os profetas, numa reunião fantástica, batida pelos ares de Minas. Onde mais poderíamos conceber reunião igual, senão em terra mineira, que é o paradoxo mesmo, tão mística que transforma em alfaia e púlpitos e genuflexórios a febre grosseira do diamante, do ouro e das pedras de cor?" — Essas palavras de Carlos Drummond de Andrade, constantes do texto que escreveu para o livro de fotografias "The Twelve Prophets" (1), de Hans Mann, exprimem um espanto muito natural sobre a existência, em Minas da plena fase da febre de ouro e diamantes, de um artista sacro como esse notável Antônio Francisco Lisboa, alcunhado "O Aleijadinho", por ter sofrido as deformações de uma moléstia ainda hoje por se identificar. Das mãos desse artista, filho de um português e de uma negra, nascido nos arredores de Vila Rica em 1738, é que brotaram as estátuas dos doze profetas bíblicos, estátuas que constituem a admiração de quantos as visitam, em Congonhas do Campo — petróos guardiães do santuário de Bom Jesus de Matosinhos, naquela cidade mineira.

Não, o Aleijadinho não foi nenhum Bernini — como muito bem escreveu, em "Presenças", o erudito Otto Maria Carpeaux. E acrescentemos: graças a Deus. Porque o caso de Antônio Francisco Lisboa não teve similares, nem antecedentes nem posteriores. Autodidata, lutando contra a falta de recursos, não teve uma iniciação artística, nem dispôs, como Bernini, de toda uma Roma onde aprender e onde criar. Foi, o Aleijadinho, o representante mais puro do barroco brasileiro, um barroco aqui nascido e desabrochado, barroco adaptado à gran-

deza de nossa paisagem, à natureza rica e complexa do país. Daí uma virtude do estudo fotográfico de Hans Mann: compreendeu, esse artista, que as doze estátuas de Congonhas do Campo, em si mesmas obras de arte de valor insuperável, ainda mais se valorizam quando em íntima união com a natureza que as circunda, e de que fazem, em última análise, parte. As esculturas imensas dos Profetas necessitam de todo um vasto espaço em que atuar: como se desenvolvem num tempo de outrora e de sempre, o espaço de que se nutrem não quer ter limites, pois limitá-lo seria diminuí-las, seria trair, por não compreendê-la, a intenção do artista que as realizou. O Habacuc que aponta o céu com a sinistra, enquanto a destra ergue um rôlo em que se lêem as palavras bíblicas, ou o Ezequiel que violentamente contrai o braço, num movimento tanto mais terrível porquanto em pedra, para a eternidade, necessitam de espaço, de um espaço limitado como o em que os foi colher a objetiva de Hans Mann.

Solene assembléia, em verdade, a dos doze profetas: assembléia que tanto pode ter lugar em Judá e Israel, como em pleno coração de Minas Gerais. Impacto de beleza e de misticismo que o moderno processo de fotografia, ao invés de empobrecer, veio ainda mais valorizar, mostrando-o em seus ângulos mais propícios, maravilhas que merecem a admiração do mundo, tão pouco conhecidas, ainda, mesmo em nossa terra.

(1) — "The 12 Prophets of Antônio Francisco Lisboa 'O Aleijadinho' — de Hans Mann. Texto espanhol de Graciela Hojas Herrera e Hans Mann, vertido para o inglês por John Knox. Texto português de Carlos Drummond de Andrade. Coleção "Imagens do Brasil", dirigida por José Simeão Leal. Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Rio de Janeiro, 1958.

IRMÃO ZARUR CUMPRIU A VONTADE DO SENHOR



FOI NA IGREJA DE SÃO NICOLAU que casou-se o Irmão Alziro Zarur com a Irmã Iraci Abreu, em um domingo (21) sob os rituais do culto ortodoxo. A multidão que compareceu ao ato religioso (cêrca de 1 600 pessoas), interditou o trânsito na Av. Gomes Freire. E quando os Legionários esperavam o tradicional beijo do noivo na noiva, o casal se retirou pelos fundos da Igreja acenando a mão e provocando o adeus de centenas de lenços brancos. O casamento civil fôra realizado um dia antes, no auditório da Rádio Mundial. E igualmente contou com a presença dos Legionários. Os noivos preferiram o regime de separação de bens e talvez passem a lua-de-mel em uma fazenda.

A Irmã Iraci foi muito elogiada pela sua beleza e entrou na Igreja Ortodoxa conduzida pelo Sr. Elias Zarur (pai de Alziro). Ela trajava um vestido de calda longa, em cetim. O noivo entrou acompanhado pela viúva Adelina de Almeida Abreu (mãe de Iraci). De início houve um pequeno tumulto, com a chegada dos noivos, pois a Igreja estava superlotada e todos os Legionários queriam ver os nubentes. Mas um locutor pediu a colaboração de todos, enaltecendo a disciplina legionária, e a calma voltou a reinar.

O noivo casou com 41 anos e Iraci com 25, e pretendem juntos trabalhar com mais afinco pela Legião da Boa Vontade.



A noiva foi muito elogiada, pela sua beleza. Irmão Zarur posou com grinalda, segundo o ritual.



O casamento foi realizado na Igreja Anglicana. E contou com a presença de todos os Legionários.

NOVELA — VII

OS GALHOS



DO CEDRO

MARIA DA CONCEIÇÃO NEVES ABOUD



RESUMO : A viúva Nabira chama a sua neta, que vive no Líbano, para casar-se, no Brasil, com o seu outro neto — Sérgio. Mas o rapaz não vê, com bons olhos, aquele casamento decidido à sua revelia. E no dia da chegada da prima, é o único que não vai esperá-la. E o único que não lhe faz sala, durante a recepção que é oferecida à visitante.

MORAVAM NO SOBRADÃO onde a lendária Ana Jansem, arrastara seus vestidos compridos, Nabira, Samir e Abdo, Georgette e Sâmia, Sérgio, Oscar e Lino.

No Maranhão, só as netas de Nabira se tinham casado e pelo gosto da velha, não se teriam afastado do centro da clã, mas, seus filhos e noras convenceram-na de que o sobradão ficaria pequeno para tanta gente e da vantagem de Fátima e Sandra constituírem seus lares independentes.

Nabira as vira partir, sentindo-se ferida nos seus direitos de matriarca. E nunca as visitava. Como uma rainha em seu palácio, era por todos procurada diariamente. As festas dos batizados e aniversários dos bisnetos ocorriam no casarão e a velha encarregava-se das despesas.

Normalmente os bisnetos vinham com as criadas tomar café no sobrado. Na mesa enorme multiplicavam-se as tijelas de coalhada árabe e os pratos de frutas. Nabira acordava cedo para presidi-la. Tinha um cuidado muito especial com a primeira refeição de Sérgio, mandando sempre fazer-lhe ovos quentes. Aproveitava a ocasião para pedir-lhe notícias dos negócios. Nela não morrera o germen do comércio que, contaminando-lhe o espírito, a levava a fundar uma das maiores casas comerciais de São Luís. Sérgio confiava cegamente na intuição da avó e seus melhores negócios foram sempre realizados de acordo com seus conselhos.

A firma agora era uma potência, estendendo-se em numerosas filiais pelo interior do Estado, levando empregos e um pouco de vida a rincões antes desertos e paupérrimos. Caminhões da empresa cortavam as péssimas estradas do hinterland maranhense e suas lanchas subiam e desciam o Itapecuru, transportando arroz, babaçu e algodão. Nabira dizia — roz, guldão e bebêzu. O babaçu a fascinava. Era uma riqueza imensa desprezada pelo governo brasileiro, que poderia plantá-lo racionalmente e abrir estradas mais largas por onde se escoasse para abarrotar o mercado mundial. Se ainda fôsse jovem, dizia sempre, seria plantadora de babaçu. Mas os filhos e netos queriam o dinheiro que vinha mais fácil através de compras aos caboclos ignorantes, colhendo a êsimo, estragando as palmeiras.

Sérgio caçoava :

— Vovó, Deus me livre de me meter no mato para plantar babaçu. Lá, onde é que eu iria arranjar uma garôta bonitinha para namorar? Neca, só caboclas desdentadas e barrigudas.

A firma era agora uma potência, estendendo-se em

Quando Jasmina apareceu para o café, a família achava-se em volta da mesa. Ela desculpou-se dizendo que dormira de mais. Também, seu quarto era um paraíso, sempre varrido por um ventinho gostoso.

Estava linda e louça, vestindo um "pegnor" de fazenda estampada. Seus lábios sem baton ainda pareciam mais bonitos. Eram carnudos e naturalmente rosados. As crianças correram para beijá-la, gritando-lhe — Tia Jasmina! Tia Jasmininha! Nabira deu-lhe dois beijos estalados, um em cada face. Apressaram-se em servi-la e ela afirmou sentir-se como uma princesa. Perguntou a Sérgio, com ar trocista, se ele trabalhara até muito tarde.

O primo fez uma cínica cara de vítima, sacudindo a cabeça dizendo que sim. Levantou-se incontinente, olhando o relógio, comentando o fato de estar atrasado.

Nabira e a neta passaram a manhã inteira conversando. A vida da família no Líbano foi minuciosamente relatada, os nomes dos bisnetos do lado de lá, inúmeras vezes repetidos. A voz da jovem parecia música ao ouvido da velha, lembrando-lhe sua mocidade. Sentia a sensação de estar revivendo em Jasmina. Achava mesmo que, quando jovem, fora parecidíssima com ela. Levou-a a seu quarto para mostrar-lhe seu baúzinho de remotas lembranças. Lá estavam o tóco de uma das velas que arderam durante a missa de sétimo dia de Nassim, uma mecha de seus cabelos grossos e negros, um fruto seco de pinheiro, quase deluído, os sapatinhos que Yussef calçava quando o deixara nos braços do avô paterno, a terra do pomar onde Nassim e ela labutavam de sol a sol e uma fotografia desmaiada. O retrato era a nota mais dolorosa do velho cofre pois, numa ironia, mostrava dois rostos radiantes de amor e felicidade, confiando numa vida boa e feliz — Nassim e Nabira. Empertigados e de mãos dadas, faziam uma das poses forçadas das fotografias de antanho.

Jasmina mirou demoradamente as duas fisionomias. Nassim era alegre e ardente. Sérgio herdara-lhe a marca da boca. Nabira, serena e orgulhosa. E, a avó tinha razão! Na foto quase apagada, haviam muitos traços do seu rosto jovem e macio.

Nabira fechou a caixinha com cuidado, contando que durante os seus terríveis anos de luta e de infinitas peregrinações pelo interior brasileiro, não a abandonara nunca. Aquelas lembranças a fortaleciam e quando ainda não havia retornado a Deus, apanhava-se constantemente a rezar para o tóco de vela ou a madeixa de Nassim, na esperança de que através deles, o marido pudesse ajudá-la.

(Cofres de recordações, tão citados na literatura romântica! As vezes, cheios de cartas amarelecidas, prêsas em fitas azuis, outras, contendo tranças de donzelas ou flores murchas, fôlhas roídas de sonetos amorosos e lencinhos poídos... O cofre de ternas lembranças é lugar comum na literatura do amor porque nada evoca melhor o passado e a fidelidade. Aliás mudam os estilos dos escritores, mas persistem os recursos clássicos. As poéticas comparações, habilmente disfarçadas por uns e outros, são hoje em sua essência, idênticas às dos primeiros livros copiados pelos escribas pacientes:

Doce ou amarga, a bebida do cálice da vida.

O sudário frio da morte, envolvendo o humano ser.

Frescor de aurora.

Poças de lama, refletindo o céu puro.

Lágrimas de orvalho.

Versátil como a natureza.

Lato, tal um coração de mãe.

O vazio da solidão.

Bater das asas da esperança.

Ódio cego.

O buril da vida, esculpindo na natureza de uma alma.

Um fio de esperança.

Ser ou não ser.

Faces murchas.

O sol da Paixão.

No céu de uma vida, o luar do amor.

O manto diáfano da fantasia...

Decifra-me ou te devorarei.

São limitadas as tintas com as quais pinta-se a poesia do Universo).

Quando a velha e a moça deixaram o quarto, era hora do almoço. Os homens haviam chegado e, em manga de camisa, descansavam nas cadeiras de balanço, esperando a refeição ser servida. Jasmina achou que Sérgio, no desalinho da camisa de punhos arregaçados, a gravata desfeita, as costas manchadas de suor, estava extraordinariamente másculo. No rosto pálido azulava a sombra da barba. Seus olhos verdes pareciam sonolentos.

Por brincadeira, cumprimentaram-na em árabe. Lino pôs músicas orientais na vitrola, pedindo à prima para cantá-las. Alguns discos eram tão velhos que Jasmina desconhecia as letras mas, com uma graça ousada e picante, dançava-os à moda antiga.

O almoço esfriava e só com insistentes reclamações de Georgette e Sâmia, foram para a mesa. Jasmina perguntou se os nomes brasileiros tinham significação como a maioria dos nomes árabes. Quis saber o que significava Sérgio, Oscar e Lino.

Sâmia explicou-lhe que raramente possuíam alguma significação. Sérgio, em árabe, era Sarkís. Quando criança, a avó costumava chamá-lo assim. Mas ele, quando se pôs maiorzinho, reclamou. Preferia que, embora arrevesando-lhe o nome, dissesse-o mesmo em português.

Jasmina, provocante, avisou-o:

— Mais mon cousin, j'ai de dôt de vous appeler Sarkís. Je suis libanaise, mon cousin.

E com a maior desfaçatez, passou a chamá-lo assim.

Ele, sem se incomodar, disse-lhe que em revide a chamaria Jasmim do Cabo, nome de uma flor brasileira bem cheirosa.

Ela encantou-se. Que bom, ter o nome de uma flor perfumada!

Perguntaram-lhe se habituada à movimentada vida de Beiruth e aos deveres da Universidade, não acharia triste e vazio o tempo, na pacatíssima S. Luís. Jasmina falou que não. A avó a avisara que fariam e receberiam numerosas visitas. Era a praxe da colônia. Havia alguns passeios para serem feitos e além disso, resolvera dedicar-se de corpo e alma ao estudo do Português. Pretendia trabalhar no Consulado Brasileiro em Beiruth, quando terminasse seus estudos. Os três meses correriam depressa e nada monótonos.

numerosas filiais.



Os homens voltaram ao trabalho e o sobradão causticado pelo sol de duas horas da tarde parecia cochilar. Nabira mandou armar outra rede em seu quarto a fim de Jasmina e ela fazerem juntas a sesta. Claro que não dormiram. Os punhos cantavam nos armadores e o murmúrio do árabe gutural harmonizava-se ao nhem-nhem-nhem das redes. Chegou o turno da família do Brasil. Nabira falava de um e de outro e mais freqüentemente de Sérgio. Contou que suas noras eram muito boas, se bem que de vez em quando brigassem. Que Oscar terminara o ginásio classificado em primeiro lugar e não queria saber de comércio. Iria para o Rio, estudar medicina. Das duas netas, gostava mais de Sandra, aquela que tinha um casal de gêmeos. Dos netos, Sérgio. Sérgio era o seu querido, gostava mais dele, do que dos próprios filhos.

Jasmina interessou-se. Sutil e habilmente, através de perguntas bem feitas, foi reconstruindo a existência do primo até o presente. Descontando os elogios intencionais e levando em conta a loucura da velha por ele, chegou à conclusão que desde pequenino soubera impor sua vontade soberana. Fôra criança mimada e rapazola de bolsos cheios de dinheiro. Expulso de um colégio, fizera péssimamente seus estudos, num outro menos exigente. Achava sempre que estudar era perder tempo, quando sua habilidade comercial o levaria a fazer fortuna cedo. Aos dezesseis anos, desvirginara uma empregadinha de balcão, custando tal coisa vinte contos a avó, para evitar-lhe o casamento na polícia.

Quando Nabira contou-lhe isso, Jasmina pôs-se a pensar que, no espírito humano, não existem fronteiras entre o bem e o mal. A velha, generosa para os parentes e amigos, moralista dentro da família, protetora dos patrícios que no Brasil se viam em dificuldade e que trouxera às próprias custas um desconhecido para fazer fortuna na Terra de Promissão, comprara por vinte contos a felicidade e a honra de uma pequena humilde. Ninguém é bom ou mau. Os fluxos de bondade e os refluxos de maldade, variam de acôrdo com a maré da vida...

Depois dessa aventura amorosa, Sérgio tivera muitas outras, felizmente sem grandes conseqüências. As mulheres o incensavam, o telefone não parava chamando por ele. Presentemente tinha uma mulher com quem esbanjava rios de dinheiro.

Nabira falara-lhe do último caso do rapaz, de propósito, acrescentando que há muitos anos pensara em casá-lo com ela, mas agora, convencera-se de que mulher alguma prenderia Sérgio definitivamente e tão cedo, nenhuma o arancaria dos braços da ordinária da Maria, por quem andava maluco.

Observou, através da varanda da rede o rosto de Jasmina e alegrou-se ao ver no mesmo, um ar de desafio, um desejo de luta... A velha tinha a milenar astúcia dos orientais!

Jasmina perguntou-lhe porque queria mais bem Sérgio do que os outros. Afinal, ele lhe parecera o menos respeitoso de seus netos.

Então, Nabira falando com o coração, contou-lhe que fôra ele quem a apelidara de Rainha da Inglaterra. Por causa dele, sentava-se à cabeceira da mesa. Uma ocasião Sérgio a levava ao Rio e não saíra nunca às noites para ficar fazendo-lhe companhia. Quando chegava em casa de madrugada, ia ver se ela estava acordada para lhe dar boa-noite. As vezes, punha uma flor na varanda da rede ou um presente dentro do chinelo. Cobria-a, caso seu lençol tivesse escorregado. Uma noite, durante o último carnaval, dera-lhe um susto horrível pendurando no armador, uma

capa preta e uma máscara medonha. Ela quase gritara julgando ser o fantasma da antiga dona do sobradão.

Jasmina indignou-se e pensou consigo mesmo no ridículo de um homem daquela idade, possuindo até certa sensibilidade, fazer coisas de criança e se deixar embrutecer em paixões por mulheres baixas. Péssimo que não tivesse estudado melhor e desprezasse a cultura. Jasmina poderia casar-se com ele! Admirava os intelectuais, os homens sutilmente espirituosos... Ele, mesmo sem motivo, seria na certa um grande vaidoso, julgando-se o sol do seu sistema planetário de astros vulgares.

Ela o conquistaria. Queria implorativos seus verdes olhos brincalhões. Abateria friamente sua arrogância.

Nabira perguntou-lhe baixinho porque estava calada e em que estava pensando. Jasmina, dando um largo embalo na rede, respondeu-lhe que decidia a melhor maneira de divertir-se naquela terrinha simpática.

Vieram pessoas para o lanche. Tinha canjica, doce de batata roxa e "tabuli". Jasmina encantou as visitas com sua exuberante alegria e sua interessante beleza. Comentou-se a festa da véspera. Falou-se na viagem à Europa porque em vista da fuga de Sérgio à noite passada, fuga bastante ventilada na colônia, não acreditavam mais no tão falado casamento.

No Jardim de Maria havia um jasmineiro. Antes de se despedir da amante, Sérgio mandou a criadinha da casa apanhar-lhe quantas flores houvessem no pé. Disse que seriam para a avó. Maria, entretanto, ficou desconfiada. Para que queria o rapaz tantas flores? Costumava levar só um rezedá ou uma rosa vermelha. Contara-lhe que para amansar a velha e conquistar-lhe as boas graças, bancava o cavalheiro galante, indo vê-la às noites ao chegar em casa, levando-lhe de vez em quando uma lembrança.

Na rua Sérgio dividiu o buquê. Em casa, um maço ficou nos punhos da rede de Nabira, outro, amarrado com seu lenço, na maçaneta da porta do quarto de Jasmina.

No dia seguinte, à hora do café, Jasmina apareceu com as flores entre o "pegnoir" e os seios rijos. Com pretensa ingenuidade perguntou quem havia tido a idéia de surpreendê-la assim delicadamente. Olhou para Oscar como se convencida de que a gentileza fôra sua.

Sérgio ria malandramente. Sâmia contou que quem tinha a mania de trazer flores tôlas para casa durante a madrugada, era o doido do Sérgio.

Ele confessou o ato, explicando-lhe que tais flores chamavam-se jasmims. Jasmina tirou-as do seio ainda semi-embrulhadas no lenço de linho. Cheirou-as e com uma caretinha, comentou o fato de elas nascerem também no Líbano e lá cheirarem muito mais. Em Beiruth, os moleques costumavam vender pulseiras e colares de jasmims a turistas românticos...

Devolveu o lenço ao primo. Durante a manhã, três vezes Sérgio levou-o a boca com lascívia e prazer porque estivera entre os seios de Jasmina, pequenos e certamente rosados.

(Continua)

PRIMAVERA DESFILOU COM 20 MIL BROTOS EM TECNICOLOR



O Botafogo lavrou um tento apresentando a menor baliza do mundo.

CERCA DE 20 MIL BROTOS desfilaram no Estádio do Fluminense, na solenidade de abertura dos X Jogos da Primavera. A iniciativa de Mário Filho conseguiu atrair, desta feita, um público muitas vezes superior aos dos anos anteriores, como uma prova de consagração definitiva perante a opinião pública.

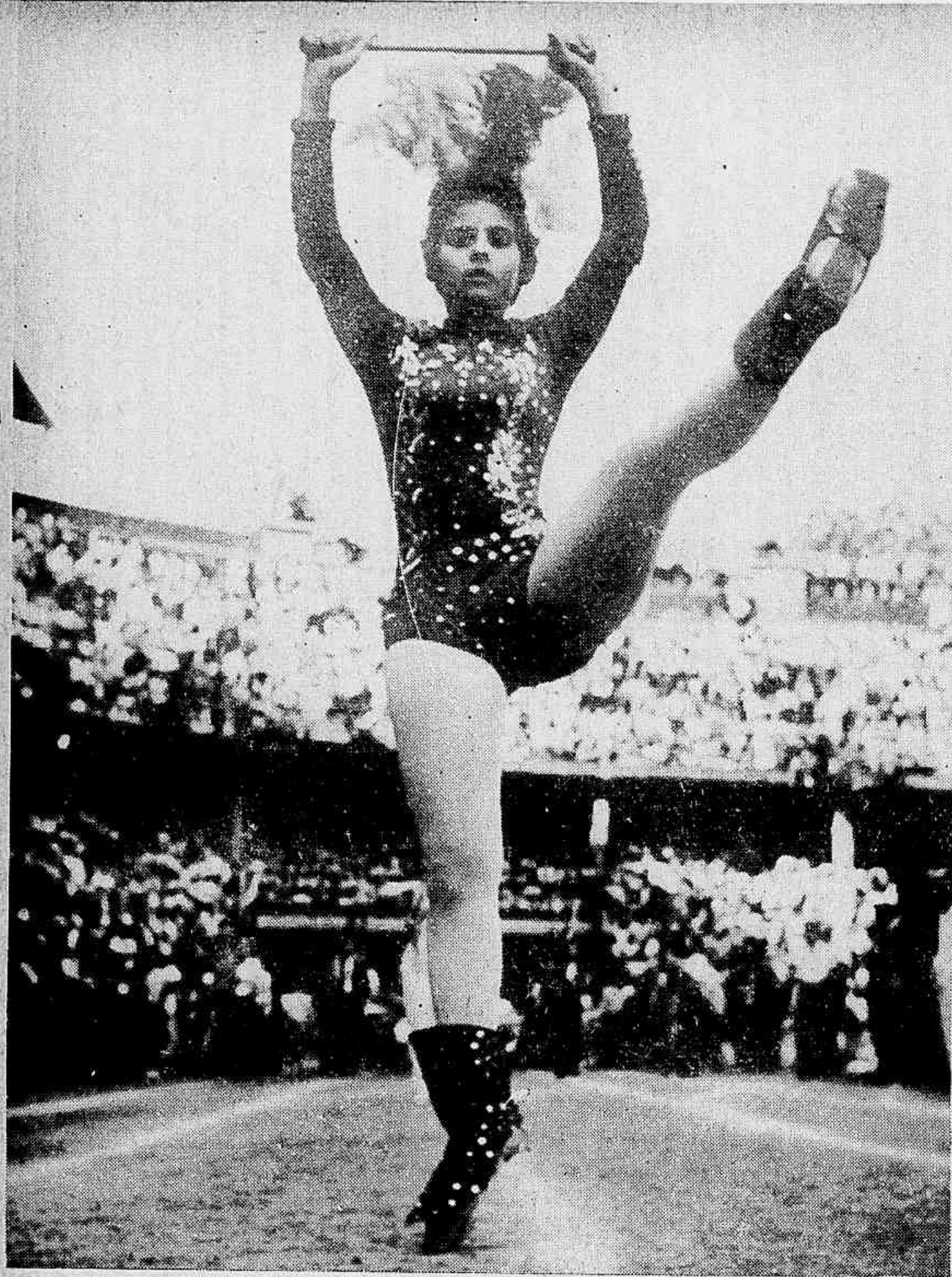
O Presidente Juscelino Kubitschek prestigiou mais uma vez a grande festa dos nossos confrades do "Jornal dos Esportes", que contou ainda com a presença de várias figuras de destaque nos meios políticos e sociais.

A conhecida cronista Eneida, foi um dos membros do júri que apontou o Flamengo (seguido do Riachuelo e do Tijuca) como vencedor na série de clubes, e o Anglo-Americano, como o primeiro classificado entre os colégios participantes, vindo logo em seguida o Instituto Nacional de Educação de Surdos e o E. T. Santa Cruz. Já na série de Faculdades, o primeiro pôsto coube a Ciências e Letras, obtendo o I.N.E.F. e a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, respectivamente, o 2.º e 3.º lugar.

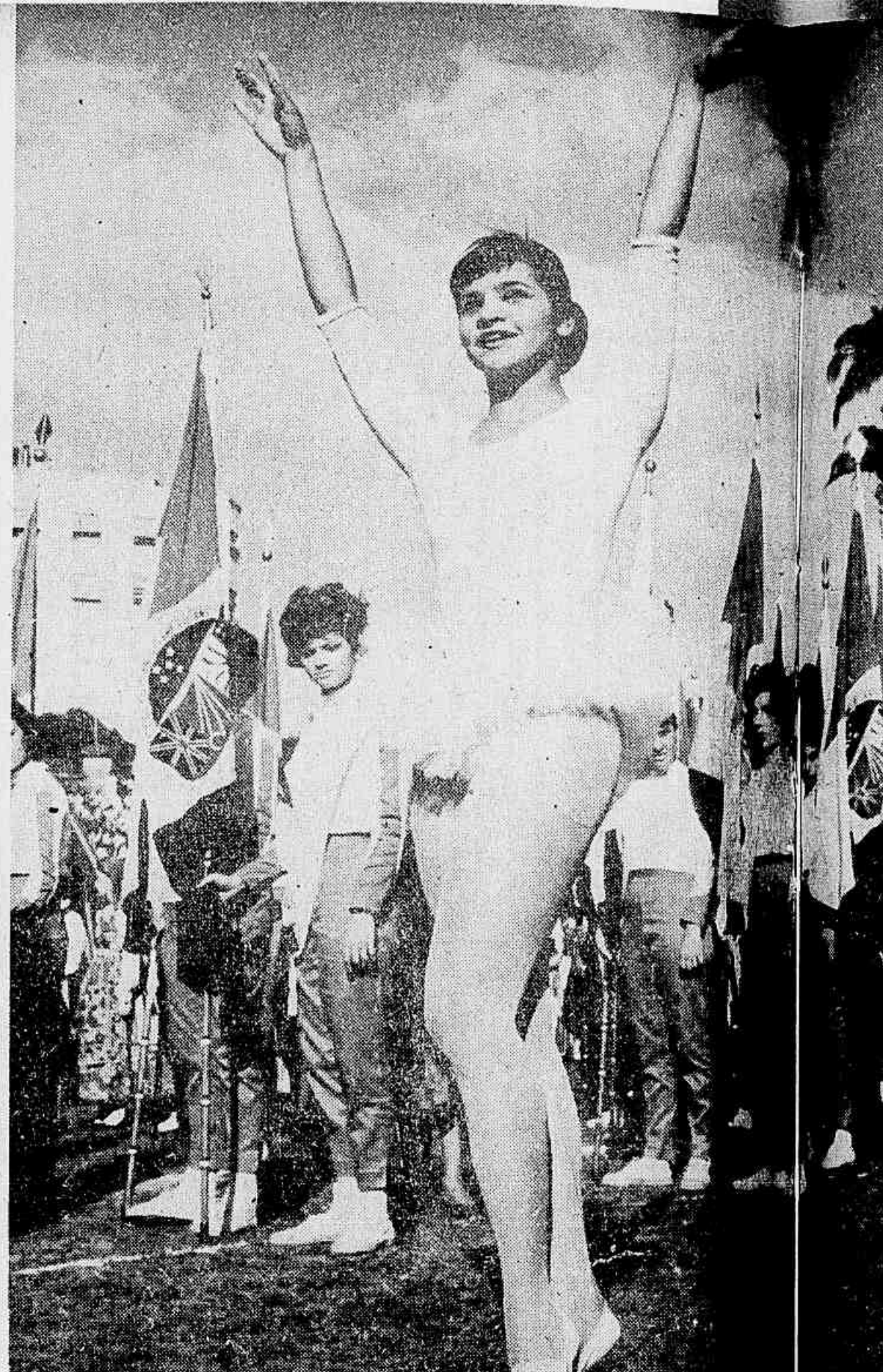
A tribuna d
a iniciativa



e honra do Fluminense acolheu o que temos de mais significativo em nossos meios políticos e sociais. Eles aplaudiram com entusiasmo de Mário Filho.



O público vibra com as evoluções das balizas. Realmente elas constituem uma grande atração. Terezinha Morango (em baixo) foi porta bandeira do Fluminense. Boa surpresa para o público.



Sônia Estrêla é uma das mais lindas atletas dos Jogos. Também este a sua atuação foi magnífica. O Anglo-Americano (em baixo) sempre a boa fama de apresentar as mais lindas atletas.



As mais lindas garôtas do Rio sempre
desfilam neste certame.



Esta bela mascarada desfilou pelo Instituto Nacional dos Surdos. Com muita classe foi aplaudidíssima. Quem seria ela ?

X Jogos da Primavera



Dayse de Aquino Correia e Ilana Borer, duas das mais lindas atletas do Anglo. Foram as mais fotografadas.

Sereias de várias espécies,
garôtas de Baby-Doll,
caçadoras submarinas,
fizeram vibrar o estádio.



Esta foi uma homenagem aos campeões mundiais de futebol. A bela morena vestia uma camisa da CBD. E calção também...



Esta alegori



a foi uma homenagem ao mais moderno esporte: a caça submarina. Foi dos melhores apresentados. Também pelas belezas...

Roselee Tôrres Viana foi novamente classificada em 1.º lugar, como a melhor baliza da série de Colégios. Roselee pertence ao Anglo-Americano, e foi um dos pontos altos da representação desse educandário, já famoso pela beleza das suas atletas. Sem esquecer a eficiência esportiva...

Merece um registro especial a representação do Instituto Nacional de Educação de Surdos, que apresentou-se com raro brilhantismo. A alegoria que representava uma homenagem ao mais moderno esporte, a caça submarina, chamou a atenção pelo bom gosto nos mínimos detalhes. E seria

interessante, igualmente, registrar a beleza da soberana do Instituto Coração de Jesus (Leonora Janer), que será certamente uma das mais fortes candidatas ao título de Rainha dos X Jogos da Primavera.

Terezinha Morango, também desfilou, como porta bandeira do Fluminense, sendo bastante aplaudida quando o locutor anunciou a sua presença no estádio. Até JK não regateou-lhe aplausos...

Mas a vedeta do desfile foi indiscutivelmente a menor baliza do mundo (do Botafogo), que fez vibrar o numeroso público que superlotou o Estádio do Fluminense.

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 4 de outubro de 1908.

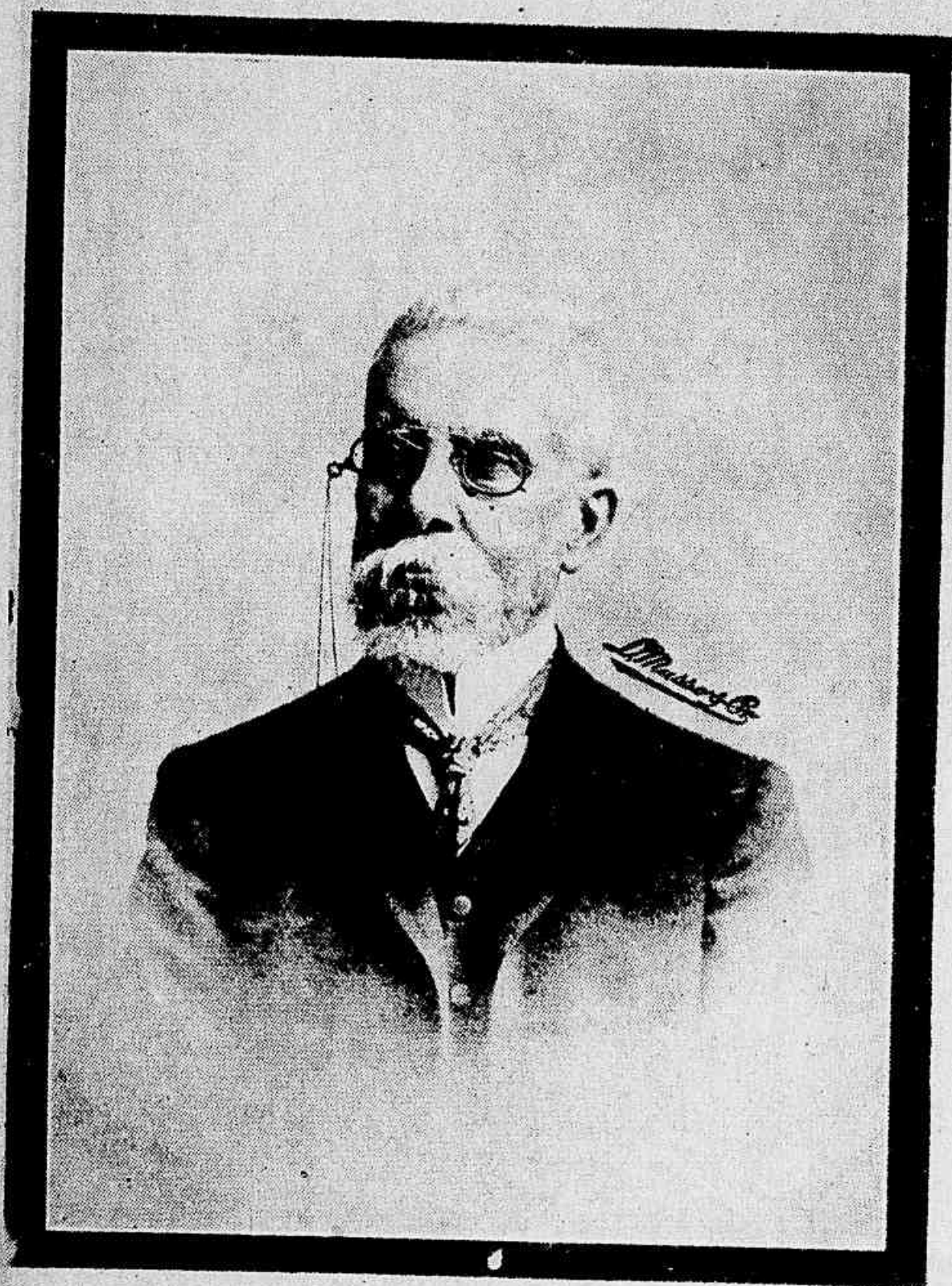
REVISTA DA SEMANA

Edição semanal ilustrada do JORNAL DO BRASIL

Anno XIII — N. 438

DOMINGO, 4 DE OUTUBRO

Numero: 300 réis



MACHADO DE ASSIS

ESTE NÚMERO 438 da "Revista da Semana", vendido ao preço de 300 réis, dedica a sua terceira página a Machado de Assis, cujo falecimento ocorreu a 29 de setembro. Ao lado da fotografia do mestre, em grande formato, vêm as seguintes palavras:

Humilde typographo e revisor de provas, não tardou que elle se revelasse, em toda pujança de seu talento, o jornalista de crônicas deliciosas, o poeta de simplicidade encantadora, o romancista de páginas admiráveis, que lhe valeram a glória de ser considerado o mestre da literatura nacional, nos últimos tempos.

Realmente o era. Se cultivando as musas elle sabia, como ninguém, ser impecável na rima e no metro; como prosador o seu estilo se revestia dessa originalidade atraente de quem conhece todas as sutilezas da nossa língua, descobrindo a música dos vocábulos, arquitetando períodos que se enfechavam entre a doçura da linguagem e a severidade irrepreensível do vernáculo. Com a morte de Machado de Assis, o Brasil perde um dos seus grandes homens, e se a literatura nacional se reveste de luto, não menos certo é que de luto está revestido o coração dos seus numerosos amigos e admiradores.

Com a morte de Machado de Assis, o Brasil perde um dos seus grandes homens, e se a literatura nacional se reveste de luto, não menos certo é que de luto está revestido o coração dos seus numerosos amigos e admiradores.

Foi director geral da secretaria do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas e Presidente da Academia de Letras.

Sucumbiu a penosa enfermidade, na madrugada de terça-feira última, em sua residência do Cosme Velho, sendo o seu corpo embalsamado pelos Drs. Afrânio Peixoto e Alfredo Andrade e à noite transportado para a sede da Academia de Letras, no Silogeu, cujo salão de honra fôra transformado em câmara ardente para recebê-lo.

O enterro realizou-se quinta-feira, no cemitério de São João Baptista e foi soleníssimo, feito a expensas do Estado. O Presidente da República fez-se representar e enviou soberba coroa; compareceram alguns ministros e o tocante discurso de despedida, do derradeiro adeus ao Mestre foi pronunciado a beira do túmulo, em nome da Academia, pelo Sr. Conselheiro Rui Barbosa, falando em nome do governo o Ministro do Interior, Dr. Tavares de Lira.

A Academia de Letras recebeu numerosas manifestações de pesar pela morte do presidente querido, entre ellas telegramas dos Srs. Conselheiro Afonso Pena, Barão do Rio Branco e Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador em Washington.

As duas casas do Congresso Nacional e o Conselho Municipal inseriram em suas atas votos de pesar, o mesmo fazendo as diferentes seções do Congresso de Assistência, actualmente reunido nesta capital.

"Humilde tipógrafo e revisor de provas não tardou que elle se revelasse, em toda pujança de seu talento, o jornalista de crônicas deliciosas, o poeta de simplicidade encantadora, o romancista de páginas admiráveis, que lhe valeram a glória de ser considerado o mestre da literatura nacional, nos últimos tempos.

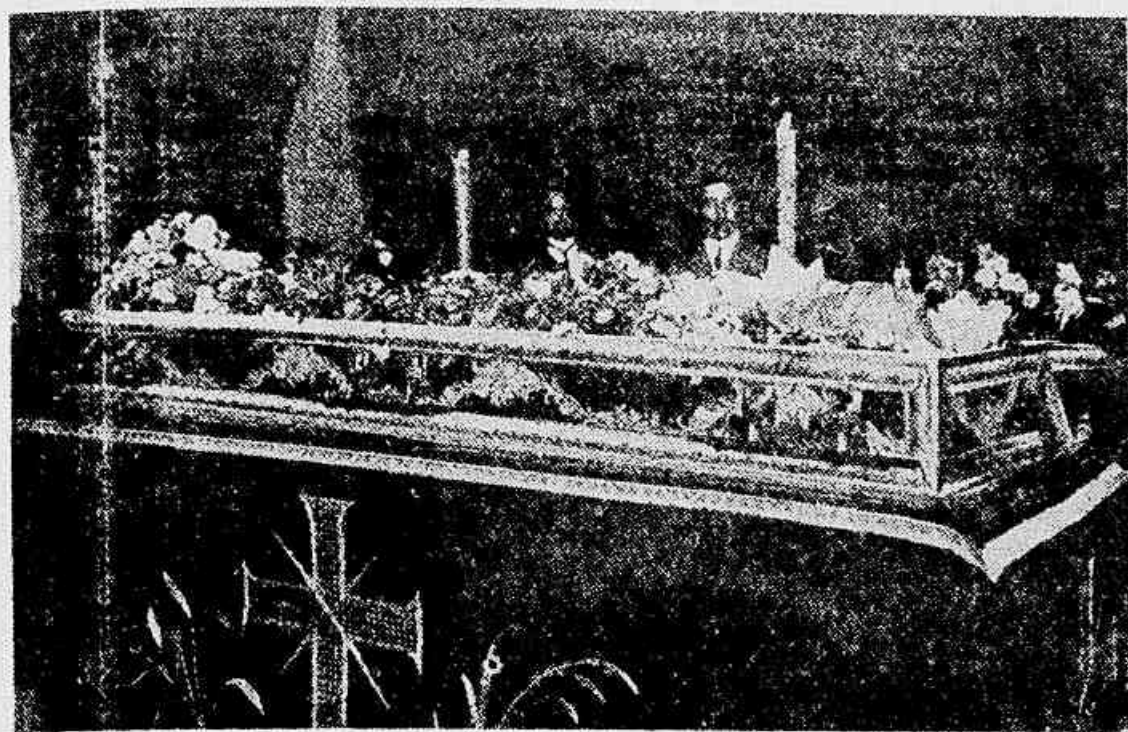
Realmente o era. Se cultivando as musas elle sabia, como ninguém, ser impecável na rima e no metro, como prosador o seu estilo se revestia dessa originalidade atraente de quem conhece todas as sutilezas da nossa língua, descobrindo a música dos vocábulos, arquitetando períodos que se enfechavam entre a doçura da linguagem e a severidade irrepreensível do vernáculo. Com a morte de Machado de Assis, o Brasil perde um dos seus grandes homens, e se a literatura nacional se reveste de luto, não menos certo é que de luto está revestido o coração dos seus numerosos amigos e admiradores.

* * *

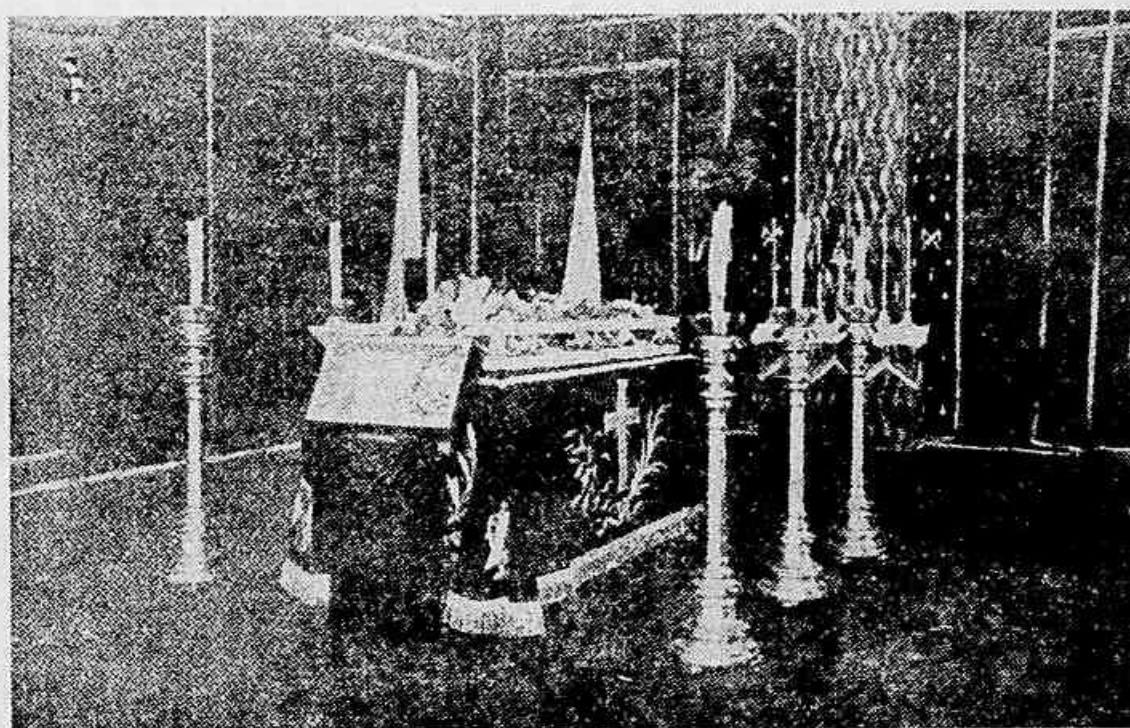
Era director geral da secretaria do Ministério da Indústria, Viação e Obras Públicas e Presidente da Academia de Letras. Sucumbiu a penosa enfermidade, na madrugada de terça-feira última, em sua residência do Cosme Velho, sendo o seu corpo embalsamado pelos Drs. Afrânio Peixoto e Alfredo Andrade e à noite transportado para a sede da Academia de Letras, no Silogeu, cujo salão de honra fôra transformado em câmara ardente para recebê-lo.

O enterro realizou-se na quinta-feira, no cemitério de São João Batista e foi soleníssimo, feito a expensas do Estado. O Presidente da República fez-se representar e enviou soberba coroa; compareceram alguns ministros e o tocante discurso de despedida, do derradeiro adeus ao Mestre foi pronunciado a beira do túmulo, em nome da Academia, pelo Sr. Conselheiro Rui Barbosa, falando em nome do governo o Ministro do Interior, Dr. Tavares de Lira.

A Academia de Letras recebeu numerosas manifestações de pesar pela morte do presidente querido, entre ellas telegramas dos Srs. Conselheiro Afonso Pena, Barão do Rio Branco e Dr. Joaquim Nabuco, Embaixador em Washington. As duas casas do Congresso Nacional e o Conselho Municipal inseriram em suas atas votos de pesar, o mesmo fazendo as diferentes seções do Congresso de Assistência, actualmente reunido nesta capital.



O féretro na câmara ardente, no salão da Academia de Letras.



A câmara ardente, no salão de honra da Academia de Letras.



Comissões das escolas superiores aguardando a saída do féretro do Silogeu.



Saída do féretro do Silogeu, na carreta do Arsenal de Guerra.



Uma parte do préstito fúnebre pela Avenida Beira-Mar.



Na Av. Beira-Mar — Côche fúnebre e carros conduzindo coroas.

OS FUNERAIS DE MACHADO DE ASSIS

O NÚMERO 439 da Revista da Semana, datado de 11 de outubro, apresenta seis flagrantes dos funerais de Machado de Assis, formando seu conjunto também a página inteira. Abaixo das fotos, vem o seguinte texto: "Realizaram-se na semana passada os funerais do aplaudido escritor brasileiro, Presidente da Academia de Letras e justamente denominado o chefe da literatura moderna do Brasil.

Feitos a expensas do governo, foram êles de grande solenidade. O cortejo fúnebre saiu do **Silogeu**, onde fôra armada a câmara ardente, para o cemitério de S. João Batista. O Sr. Presidente da República fêz-se representar naquele ato fúnebre, estando ainda presentes quase todos os ministros, e tôdas as corporações científicas e literárias desta capital."

JOÃO

FERNANDES

MACHADO DE ASSIS

ESTE CONTO de Machado de Assis foi publicado em "A Estação", Rio de Janeiro, a 15 de janeiro de 1894, e incluído no volume "Contos Sem Data" — o quinto da coleção organizada por R. Magalhães Júnior para a Civilização Brasileira Editôra, em 1956 — composta de trabalhos do autor de "Dom Casmurro", até então esparsos em jornais e revistas da época. Com a sua publicação, prestamos uma homenagem ao grande escritor brasileiro, cujo cinqüentenário da morte se comemora no dia 29 de setembro.

HA MUITOS ANOS. O sino de S. Francisco de Paula bateu duas horas. Desde pouco mais de meia-noite deixou este rapaz, João Fernandes, o botequim da rua do Hospício, onde lhe deram chá com torradas, e um charuto por cinco tostões. João Fernandes desceu pela rua do Ouvidor; na esquina da dos Ourives viu uma patrulha. Na da Quitanda deu com dois caixeiros que conversavam antes de ir cada um para o seu armazém. Não os conhecia, mas presumiu que fôsem tais, e acertou; eram ambos moços, quase imberbes. Falavam de amôres.

— A Rosinha não tem razão, dizia um; eu chego muito bem o Miranda...

— Estás enganado; o Miranda é uma bêsta.

João Fernandes foi até à rua Primeiro de Março; desceu, os dois caixeiros despediam-se; um seguiu para a rua de São Bento, outro para a de S. José.

— Vão dormir! — suspirou ele.

Iam rareando os encontros. A patrulha caminhava até o largo de S. Francisco de Paula. No largo passaram dois vultos, ao longe. Três tálburis, parados junto à escola Politécnica, aguardavam fregueses. João Fernandes, que vinha poupando o charuto, não pôde mais; não tendo fósforos, endireitou-se para um dos tálburis.



talentia d'gaut

Fernandes trazia o corpo e a alma curtidos de vigílias forçadas.

— Vamos, patrão, disse o cocheiro; para onde é?

— Não é serviço, não; você tem fósforos?

O cocheiro esfriou e respondeu calado, metendo a mão no bolso para tirar a caixa de fósforos; mas tão vagarosamente o fez que João Fernandes a tempo se lembrou de lhe cercear o favor; bastava que acendesse o charuto na lanterna. Assim fez, e despediu-se agradecendo. Um fósforo sempre vale alguma coisa, disse êle sentenciosamente. O cocheiro resmungou um dito feio, tornou a embrulhar-se em si mesmo, e estirou-se na almofada. Era uma fria noite de junho. Tinha chovido de dia, mas agora não havia a menor nuvem no céu. Tôdas as estrelas rutilavam. Ventava um pouco, — frio, mas brando.

Que não haja inverno para namorados, é natural; mas, ainda assim era preciso que João Fernandes fôsse namorado, e não o era. Não são amôres que o levam rua abaixo, rua acima, a ouvir o sino de S. Francisco de Paula, a encontrar patrulhas, a acender o charuto na lanterna dos carros. Também não é poesia. Na cabeça dêste pobre diabo de vinte e seis anos não arde imaginação alguma, que forceja por falar em verso ou prosa. Filosofia, menos. Certo, a roupa que o veste é descuidada, como os cabelos e a barba; mas não é por filosofia que os traz assim. Convém firmar bem um ponto; a nota de cinco tostões que êle deu pelo chá e pelo charuto foi a última que trazia. Não possuía agora nada mais, salvo uns dois vinténs, perdidos no bolso do colête. Vêde a triste carteira velha que êle tirou agora, à luz do lampião, para ver se acha algum papel, naturalmente, ou outra coisa; está cheia de nada. Um lápis sem ponta, uma carta, um anúncio do "Jornal do Comércio", em que se diz precisar alguém de um homem para cobrança. O anúncio era da véspera. Quando João Fernandes foi ter com o anunciante (era mais de meio-dia) achou o lugar ocupado.

Sim, não tem emprêgo. Para entender o resto, não vades crer que perdeu a chave da casa. Não a perdeu, não a possui. A chave está com o proprietário do cômodo que êle ocupou durante alguns meses, não tendo pago mais de dois, pelo que foi obrigado a despejá-lo antes de ontem. A noite passada achou meio de dormir em casa de um conhecido, a pretexto de ser tarde e estar com sono. Qualquer coisa servia, disse êle, uma esteira, uma rede, um canto sem lençol, mas teve boa cama e almôço. Esta noite não achou nada. A boa fada das camas fortuitas e dos amigos contraditórios andaria tresnoitada e dormia também. Quando lhe acontecia alguma destas (não era a primeira) João Fernandes só tinha dois ou três mil réis, ia a alguma hospedaria e alugava um quarto pela noite; desta vez havia de contentar-se com a rua. Não era a primeira noite que passava ao relento; trazia o corpo e a alma curtidos de vigílias forçadas. As estrelas, ainda mais lindas que indiferentes, já o conheciam de longa data. A cidade estava deserta; o silêncio agravava a solidão.

— Três horas! — murmurou João Fernandes no Róssio, voltando dos lados da rua dos Inválidos. Agora amanhece tarde como o diabo!

Abotoou o paletó, e toca a imaginar. Era preciso empregar-se, e bem, para não se expor a não ter onde encostar a cabeça. Em que lugar dormiria no dia seguinte? Teve idéias petroleiras. Do petróleo ao incêndio é um passo. Oh! se houvesse um incêndio naquele momento! Êle correria ao lugar, e a gente, o alvoroço, a polícia e os bombeiros, todo o espetáculo faria correr o tempo depressa. Sim, podia muito bem arder uma casa velha, sem morrer ninguém, poucos trastes, e no seguro. Não era só distração, era também repouso. Haveria um pretexto para sentar-se em alguma soleira de porta. Agora, se o fizesse, as patrulhas poderiam desconfiar, ou recolhê-lo como vagabundo. A razão que o levava a andar sempre, sempre, era fazer crer, se alguém o visse, que ia para casa. Às vezes, não podia continuar, e parava a uma esquina, a uma parede; ouvindo passos, patrulha ou não, recomeçava a

marcha. Passou um carro por êle, aberto, dois rapazes e duas mulheres dentro, cantando uma reminiscência de Offenbach. João Fernandes suspirou; uns tinham carro, outros nem cama... A sociedade é madrasta, rugiu êle.

A vista dos teatros azedou-lhe mais o espírito. Passara por êles, horas antes, vira-os cheios e iluminados, gente que se divertia, mulheres no saguão, sêdas, flores, luvas, homens com relógio no colête e charuto na boca. E tôda essa gente dormia agora, sonhando com a peça ou com os seus amôres. João Fernandes pensou em fazer-se ator; não teria talento, nem era preciso muito para dizer o que estivesse no papel. Uma vez que o papel fôsse bom, engraçado, êle faria rir. Ninguém faz rir com papéis tristes. A vida de artista era independente; bastava agradar ao público. E recordava as peças vistas, os atores conhecidos, as grandes barrigadas de riso que tivera. Também podia escrever uma comédia. Chegou a imaginar um enredo, sem advertir que eram reminiscências de várias outras composições.

Os varredores das ruas começaram a dificultar o trânsito com a poeira. João Fernandes entrou a desvairar ainda mais os passos. Foi assim que chegou à praia da Glória, onde gastou alguns minutos vendo e ouvindo o mar que batia na praia com força. Tornou abaixo; ouviu o ganir de um cão, ao longe. Na rua alguns dormiam, outros fugiam, outros latiam, quando êle passava. Invejou os cães que dormiam; foi ao ponto de invejar os burros dos tiburis parados, que provavelmente dormiam também. No centro da cidade a solidão era ainda a mesma. Um ou outro vulto começava a aparecer, mas raro. Os ratos ainda atropelavam o notâmbulo, correndo de um lado para outro da rua, dando idéia de uma vasta população subterrânea de roedores, que substituíam os homens para não parar o trabalho universal. João Fernandes perguntava a si mesmo porque não imitaria os ratos; tinha febre, era um princípio de delírio.

— Uma, duas, três, quatro, contou êle, parado no largo da Carioca. Eram as badaladas do sino de S. Francisco. Pareceu-lhe ter contado mal; pelo tempo deviam ser cinco horas. Mas era assim mesmo, disse afinal; as horas noturnas e solitárias são muito mais compridas que as outras. Um charuto, naquelas ocasiões seria um grande benefício; um simples cigarro podia enganar a boca, os dois vinténs restantes bastavam-lhe para comprar um ordinário; mas onde?

A noite foi inclinando o rosário das horas para a manhã, sua companheira. João Fernandes ouviu-as de um relógio, quando passava pela rua dos Ourives; eram cinco; depois outro relógio deu as mesmas cinco; adiante, outro; mais longe, outro.

— Uma, duas, três, quatro, cinco, dizia ainda outro relógio.

João Fernandes correu ao botequim onde tomara chá. Alcançou um café e a promessa de um almôço, que pagaria à tarde ou no dia seguinte. Conseguiu um cigarro. O entregador do "Jornal do Comércio" trouxe a fôlha; êle foi o primeiro a abri-la e lê-la. Chegavam empregados dos arsenais, viajantes da estrada de ferro, simples vizinhos que acordavam cedo, e porventura algum vadio sem casa. O rumor trazia a João Fernandes a sensação da vida; gentes, falas, carroças, aí recomeçava a cidade e a faina. O dia vinha andando, rápido, cada vez mais rápido, até que tudo ficou claro; o botequim apagou o gás. João Fernandes acabou de ler o "Jornal" à luz do dia. Espreguiçou-se, sacudiu a morrinha, despediu-se:

— Até logo!

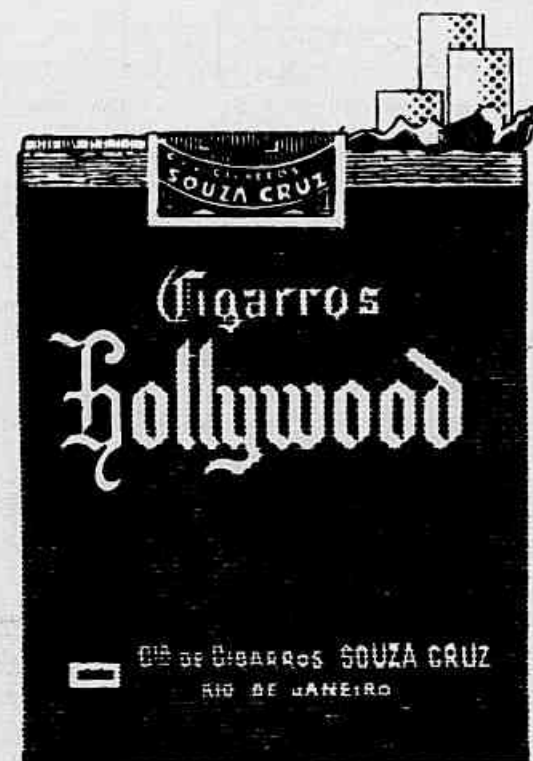
Enfiou pela rua abaixo, com os olhos no futuro côr de rosa: a certeza do almôço. Não se lembrara de procurar algum anúncio no "Jornal"; viu, porém a notícia de que o ministério ia ser interpelado, nesse dia. Uma interpelação ao ministério! Almoçaria às dez horas; às onze estaria na galeria da câmara. Aí tinha com que suprir o jantar.

raios de sol brincam na relva...

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e



uma
tradição
de bom
gosto



UM NOVO SENTIDO DE CONFÔRTO NA
ROTA SUL



VÔO DIRETO

DIÁRIAMENTE PELOS NOVOS CONVAIR DA CRUZEIRO

VÔO DIRETO-SEM ESCALAS. E a viagem é ainda mais rápida pelo prazer que o cerca em todos os momentos: o tradicional conforto Cruzeiro do Sul. Na Rota Sul chegue mais depressa. Prefira sempre o **VÔO DIRETO** da Cruzeiro do Sul.

Saída do Rio: 18 hrs.
Saída de P. Alegre: 8 hrs.

PROBLEMA N.º 53 — PARA NOVATOS

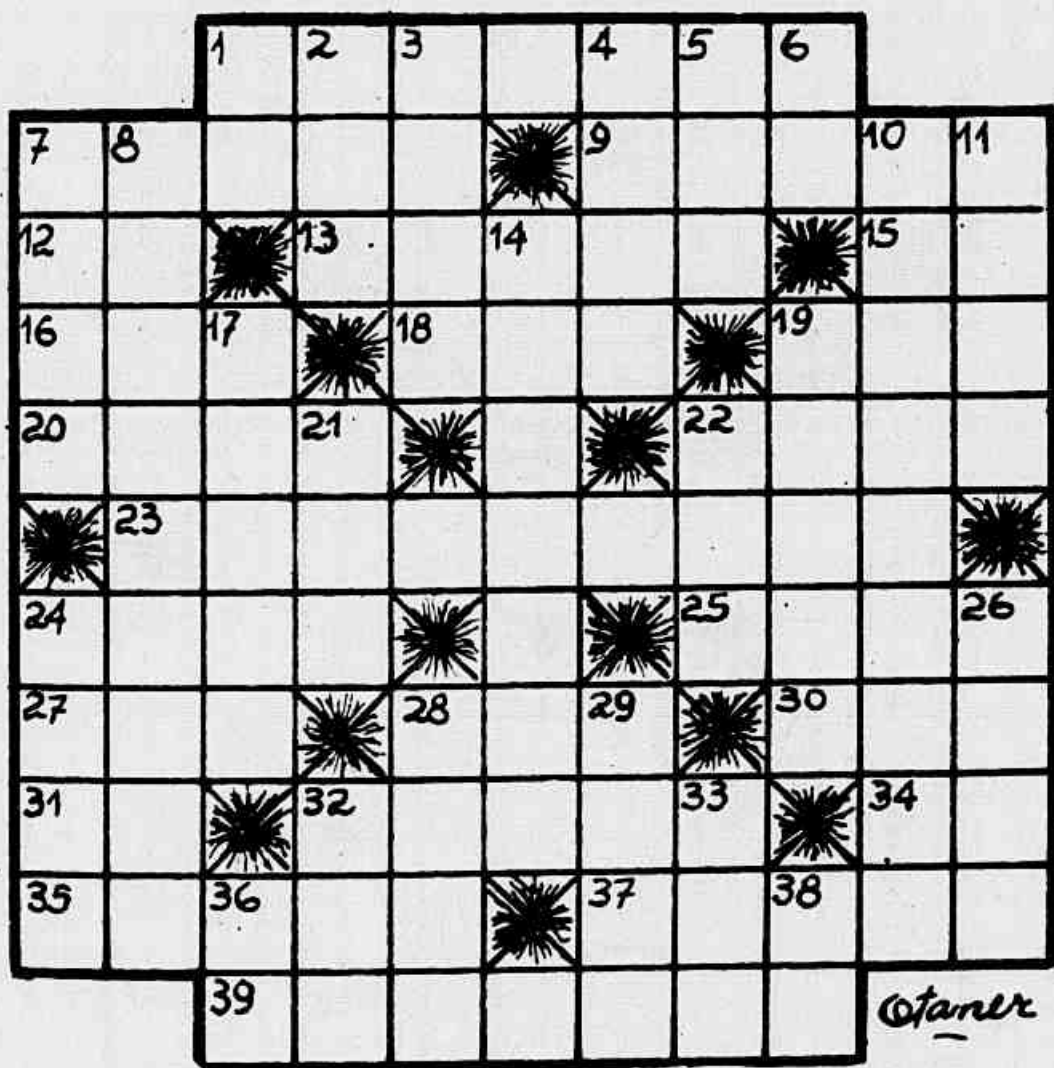
HORIZONTAIS: 1. Pedra do altar — 4. Quer bem — 6. En-colerizada — 9. Íntimo — 11. Sufixo designativo de autor — 13. Ama-sêca — 14. Salário pago por dia de trabalho (pl.) — 15. Contração — 16. Símbolo químico do rádio — 17. A casa, a família — 19. Impelem com auxílio de remos — 21. Cabelos brancos — 22. Pólo austral.

VERTICAIS: 2. Escarnece — 3. Nome de homem — 4. Milho torrado, reduzido a pó e condimentado — 5. Perversa — 7. Gos-tariam — 8. Fazer girar em roda — 10. Moradas — 12. Curso de água natural — 13. Botequim — 17. Estudado — 18. Chefe etíope — 19. Batráquio — 20. Filho de jumento e égua.

PROBLEMA N.º 53 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 1. Núncios — 7. Estar em primeiro lugar — 9. Fastidioso — 12. Relicário japonês — 13. É mais que suficiente — 15. Símbolo do metal de peso atômico 101,7 — 16. Medida para tecidos usada antigamente na França e em outros países europeus — 18. Sacerdote budista — 19. Árvore de Malabar — 20. Espuma do leite — 22. Outeiro — 23. Regalia — 24. Antiga capital dos duques de Auvergne — 25. Laje — 27. Sem juízo ou ponderação — 28. Forma antiga de "meio" — 30. Ter aspecto agradável — 31. Nota musical — 32. Diz-se do animal que tem a cara branca — 34. Piparote — 35. Matizai — 37. Pessoa que chora facilmente (pl.) — 39. Caíra sob o peso.

VERTICAIS: 1. Veículo do cheiro e do som — 2. Troças — 3. Virolas — 4. Espécie de brida ou freio — 5. Medida grega de comprimento — 6. Nota musical — 7. Submeter — 8. Beneficiar — 10. Comovente — 11. Larva de um carapanã — 14. Finjam — 17. Estrépito — 19. Mercado oriental — 21. Medida holandesa principalmente para vinho e óleo — 22. Do-çura — 24. Ave também conhecida por fura-bucho — 26. Nome grego do deus Amor — 28. Nome de uma lei romana contra o luxo e excessivas despesas das mulheres — 32. Junta — 33. Rio da Suíça — 36. Papagaio da Amazônia — 38. Dé-cima letra do alfabeto árabe.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 52

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: ac — matam — cá — pomar — cacos — ecará — acaís — arser — lisma — reclamistas — salamandras — amigo — aritá — lenir — tinir — alote — açanã — Sá — aiala — ás.

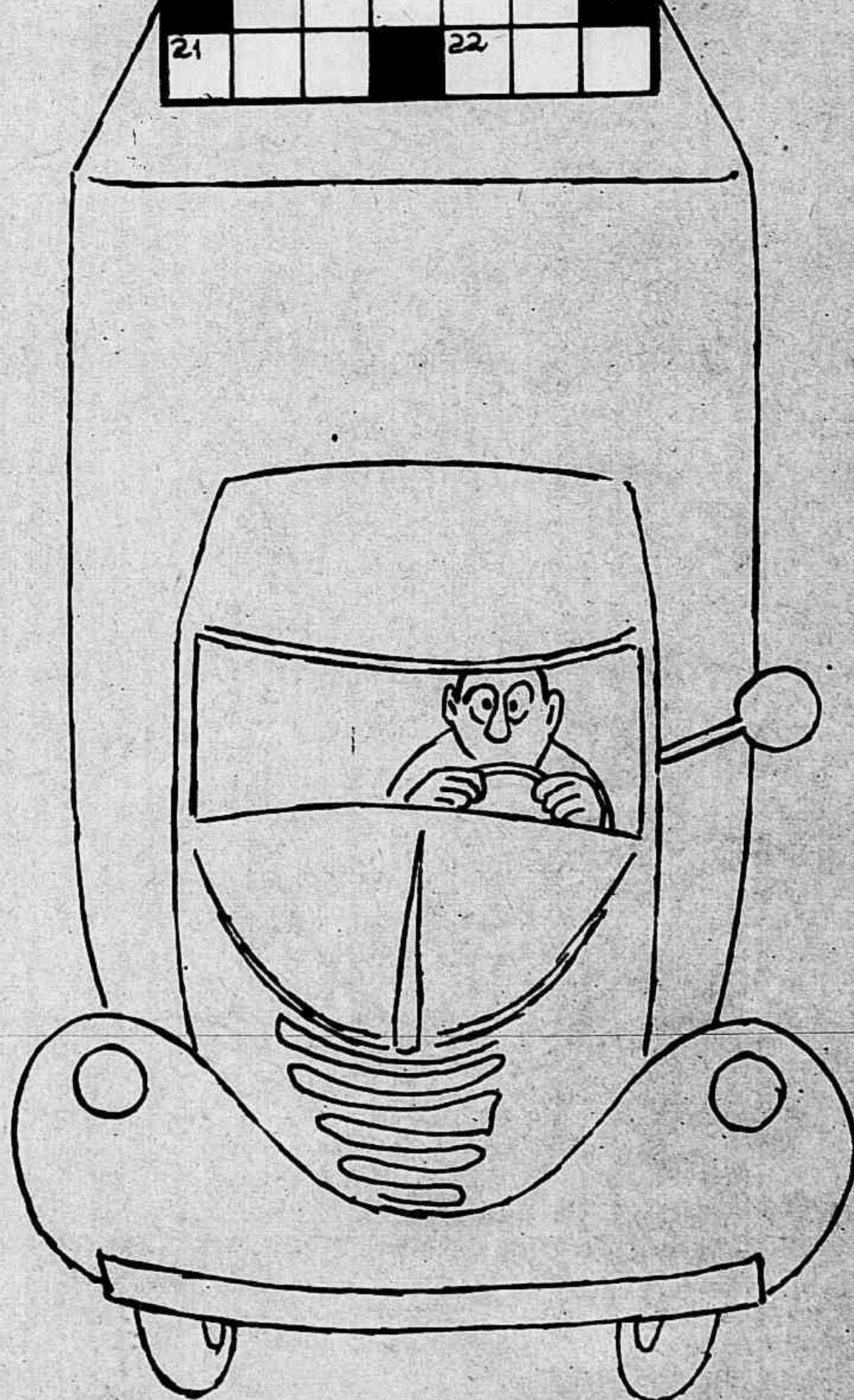
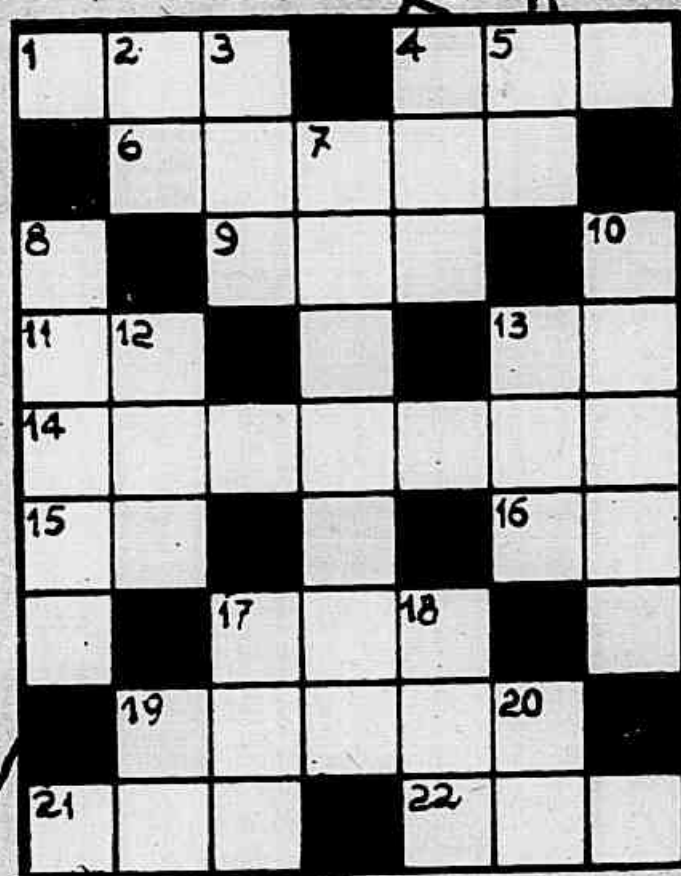
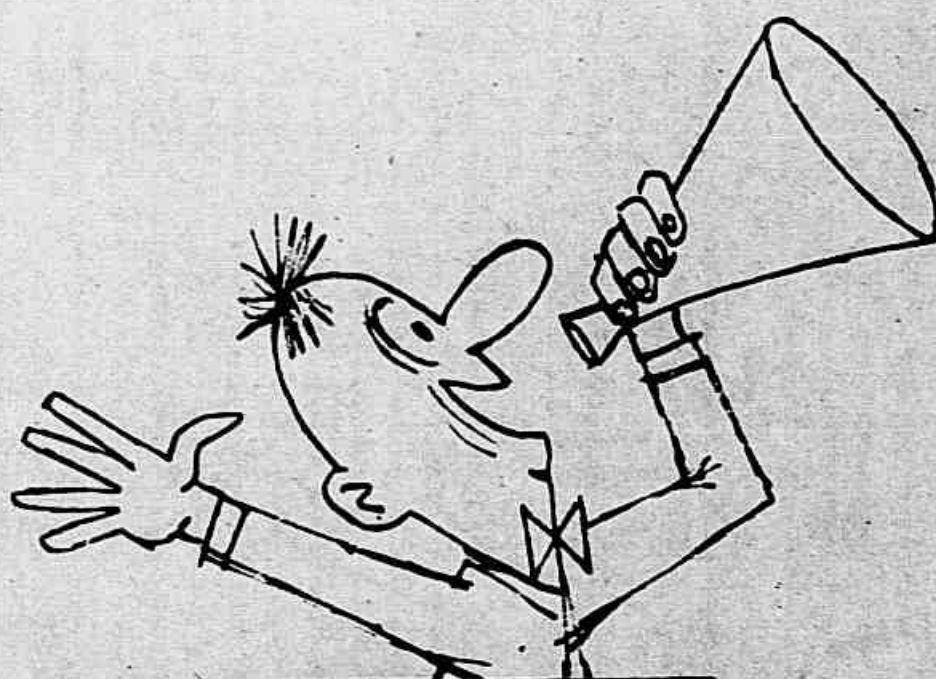
VERTICAIS: apear — cocre — marel — arara — acali — macis — colma — assas — masculino — castorina — mia — salas — amela — agita — morei — antal — driga — atina — sarás.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: ras — ida — uto — ter — ira — uri — marcara — arataca — riu — tal — cal — Ada — ama — ras.

VERTICAIS: ruim — atrairiam — soar — ituí — derrocada — ária — Cat — arca — aula — atar — alas.

PALAVRAS CRUZADAS



PELA PRIMEIRA VEZ DEPOIS DA POSSE FA

FERNANDA REIS (Enviada especial da "Revista da Semana")



Cascais — Casa de Sta. Maria.

HA PESSOAS CUJO retrato físico copia a pessoa moral e intelectual. O Contra-Almirante Américo Thomaz é, flagrantemente, uma delas. Não é o bom-homem comum, é o homem sério que está diante de quem dêle se aproxima, logo à primeira impressão. Essa seriedade respira todo o seu ser, lhano, consciente, honrado e inteligente. Disseram-me — pessoas muito íntimas de S. Exia. — que durante a campanha eleitoral, no decurso da qual só falou duas ou três vezes e muito sôbriamente, se metia no seu gabinete de trabalho, em casa, isolado, em reflexão. Nasceu na modéstia popular, em Alcântara, junto ao Tejo. Subiu, por si mesmo, na carreira de marinheiro que escolheu e devotadamente é. Usa repetir: "Sou, sempre fui e serei, um homem do mar". Ama a profissão como o ambiente do seu lar exemplar. Republicano, como a sua corporação, só fez política nacional. O seu nome fica, e oxalá se encontre continuador, como renovador e condutor da Marinha Mercante Portuguesa, obra de surpreendente amplitude que, como tem acentuado, deixou, porém, em meio.



A LA AO MUNDO O PRESIDENTE DE PORTUGAL



Do palácio, Américo Tomás, já Presidente, recebe calorosa manifestação do povo que o elegeu.



O Presidente de Portugal fala à jornalista Fernanda Reis, a primeira a entrevistá-lo após sua posse.

A firmeza das suas diretrizes no discurso que fez de inauguração do I Congresso Nacional da Marinha Mercante, marcou o grande Ministro. Há anos tentou limitar a pasta da Marinha à parte militar. O Contra-Almirante reagiu, como se poderá deduzir num despacho, publicado no Boletim da Junta da Marinha Mercante, e o intento não se concretizou. No rescaldo português há hoje um ponto em que não se descrê: o acerto do Contra-Almirante Américo Thomaz para ocupar a Presidência da República Portuguesa. Ao ler um artigo da "Revista da Marinha", da autoria do seu diretor, meu colega e amigo, destaco dele vários tópicos que servem como elucidação sem — como é meu hábito — subserviência.

Quarenta e quatro anos dedicados exclusivamente à Marinha, dezesseis dos quais a bordo do "Cinco de Outubro", oito na Chefia do Gabinete do Ministério da Marinha e na Presidência da Junta Nacional da Marinha Mercante e quase quatorze como Ministro. Ao deixar essa pasta, disse, entre outras coisas:

"Tôdas as ingratidões que suportei, esqueci-as, ao pnesar que não é com a mira de buscar agradecimentos que o bem se pratica."

Foi o Ministro que fez ressurgir a Marinha Mercante. Fomentou e animou a renovação das frotas de pesca e ajudou os desportistas do mar. Deu à Armada, com instrução intensa e novo material, as condições para saber manejar uma frota moderna. Na Primeira Guerra Mundial atravessou, numa corgem sem alardes, em missões de escolta às tropas enviadas para França, águas cheias de submarinos inimigos. Deve-se-lhe a longa e brilhante tarefa do levantamento hidrográfico de toda a costa portuguesa. Foi, na realidade um grande Ministro. Tudo faz prever que será, igualmente, um grande Presidente.

"ESTA ENTREVISTA É ÚNICA. NÃO SIGNIFICA UM PRECEDENTE".

Sou recebido, uma tarde, na residência particular do sr. Presidente da República. Fica em Cascais a vila, por excelência, dos pescadores. É um lar simples e acolhedor. Está voltado, como não podia deixar de ser e dada a eterna fascinação da vida do Presidente, para o mar. João Paulo, com os seus meigos dezesseis meses de idade, loiro, com olhos perscrutadores de gente grande, aparece com seus pais, senhora e senhor dr. Campos Figueiredo. É o único neto que alegra e dita ordens em casa do sr. Presidente.

Entraram depois de mim, o colega Marques Gastão e o Adido Comercial do Brasil. Foi o primeiro contato. Era a véspera da

posse. Eles obtiveram as suas mensagens e, o sr. Presidente, voltando-se para a enviada especial da "Revista da Semana", disse estas palavras textuais: "As suas perguntas são difíceis. Prometo estudá-las".

Obtive, assim, sem o esperar, a primeira e única entrevista de S. Exa. como Presidente da República, visto que foi concedida depois de empossado.

Dias passados começamos a trabalhar. E eis a entrevista, em exclusivo para a "Revista da Semana" e, portanto, para o Brasil. As primeiras palavras do sr. Presidente da República foram:

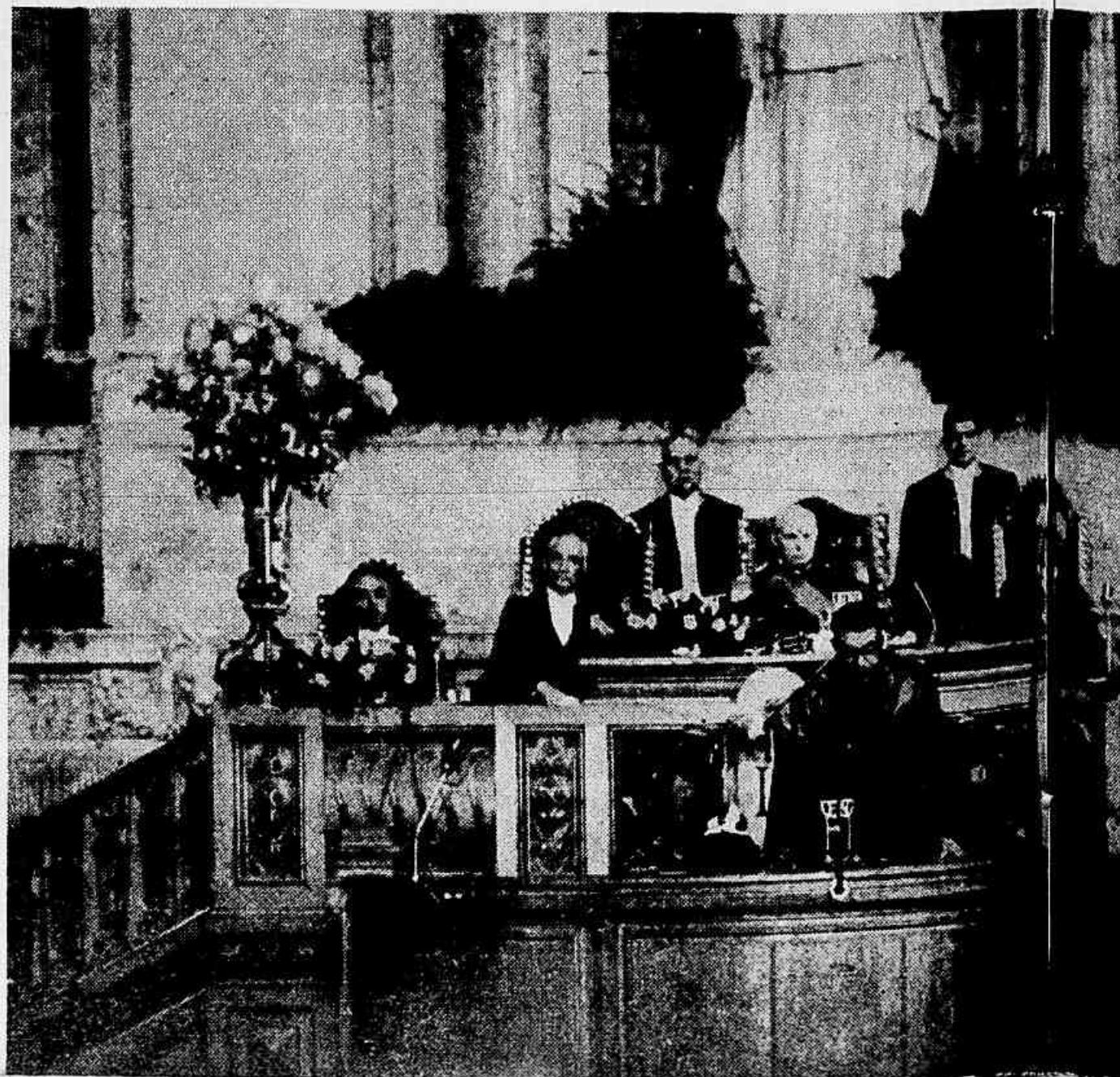
— Antes de responder às perguntas que me vai formular desejo assinalar que esta curta entrevista está prometida desde o mês de julho e que a circunstância de só agora lhe dar satisfação não representa qualquer precelente que fique a obrigar a orientação futura a seguir em tal matéria.

Agradecendo, compreendi a honra que me era dada. A exclusividade fôra ainda mais profunda do que eu pensara, porque, nas palavras anteriores de S. Exa., adivinha-se o desejo de eximir, futuramente, a entrevistas.

— Não escondo a V. Exa. que a aceitação da sua candidatura à Presidência da República, apresentada pela União Nacional, causou surpresa no Brasil. Embora as suas qualidades morais e a sua carreira de oficial da Armada o designassem — de há muito — ao respeito unânime de todos, como que nos habituáramos já à presença de V. Exa. como Ministro da Marinha e, sobretudo, a não ver interrompida — e oxalá que não arriscada, pela sua ausência de tal cargo —, a sua brilhante ação de renovador competentíssimo e diariamente atento da Marinha Mercante Portuguesa. Será muito pedir a V. Exa. que nos diga os motivos que o levaram a aceitar essa candidatura, que não pode deixar de considerar-se também um sacrifício dessa sua entusiástica devoção pessoal, de marinheiro e de Ministro?

— A resposta ao que em primeiro lugar me pergunta, foi já por mim dada nas declarações que fiz à Imprensa em 20 de maio p.p. e na cerimônia da despedida de Ministro da Marinha, quatro dias antes. Como então disse, quanto à aceitação da candidatura, entre as duas resoluções que poderia tomar, ambas possíveis, mas opostas e pouco desejáveis, acabei por decidir contra aquela que mais me agradaria, dado que a negativa poderia ter-se como deserção ou recusa de servir, atitude ingrata para quem, em toda a sua vida, nunca fugiu a cumprir o seu dever para com o País; e acrescentei, para o definir, que o peso do sacrifício se podia, no meu caso, medir pela grandeza do serviço. Assim sacrifiquei, sem dúvida e sobretudo, a devoção pela Marinha, que servi durante quarenta e quatro anos, e a que já não poderia voltar; e a despedida

Na Assembléia Nacional, o Alnte. Américo Thomaz foi investido



da Marinha foi, naturalmente, a que mais me custou, pois a de Ministro tinha de considerar-se, apesar da longa permanência na pasta e até por isso, como um fato mais banal. Nenhum risco poderá, no entanto, resultar do meu afastamento, pois certo estou de que o regresso à política do Mar, em que tanto trabalhei e insisti, se vincará cada vez mais intensamente, com os maiores benefícios para Portugal. E na posição a que ascendi, não me fica vedado continuar velando pela Marinha, dado que, fazendo-o, servirei o País num dos seus mais importantes setores da administração.

— Sabe-se, sr. Presidente da República, que a atual Constituição atribui ao seu cargo funções que além dos privilégios, da mais alta representação da Nação, as restringem praticamente à escolha do Presidente do Conselho de Ministros. Há, no entanto, nessas funções, apesar de tudo, uma posição e uma margem que justificam que, no Brasil, — onde V. Exa. é tão estimado — se pergunte como encara V. Exa. a política da Presidência, no atual momento da conjuntura portuguesa e das correntes de opinião claramente expressas no País?

Fêz-se um ligeiro silêncio e, após êle, S. Exa. prossegue:

— Não me sinto, ainda, em condições de poder dar qualquer resposta concreta à sua segunda pergunta. Como reconhecerá, trata-se de assunto da maior complexidade, no qual não é legítimo exprimir-se precipitadamente qualquer ponto de vista, pois a política a seguir terá de ser meticolosamente estudada e ponderada, o que constitui tarefa impossível para quem assumiu as suas funções há escassas semanas.

UMA DAS PRINCIPAIS PREOCUPAÇÕES: A UNIAO DE TODOS OS PORTUGUESES

— Admite V. Exa. a ubversão do regime republicano em Portugal, ou melhor, que está em causa, no País, a questão da existência da República?

Os olhos de S. Exa. abandonaram a minha pessoa, passearam pela sala e refugiram-se, lá longe, no mar. Segundos depois respondeu brevemente:

— Seja-me permitido responder a semelhante pergunta que ela não parece de fazer a quem acaba de assumir as funções de Presidente da República!

— Considera V. Exa. necessária a pacificação da Família Portuguesa?

— A resposta só pode ser evidentemente positiva, pois a paz dentro da Família Portuguesa não é apenas necessária, mas indispensável. Sem ela o País não conseguirá progredir com a celeridade

precisa e de que a execução do II Plano do Fomento poderá constituir agente muito valioso. Como já afirmei mais de uma vez, entre as minhas principais preocupações terá lugar de relêvo, como é natural, a de procurar unir todos os portugueses e não me cansarei de o tentar, por dever do cargo e da consciência.

A sua face, bondosa e expressiva, animara-se. Senti quão verdadeiro S. Exa. estava sendo.

— Que pensa V. Exa. acêrca da anistia aos presos políticos?

— Nada tenho a dizer visto que se trata de assunto da competência da Assembléia Nacional e não da minha. Como sabe eu só posso conceder indultos, sôbre propostas do Ministério da Justiça, e mesmo assim dependentes da conduta dos presos de qualquer espécie. A verdade é esta. Muita gente pensa que o Chefe de Estado pode conceder anistias, mas, como vê, não é assim.

— Quer V. Exa. dizer-me, como Presidente da República de Portugal, o seu sentimento para com o Brasil, os portugueses que lá vivem, e a sua opinião sôbre as relações que devem de existir entre as duas Nações da Comunidade do Atlântico-Sul?

— Os meus sentimentos para com a grande Nação Brasileira e para com os numerosos portugueses que lá vivem, são bem conhecidos e têm sido por mim postos em merecido destaque freqüentes vezes e com o entusiasmo ingentemente vivido. E em matéria de relações entre as duas nações da Comunidade Luso-Brasileira, nada há, na realidade, que acrescentar o que tem sido exuberantemente dito; o que porém se impõe e sem demora, é a concretização dos bons desejos mutuamente formulados, pois as palavras, só por si, ainda que necessárias e muito agradáveis, não bastam para atingir os fins a que visava o Tratado assinado em novembro de 1953.

Estas palavras, ditas em tom enérgico, ficaram pairando no ar morno desta maravilhosa tarde portuguesa. O tempo escoava-se. E S. Exa. ficou relembrando, para a jornalista, a sua viagem ao Brasil, quando teve o prazer de condecorar várias personalidades da Marinha de Guerra Brasileira e, entre elas, o atual Ministro da Marinha, Almirante Mattoso Maia. Falou da curta entrevista mantida em janeiro de 1956, com o Presidente Kubitschek, então em visita a Lisboa, guardando de S. Exa. uma forte impressão quanto à sua nítida personalidade e grande simpatia pessoal.

Alguns minutos mais tarde o sr. Presidente da República de Portugal dá por finda a entrevista. Sai com a certeza de que as palavras que lhe ouvira quando iniciava o seu mandato: "Juro manter e cumprir leal e fielmente a Constituição da República, observar as leis, promover o bem geral da Nação, sustentar e defender a integridade e a independência da Pátria Portuguesa", tinham sido proferidas altiva e serenamente, com a lealdade e a firmeza morando no seu grande coração de marinheiro.

no mais alto cargo da República.

Depois de empossado, o novo Presidente se retira dos salões da Assembléia Nacional, em Lisboa.





◆ LEMPEREUR

Vestido de lã cinza escuro, gola gênero "Claudine", meias mangas, saia plissada em tôda a volta. Tiras de cetim no busto e na extremidade da saia.

◆ LEMPEREUR

Duas peças em tecido bege e escocês, blusão amplo e saia com pregas em tôda a volta. Mangas três quartos. Laço na gola realça o efeito do modelo.



J U V E N I S



♦ **WEBÉ** — Para a meia estação. Vestido de flanela cinza. Os bolsos e a gola gênero suéter são em jérsei. Cinto de couro.

CUIDADOS PARA COM PRODUTOS DE BELEZA

♦ Não jogue fora seus restos de baton. Com um pauzinho ou com uma agulha longa, retire o cone de baton que resta no fundo do tubo e coloque-o em uma caixa. Empregue essas sobras para pintar seus lábios a pincel, pela manhã.

♦ Adapte ao seu frasco de brilhantina um vaporizador; isto lhe assegurará 50% de economia, e você evitará também algumas manchas.

♦ Não deixe que o seu sabonete fique úmido. Tenha o cuidado de isolá-lo com um porta-sabão de fundo furado em borracha ou matéria sintética, pelo qual ele gotejará. O sabonete também receia o calor que faz com que se torne quebradiço.

♦ Feche sempre hermêticamente seu vidro de verniz a fim de evitar que se resseque muito rapidamente. Mas, ao envelhecer, o verniz pode tornar-se seco: acrescente simplesmente um pouco de dissolvente gorduroso.

♦ Quase todas as mulheres têm o mau hábito de sacudir o pom-pom antes de se empoarem. Para evitar esse gesto inútil, corte uma pequena rodela de papelão de diâmetro de sua caixa de pó de arroz e perfure-a. Coloque o papelão diretamente sobre o pó, este passará em conta-gotas pelos buracinhos dessa peneira improvisada.

♦ Os arminhos de pó de arroz lavam-se perfeitamente com água morna e sabão. Se não estiverem sujos demais, você poderá deixá-los durante vinte e quatro horas no talco, onde se limparão por si mesmos.

♦ Escolha bem seus cremes de beleza. Não deixe seus potes e frascos desarrolhados junto a um radiador ou numa peça quente demais. Para servir-se dos cremes, se forem muito compactos, aqueça-os na palma da mão, assim se espalharão melhor.

♦ Se derramar na palma da mão o seu leite para demaquilagem ou a sua loção ou o seu tônico, realizará uma séria economia, pois o algodão absorve muito do líquido. Se mesmo assim, preferir servir-se de um algodão, molhe-o antes, enxugue-o bem e, assim, gastará menos leite ou tônico.

♦ Para que a lima de unhas dure muito tempo não a deixe num lugar úmido (cozinha, banheiro) ela poderá enferrujar.



Célia Coutinho

AS FOTOGRAFIAS FEMININAS que publiquei na semana passada, me entusiasmaram. Eu já havia preparado a seção para esta semana quando saiu o número anterior. Prontamente rasguei o que havia escrito, e resolvi procurar mais fotografias femininas. O texto em geral é que determina as fotografias a serem usadas; desta vez as fotografias que encontrei é que me deram um trabalho para arranjar um texto. Em todo caso, vamos deixar as fotos de lado um instante (**HEY! Eu disse "Vamos deixar as fotos de lado um instante!!!"**) e falar alguma coisa, qualquer coisa, contanto que seja curta, sobre as moças.

CÉLIA COUTINHO é um nome muito repetido no momento. Será porque é bonito? Pessoalmente não gosto muito do nome. Uma artista com uma plástica daquela deveria ter um sobrenome terminado em "el", como "Morel", "Marcel", "Montel", etc. Enfim, talvez ainda esteja em tempo, pois embora a moça seja contratada de Fernando D'Ávila (é um conhecedor, este D'Ávila) para o Teatro Recreio, não seria muita surpresa se Carlos Machado abrisse uma exceção no que ele considera a altura mínima para uma artista (Célia não possui medidas impressionantes, verticalmente, digo) e a contratasse. E todos sabem que uma das coisas que Machado mais gosta de fazer é mudar os nomes de suas contratadas.

CELENEH COSTA é outro nome que tenho ouvido três ou quatro vezes por dia, ultimamente. A razão não sei bem. Afinal, que ela é muito atraente não é novidade, e que eu saiba a moça não fez nada de espetacular recentemente. Mas, como eu disse, o importante hoje é ver fotografia, de modo que a guisa de texto digamos que Celeneh poderá ser vista em "Passion of the wilderness" brincando de pegar na areia com Eugênio Carlos (ele é mais vivo que vocês pensam), breve nos cinemas desta capital.



Celeneh Costa

KALEIDOSCÓPIO

CHUCK WOODWARD

MARLENE BLANCO é um nome que tenho prazer em apresentar. A moça começou no Teatrinho Natal, de São Paulo. Veio para o Rio, e seu trabalho agradou no Teatro Serrador. Entrou para o elenco do "Night and Day", e não apareceu muito em "Rio, I love you". Mas o olho do produtor estava nela. Em "Bela Época 1900 e 58" foi promovida à vedetinha: não fala nem canta, mas participa de vários quadros e desfila sempre na primeira linha. Como Marlene tem pretensões ao teatro falado, é possível que em breve esteja promovida a vedeta, formando trio com Elizabeth Gasper e Norma Benguel, se bem que falte ainda um pouco mais de tarimba. Mas é uma promessa, não há dúvida.

TÔNIA CARRERO já é um nome mais que feito. Isto não evitou que sua estréia no teatro musicado fôsse infeliz. Na verdade não teve muita culpa. O "Tourbillon" foi mesmo de arrasar com qualquer talento. O vestido com o qual ela fez seu número estava apertado, e a primeira vez que ela o usou foi em cena. Nem nos ensaios finais ele estava pronto. Vestido apertado no meio de um espetáculo frouxo é realmente de acabar com qualquer número. Por falar em vestido (que era justamente onde eu queria chegar), um colunista disse que ao sugerir que a fantasia de Tônia exibisse um pouco mais de sua plástica, ela não gostou da idéia. Por que, Tônia? Afinal, você está num teatro musicado, onde plástica em geral procura encobrir falta de talento, e não talento encobrir falta de plástica. Você possui talento e plástica, por que exibir só a metade? Dê seu apoio integral a Zilco Ribeiro, deixe a fantasia ser um pouco mais "musical"...

E AQUI TERMINA O TEXTO deixando-os à vontade com as fotografias. Na semana que vem talvez eu os leve para um passeio parecido com este, mas com fotos de pessoas do "Café-Society". A verdade é que os ricos também são beneficiados pela Natureza. Vocês é que pensam que rico ri à-toa...



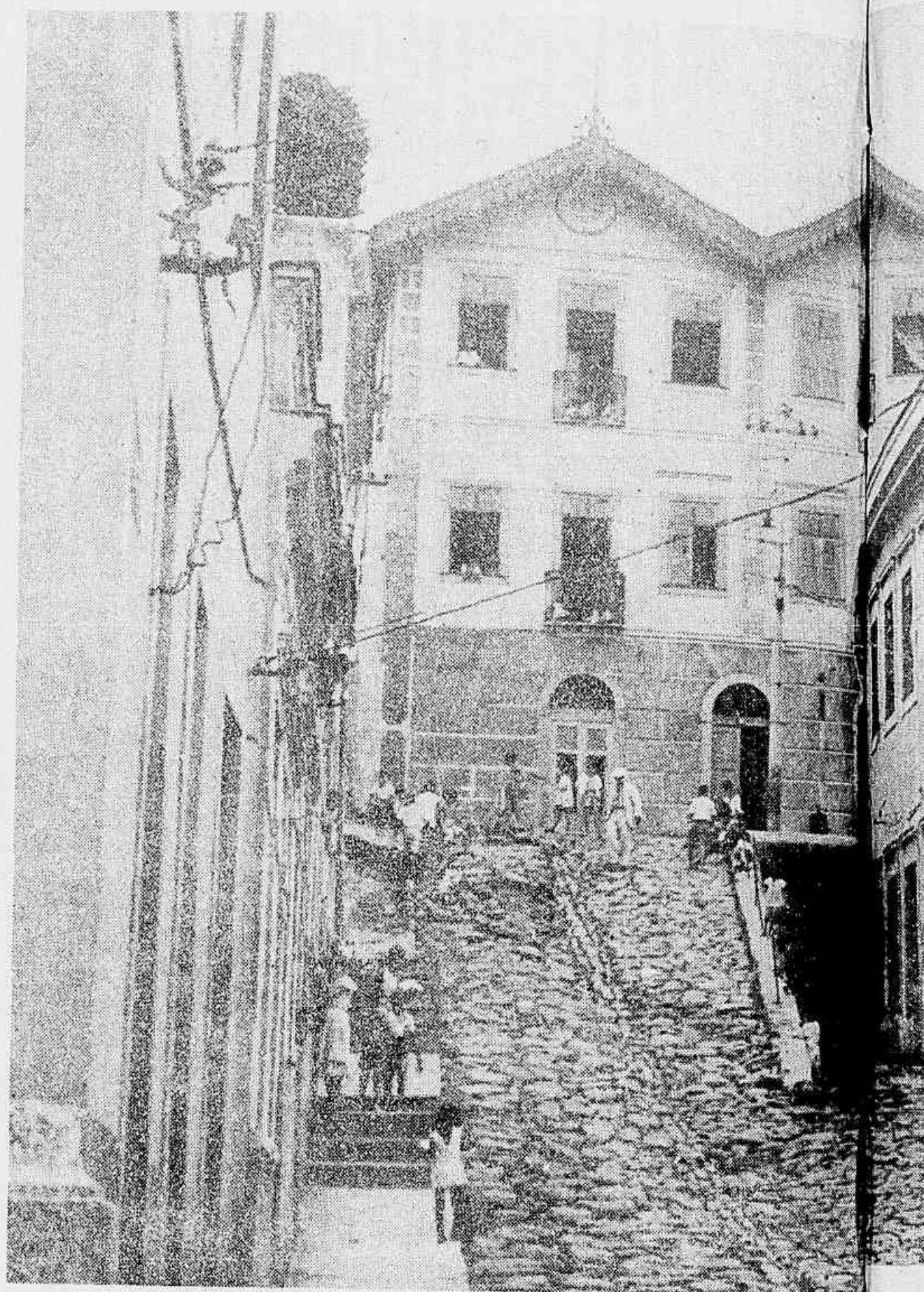
Tônia Carrero



Marlene Blanco



Estátua de Machado de Assis, diante da Academia Brasileira. Foi o escritor um de seus fundadores e seu primeiro presidente.



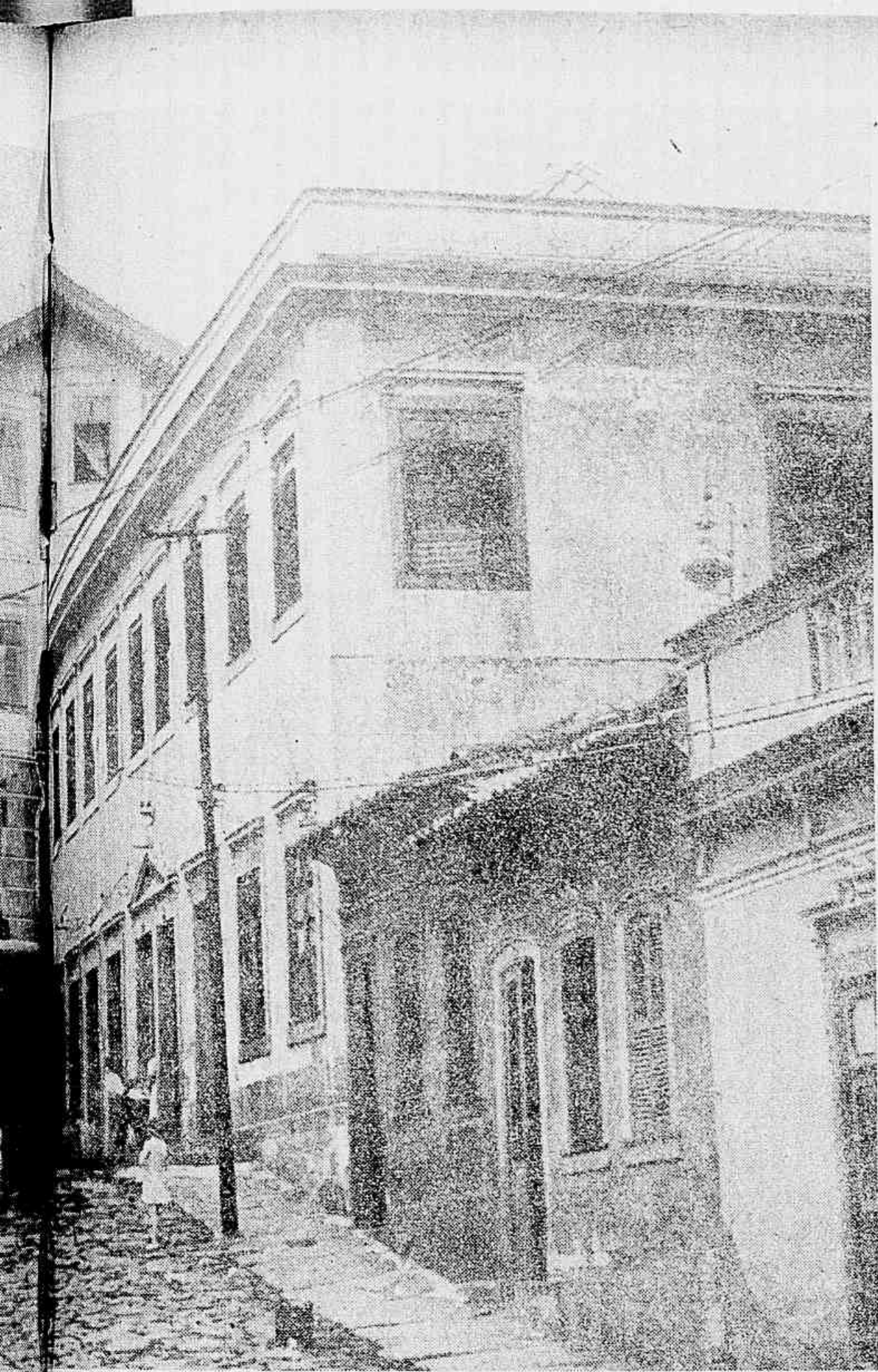
Embora não seja um descritivo, nunca deixou Machado de do morro do Livramento, onde nasceu, aparece em muitos de

MACHADO DE ASSIS

MACHADO DE ASSIS, como se sabe, rejeitou o realismo de Eça de Queiroz, quando este escreveu o "Primo Basílio" e criticou severamente o romance, em dois famosos artigos, publicados sob o pseudônimo de Eleazar, no "Cruzeiro". É que ele não tolerava aquele realismo, que se comprazia nos detalhes exteriores e procurava fazer uma espécie de dissecação anatômica dos aspectos mais crus da vida e do homem: realismo que, com o aparelhamento científico de Zola, passou a chamar-se naturalismo. Embora descrevendo com frequência cenas de adultério, de amores clandestinos, jamais insistiu em detalhes escabrosos. Nas "Memórias Póstumas de Braz Cubas" a situação dos protagonistas é tão imoral quanto a dos protagonistas de "O Primo Basílio"; nunca, porém, Machado de Assis consentiria em descrever qualquer coisa de semelhante àquele conhecido episódio de Basílio e Luíza, no "Paraíso", em que se compraz a curiosidade malsã dos leitores.

Ninguém, entretanto, logrou surpreender a alma humana nos seus movimentos mais íntimos, nas suas reações mais secretas do

que o autor de "Dom Casimiro". Em passagens, como as dos capítulos "O Almocreve" e "A Herança", das "Memórias Póstumas de Braz Cubas" temos uma imagem perfeita da realidade, da realidade interior do homem, das misérias que a hipocrisia e as conveniências sociais não conseguem ocultar. Com tal poder de apreender essa realidade, Machado de Assis, sem dúvida, fez realismo. Realismo da melhor espécie, mas não da natureza daquele de Zola e Eça de Queiroz. Realismo psicológico, isto sim, como de Dostoiévski, por exemplo. No entanto, embora se possa encartar os dois escritores na mesma corrente, a diferença entre eles é muito sensível. Ambos procuraram retratar as misérias, os desencontros, as incoerências da alma humana, deixando de preocupar-se com a objetivação dos personagens. Quando falamos de Braz Cubas pensamos nas reações psicológicas do amante de Virgínia: não sentimos o homem à nossa frente. Os heróis machadianos — com poucas exceções, entre os quais José Dias, o agregado do "Dom Casimiro" — vivem mais como realidade



caracterizar em traços marcantes o quadro urbano. A paisagem seus romances e contos.



A casa onde viveu e morreu Machado de Assis, no Cosme Velho, n.º 42. Infelizmente, o prédio já foi demolido.

E O RIO DE JANEIRO

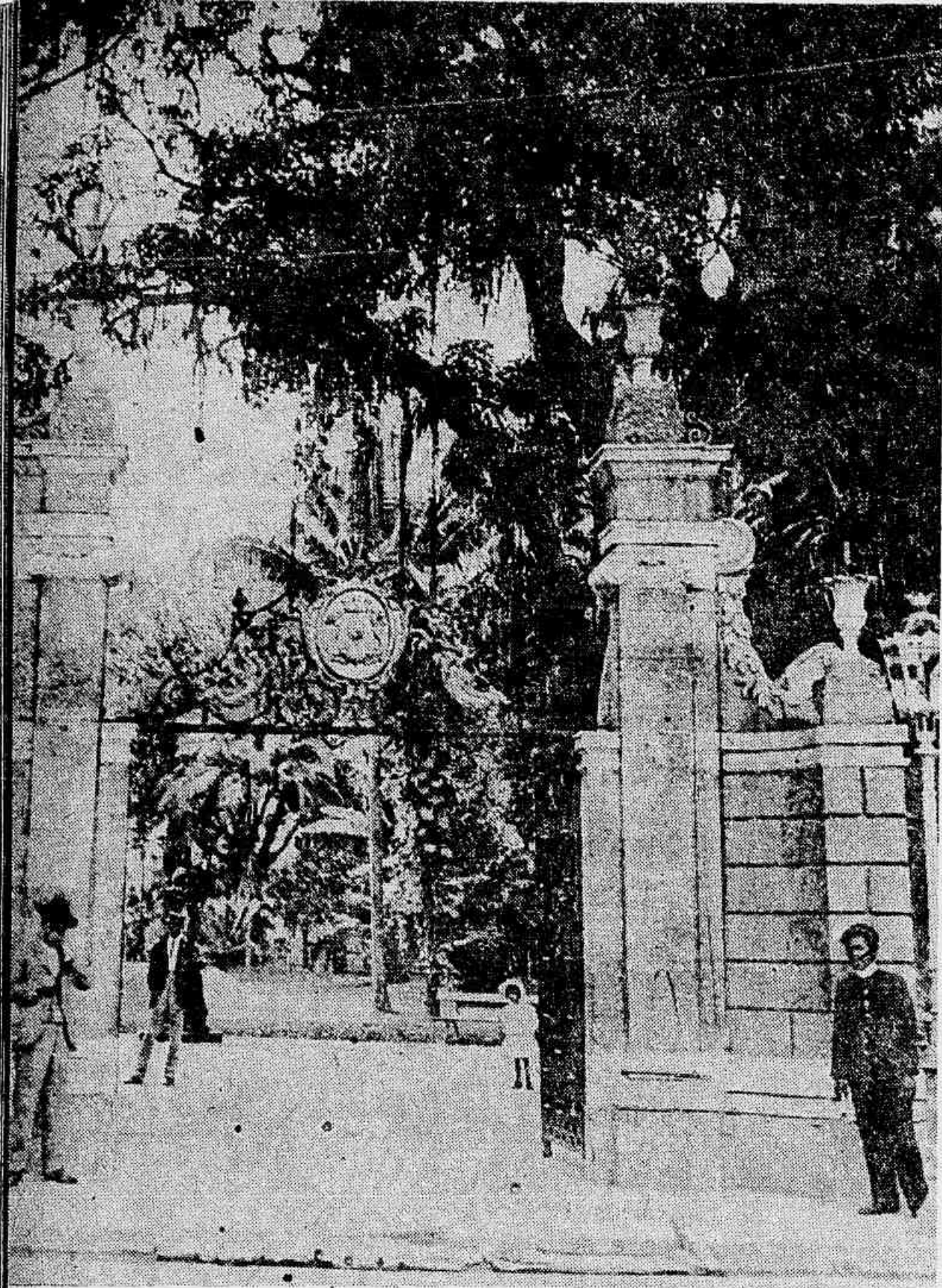
BRITO BROCA

psicológica do que como realidade exterior. O mesmo acontece com os heróis de Dostoiévski; ninguém se lembra jamais do rosto, da cor do cabelo, da maneira de vestir-se de Raskolnikof; mas todos os que já leram "Crime e Castigo" terão sempre presente o drama terrível das reações secretas do estudante. Esse, o ponto de contato do realismo de Machado com o de Dostoiévski. Agora, sem falar no humor que empresta àquele uma tonalidade específica, distanciando os dois escritores, vejamos esta diferença típica: em Dostoiévski os personagens parecem desligados inteiramente de compromissos com o mundo exterior, com o meio ambiente. Sabemos que as cenas se passam em São Petersburgo, que os heróis se acham em São Petersburgo, mas podiam se achar em qualquer outra cidade da Rússia, porque nada do que seja privativo de São Petersburgo se manifesta na vida deles. O meio urbano é apenas um pano de fundo, esbatido em claro-escuro, sem contornos definidos, compondo a atmosfera meio alucinatória em que se agitam as almas de Raskolnikof, de Sônia ou de Marmeladof. Que

diferença de Machado de Assis! Se o autor de "Quincas Borba" não foi um descritivo, nunca deixou de caracterizar com alguns traços suficientemente marcantes o quadro urbano, em que evoluem os personagens. Dostoiévski evoca um São Petersburgo de pesadelo. Machado de Assis sugere um Rio de Janeiro real, verdadeiro, quer na paisagem urbana, quer na paisagem social. Não se ocupa em descrever o movimento de uma rua — isto seria tarefa para os realistas a Zola — mas quando um dos seus personagens sai de casa procura indicar sempre que ruas ele percorre e onde se dão determinados fatos.

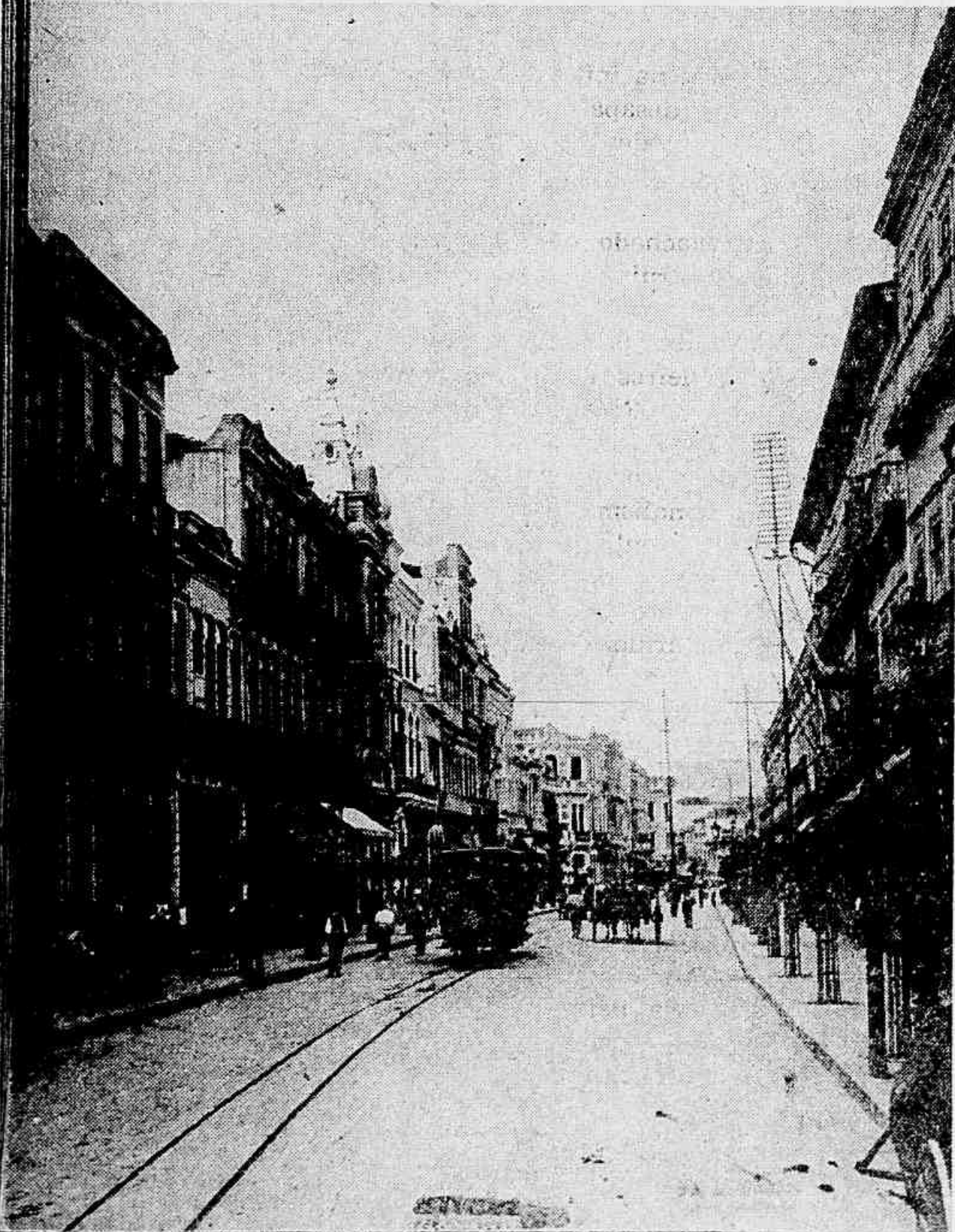
EDUARDO ENCAMINHOU-SE PARA A RUA DO LAVRADIO....

Examinemos, ao acaso, um trecho do conto "Encher tempo" do 2.º volume das "Histórias Românticas". Machado inicia a narrativa, descrevendo uma tarde de dezembro, dando dela uma perfeita sugestão, em algumas linhas, sem precisar recorrer a de-



Em poucos traços, retrata Machado, no "Dom Casmurro", o nosso Passeio Público. Mas o cenário apenas sugerido fixa-se definitivamente.

A rua da Carioca, ao tempo de Machado de Assis. Através da obra do escritor, poder-se-á facilmente fazer o levantamento do Rio antigo.



A obra de Machado sugere u



A presença do Rio, com seus usos e costumes, suas praças e obra do autor de "Memorial de Aires" o limite e a amplitude do

talhes: "O calor fôra excessivo durante a manhã tôda, às duas horas o céu começou a enegrecer, às três e meia, desfechou a tormenta que pouca gente apanhou na rua...". "Os que eram sinceramente piedosos acenderam uma vela benta diante do oratório e rezaram uma ladainha, puxada pelo dono da casa e respondida por tôda a família; outros envolviam-se em cobertores de lã, outros viam cair a chuva; ninguém, absolutamente ninguém andava por fora". Está aqui esboçado em linhas definitivas um quadro de costumes da época, quando caía uma tempestade com raios e trovões. Ainda na minha infância, na província, há quarenta anos, conheci essa vela benta (minha avó guardava-a como uma relíquia milagrosa), essa ladainha puxada às vêzes pelo dono da casa diante do oratório aberto e êsse hábito de envolver-se em cobertor de lã na presunção — não sei com que fundamento — de que a lã afugenta o raio.

"Ninguém, digo mal" — continua Machado, acrescentando que talvez só uma pessoa se aventurara a andar na rua em tão desabrada tarde: um rapaz de cerca de dezoito anos, embuçado num capote pardo, com o guarda-chuva aberto e os pés nadando dentro de um par de sapatos de bezerro. E agora o seu itinerário: vencida a praia da Gamboa, entrou em uma das ruas transversais, que vão dar à do Livramento e ali teve de passar contra a corrente um rio de água barrenta que descia, graças ao declive do solo. Me-

e um Rio autêntico e real.



ruas, seus bairros e praias, sobradões e cabriolés constitui, na realidade psicológica que ela molda.

teu-se afinal pela rua do Livramento e apertando mais o passo pôde chegar a salvo a uma casa assobradada de três janelas, em cujo corredor entrou. Eis o início desse conto, que à semelhança de tantos outros de Machado de Assis oferece elementos para os que pretenderem reconstruir a vida do Rio antigo.

Outro exemplo, no conto "Questão de Vaidade", do 1.º volume das "Histórias Românticas": "Eduardo encaminhou-se para a rua do Lavradio, onde morava Maria Luíza. No Rocio encontrou dois amigos". E segue-se o diálogo entre eles. Ora, se Eduardo, indo pra Lavradio, cruzou dois amigos no Rocio, conclui-se logo de que direção ele vinha. Machado costumava assinalar assim o itinerário dos seus personagens, mostrando como tinha sempre presente o quadro urbano do Rio e era geralmente em função deste que pensava e arquitetava as suas histórias.

Um dos exemplos mais expressivos temos, em seguida, nos três capítulos do "Dom Casmurro", intitulados respectivamente "No Passeio Público", "As leis são belas" e "Ao portão", todos constituindo a seqüência do mesmo episódio. Bentinho e José Dias apóiam de um ônibus à porta do Passeio Público, o sítio adequado à conversa particular que deviam ter. Em poucos traços é configurado o ambiente: "Algumas caras velhas, outras doentes ou só vadias espalhavam-se melancolicamente no caminho que vai da porta ao terraço". Lembremo-nos de que é Bentinho quem narra,

e preocupado como estava, não podia ver mais do que esse detalhe marcante: pessoas doentes e vadias pelo caminho. Depois de tratar do assunto, que ali o trouxera, enquanto José Dias propunha a solução — estudar Direito, em lugar de ir para o Seminário — o menino, embora absorvido no problema, não deixa de fixar os olhos em outras notas da paisagem: "O céu estava meio enfarruscado. No ar, perto da praia, grandes pássaros negros faziam giros, esvoaçando ou pairando e desciam a roçar os pés na água, e tornavam a erguer-se para descer novamente". É como um desses lances de olhos que damos por vezes, ao que se passa em torno, quando na realidade estamos distantes do ambiente. "Mas nem as sombras do céu — acentua o narrador — nem as danças fantásticas dos pássaros me desviavam o espírito do meu interlocutor". Ao saírem do Passeio Público, no portão, um mendigo lhes estende a mão. José Dias passa adiante; Bentinho, pensando em Capitu e no Seminário dá uma esmola ao pobre. Nesses três curtos capítulos a paisagem urbana daquele logradouro é sugerida com fidelidade através de uma situação psicológica. Machado faz o narrador ver somente aquilo que no seu estado de espírito este poderia ver, o que sublinhava o quadro. Mas os mendigos, os vadios, os pássaros negros esvoaçando sobre o mar, bastam para estruturar nitidamente a realidade do Passeio Público na dimensão psicológica do episódio. Muitos outros escritores terão retratado com minúcias o jardim, as aléias do parque, o chafariz de mestre Valentim. Machado fê-lo em dois traços. No entanto, jamais nos lembraremos da conversa entre José Dias e Bentinho, tão decisiva para a sorte deste, sem que não nos surja logo à mente o local onde ela se realizou.

Uma paciente pesquisa na obra de Machado de Assis ia mostrar-nos muitos casos expressivos, como este. Se lhe interessava, acima de tudo, a alma dos personagens, reconhecia ele que ela estava ligada a uma estrutura material e não podia agitar-se no espaço sem uma base física. A presença do Rio, com seus usos e costumes, suas ruas e praças, seus bairros e praias, seus sobradões coloniais, suas andorinhas e seus cabriolés, na obra do romancista e do contista, constitui pois o limite e ao mesmo tempo, a amplitude do realismo psicológico em que ela se molda.

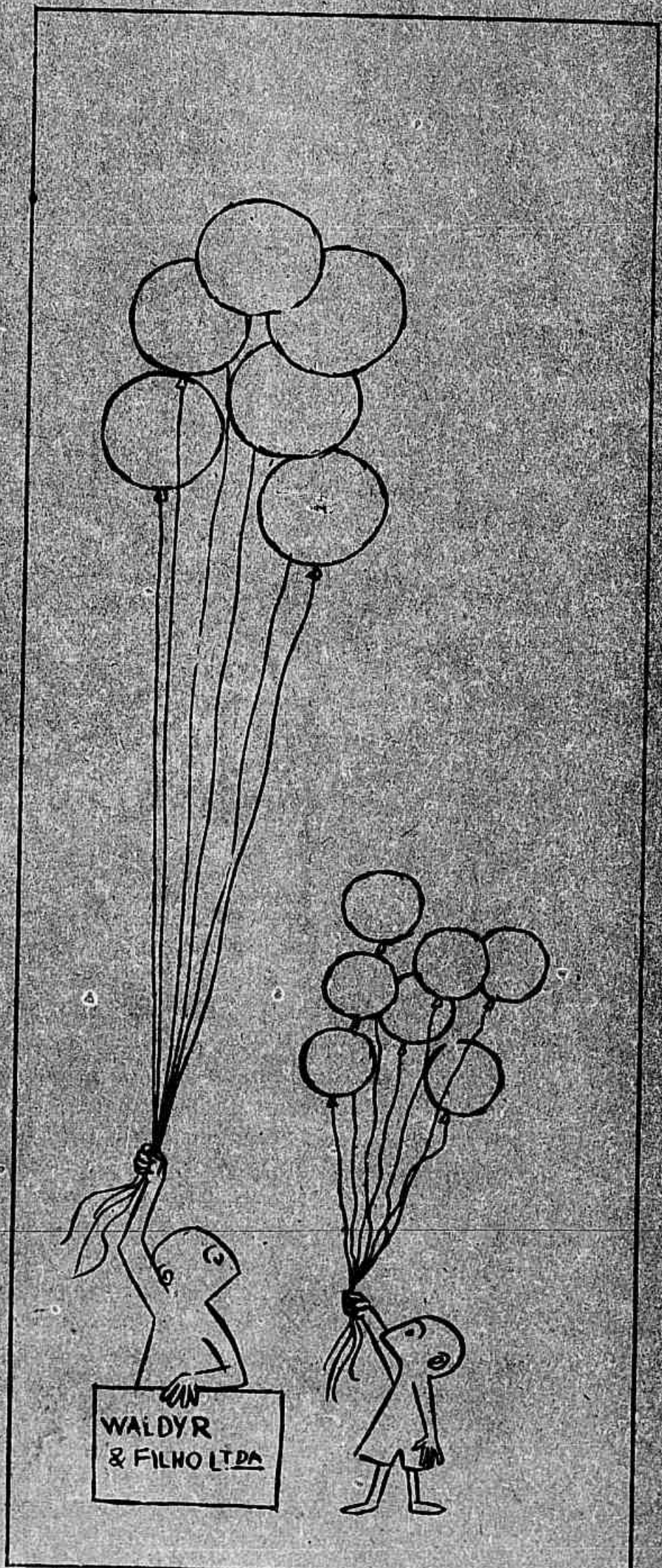
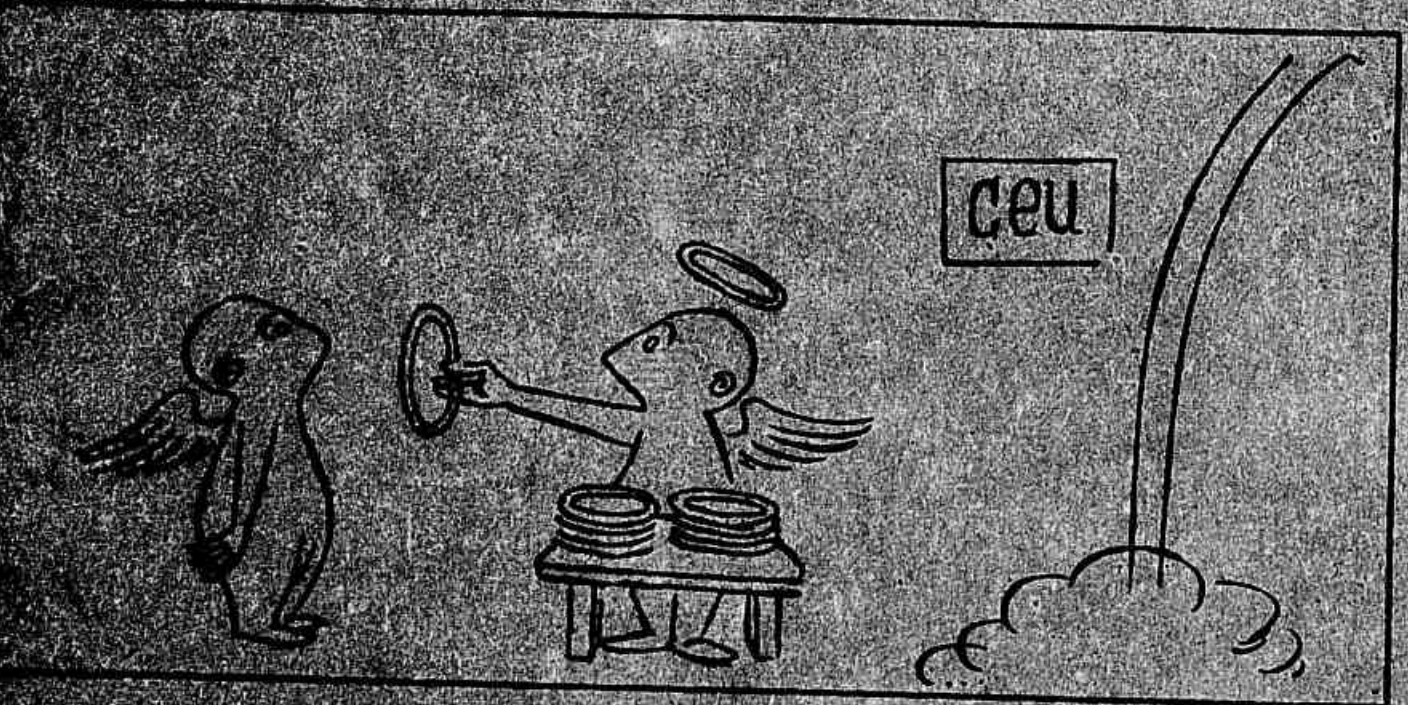
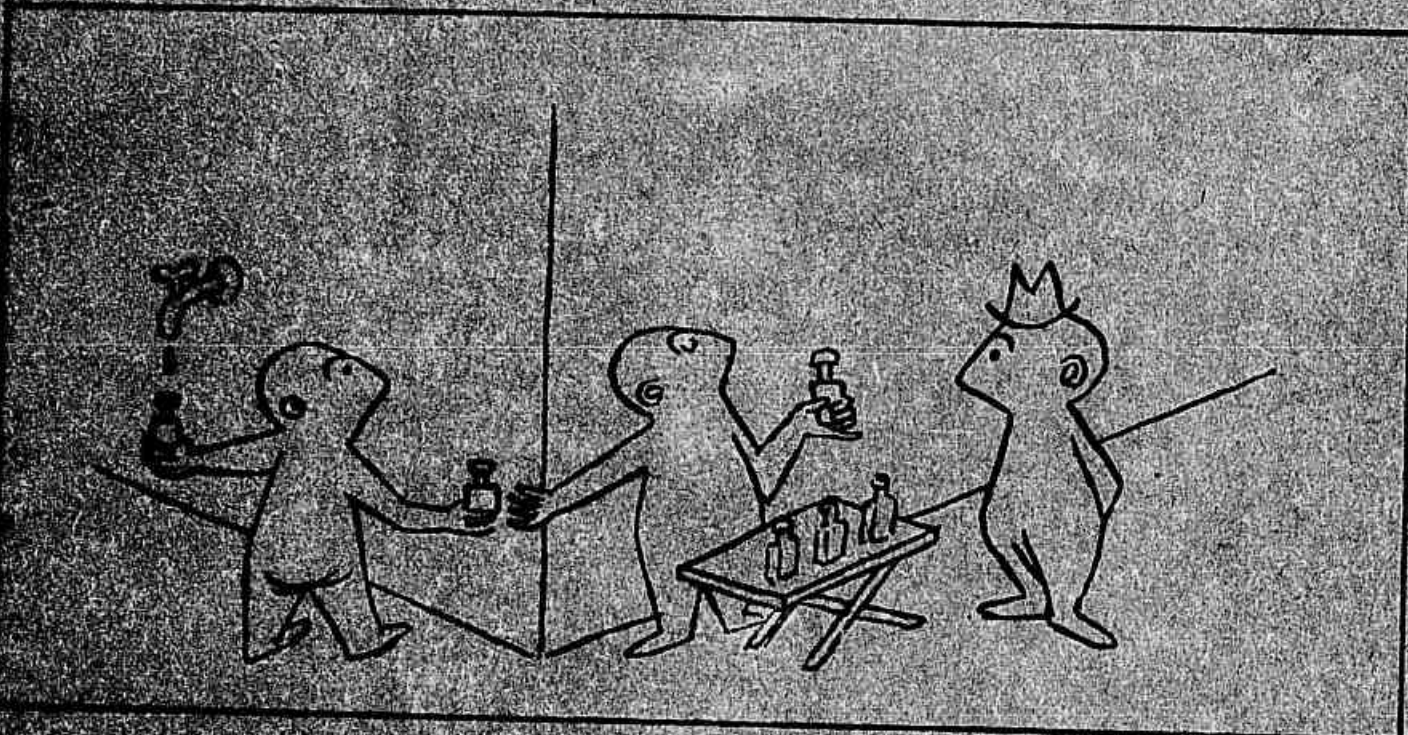
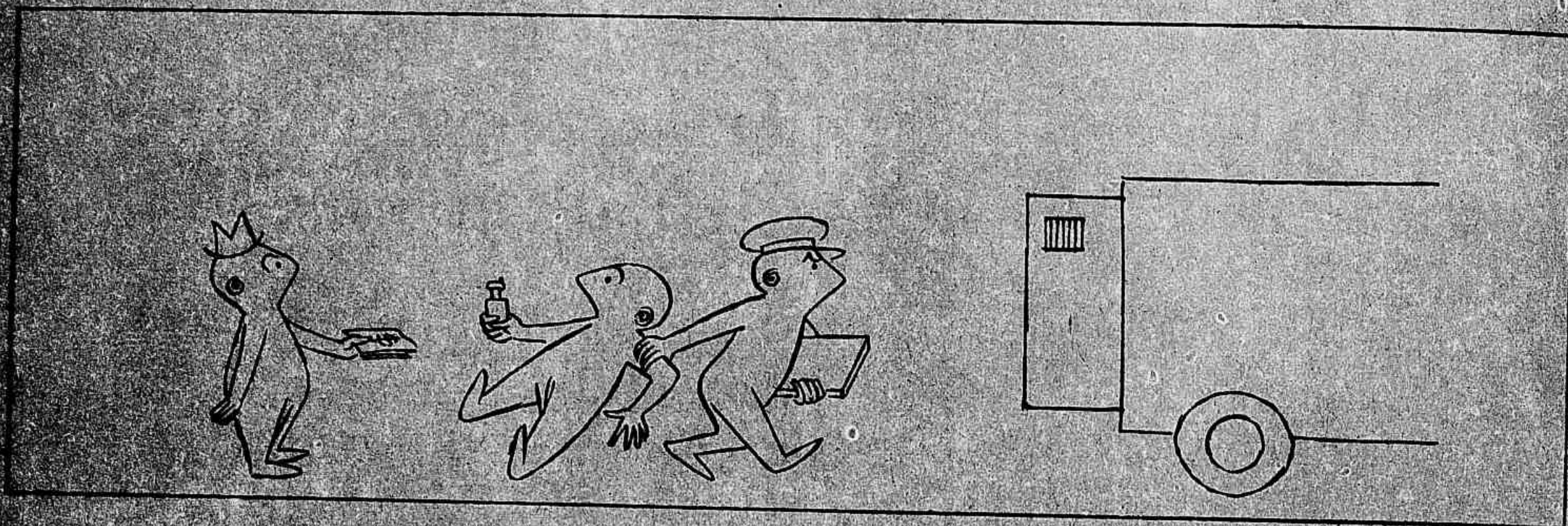
A INDIFERENÇA HUMANA, TÃO CARACTERÍSTICA DAS GRANDES METRÓPOLES

É essa identificação do escritor com a cidade vai levá-lo a uma atitude saudosista, na medida em que a metrópole, sob a influência do progresso, começa a transformar-se. Nas suas crônicas vemos-lo a todo momento a recordar cheio de nostalgia um Rio antigo, um Rio que conheceu na infância, na adolescência e na mocidade e que gradativamente desaparece. É uma alusão saudosa ao hotel Ravot, à rua Matacavalos ou a Mataporcos, ao velho Alcazar, a tantos outros acidentes, entre os quais decorria a vida dos seus personagens.

Bem deslocado Machado de Assis devia sentir-se na nova capital que surgiu das ruínas do "Bota Abaixo"; a cidade de feição europeu, improvisada pelo prefeito Pereira Passos, a Avenida Central surpreendente, por onde irrompiam, com um ronco ensurdecedor, os primeiros automóveis. Não — diria ele — esse já não era mais o seu Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro dos seus heróis, nada tinha de comum com essa cidade, onde Figueiredo Pimentel organizava corsos em Botafogo e Paulo Barreto implantava o sensacionalismo literário. E a sua rua do Ouvidor, que diferença da de outrora! Bem expressivo nos parece, nesse sentido, o caso a que se reporta Humberto de Campos, no 1.º volume do "Diário Secreto". Contara-lhe Emanuel Bonfim que, tendo saído da Livraria Garnier, com Machado de Assis detiveram-se à porta, vendo passar a multidão suarenta e apressada pela rua do Ouvidor regorgitante. Olhando aquela infinidade de homens, que iam e vinham, sem trocar um olhar ou um cumprimento, aquela rua do Ouvidor tão diversa da que ele descrevera tantas vezes, o romancista sacudiu a cabeça com tristeza e disse na sua meia gagueira:

— Fe... festa de estalagem. Todos dançam e ninguém se conhece...

Evidentemente, Machado de Assis não era refratário ao progresso, mas um espírito como o seu, tão afeito à atmosfera do Rio antigo, não podia deixar de ver no Rio moderno, antes de tudo: suor, atropelo, promiscuidade e essa profunda indiferença humana, tão característica das grandes metrópoles.



TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES



JK.



Negrão.

MORTE DA OPA EM USA — NA VÉSPERA DA ELEIÇÃO

MORREU A OPERAÇÃO PAN-AMERICANA, em Washington, exatamente uma semana antes das eleições no Brasil. Morreu, como? perguntarão os que lêem manchetes de jornais. Morreu de morte natural, responderão os avisados. Mas como foi moléstia infecto-contagiosa, a família não quer que os vizinhos saibam e diz que ela ainda está viva.

Talvez os de casa se iludam, mas os vizinhos — esses não se enganam, porque foram eles mesmos que fizeram tudo para a morte da OPA. Ao lançar a excelente idéia da Operação Pan-Americana, depois de uma série de reuniões de estudo em que o Chancelaria se transferiu do Palácio Itamarati para o Palácio das Laranjeiras, o Presidente Juscelino Kubitschek tinha em mira obter melhor tratamento para o Brasil por parte dos Estados Unidos, preferindo a uma ação unilateral congregar esforços dentro de uma luta de amplitude continental contra o sub-desenvolvimento. A idéia era das mais nobres e, seguramente, de oportunidade rara, após os ultrajes sofridos pelo Vice-Presidente Nixon na América Latina.



MAS O CIÚME E A VAIDADE DOS LATINOS-AMERICANOS, juntamente com a rígida política norte-americana, mais uma vez, puseram por terra com os planos de organizar economicamente e estruturar socialmente, em níveis satisfatórios, as pobres Repúblicas de origem latina existentes no Novo Mundo. Lançando a fórmula da OPA, o Governo do Brasil esperava capitalizar dois fatores: os recursos financeiros mais a potência econômica dos Estados Unidos; o prestígio político das nações latino-americanas. Tudo isto seria conjugado na execução da "Doutrina Kubitschek". Se não tivesse tido este nome, talvez a OPA, com outro nome, fosse adiante. Assim batizada e cognominada, despertou o ressentimento, a prevenção de vizinhos que há muito olham para o Brasil sem compreendê-lo. Dai as adesões protocolares, se bem que efusivas, manifestadas ao Presidente brasileiro. Na hora de contar os votos, verificou-se que o México tinha uma antifórmula que mandava simplesmente o projeto brasileiro para as urtigas onde fanam todos os projetos de aceleração do desenvolvimento do Continente (segundo achava o Brasil) — a Organização dos Estados Americanos, uma espécie de sociedade das nações do Hemisfério. Em torno dessa antifórmula (o Brasil queria realizar o projeto fora do OEA, por aqueles motivos, por desejar uma ação mais rápida e eficaz) logo se juntaram todos os outros latino-americanos. Coube aos Estados Unidos redigir a proposta final: remessa da OPA para a OEA.

OS SANTOS DA OPA NÃO FIZERAM OS MILAGRES necessários ao seu primeiro ciclo de vida. Sairam em procissão pelo Continente, é certo, mas parece que muitos fatores de ordem material além daqueles já mencionados, influíram no resultado final encontrado. Entre eles, o desaparecimento do Itamarati, cujos serviços de comunicações, por exemplo, se encontram em flagrante contraste com a rapidez das agências telegráficas. No dia decisivo, a tradução das mensagens de Washington só seria completada no Itamarati perto da meia noite. Essas mensagens vinham confirmar aquilo que as agências de notícias despejavam diretamente dentro da redação dos jornais desde as primeiras horas da tarde. Explica-se: a verba orçamentária anual do Itamarati é igual à verba da Remonta...

Agora, será preciso fazer muita força para que a idéia da OPA não seja definitivamente sepultada nos meandros da OEA. Eis o resumo da OPA.



NA VÉSPERA DE UMA ELEIÇÃO PREVIAMENTE PERDIDA para ele, o Governo federal olha com cautela o panorama e o Presidente da República proclama sua isenção no pleito. Vem procurando manter a isenção. E os observadores mais experimentados atribuem essa neutralidade à própria impossibilidade de interferir sem expor-se ainda a maior definição do revés. Pois o que se vê, nestas últimas horas que nos separam do pleito, é o crescimento perigoso dos dois partidos que mais teme o Presidente: o PTB e a UDN. Estima-se que o PTB saia tão forte e tão reivindicador, tão extremado, que passe a ser um aliado perigoso. A UDN deve sair tão fortalecida, que poderá reclamar ou receber grande participação no Governo. De qualquer forma, o Sr. Juscelino Kubitschek está entre a vitória de um amigo duvidoso e o triunfo de um inimigo tradicional. Se JK não arrisca um olho pelo PSD é porque não pode expor-se a uma derrota clamorosa (Eis porque abandonou Ulisses Guimarães e Vieira de Melo.) Na escolha em que se encontra, ainda pode a vir compor-se com amigos ou adversários depois do pleito, constituindo aquela espécie de maioria duvidosa com que governou o Presidente Café Filho, o qual chegou até a prescindir de líder no Congresso. Impulsionado pelas forças conservadoras que apelam para o seu instinto de conservação, o Sr. Juscelino Kubitschek, que já se tem exposto muito, (libertação de Luiz Carlos Prestes, manutenção do monopólio estatal do petróleo, relações comerciais com a Rússia em franco andamento) o Sr. Juscelino Kubits-

LUTHERO VARGAS

PARA DEPUTADO
SERGIO MAGALHÃES
EM DEFESA DA **PETROBRAS**

STOS PEIXO

PARA DEPT

MOES DE MORAES

check está se preparando, ao que indicam as circunstâncias, para trocar o PTB pela UDN como suporte parlamentar e político de seu Governo. Isso para JK (que no fundo aspira à reeleição) significa ficar de sentinela à vista. Apesar dos pezares, é-lhe mais leve o fardo do PTB...

Depois desse 3 de outubro, que aí se aproxima apaixonado, com os comunistas soltos na rua e os sinos trabalhando em sinal de perigo, com os padres condenando, absolvendo e esconjurando, tudo ao mesmo tempo, haverá dois resultados principais: o quadro político estará mais claro, com uma definição de forças que se fazia necessária — populistas de um lado, conservadores de outro; e o Governante pessedista terá de escolher entre permanecer com o amigo insaciável — o PTB — e a inimiga implacável — a UDN. O resto — ora, o resto — é uma questão de mólho.



Carvalho Pinto.

CONSIDERAM-SE VITORIOSOS

SEGUNDO AS ÚLTIMAS informações recebidas, consideram-se vitoriosas as candidaturas dos srs. Carvalho Pinto ao Governo de São Paulo, Juracy Magalhães ao Governo da Bahia, Jarbas Maranhão ao Governo de Pernambuco, Gilberto Mestrinho ao Governo do Amazonas, Leonel Brizzola ao Governo do Rio Grande do Sul, Roberto Silveira ao do Estado do Rio, Virgílio Távora, para o Ceará, Luiz Garcia, para Sergipe, Carlos Lindemberg para o Espírito Santo, Cunha Bastos, em Goiás. As candidaturas dos srs. Carvalho Pinto, Juracy Magalhães e Virgílio Távora cresceram muito nas últimas horas, devido ao desgaste dos competidores e ainda podem apresentar surpresas, principalmente a primeira. De todos, o que se espera tenha a vitória tranqüila é o sr. Jarbas Maranhão. O sr. Leonel Brizzola terá que fazer muita força para vencer o sr. Perachi de Barcelos.

Para o Senado consideram-se vitoriosos: Arnon de Melo, em Alagoas; Apolônio Sales, em Pernambuco; Otávio Mangabeira, na Bahia; Lutero Vargas, no Distrito Federal; Irineu Bornhausen, em Santa Catarina; Frota Moreira, em São Paulo; Bernardes Filho, em Minas Gerais; Fernando Correia da Costa, em Mato Grosso; Abelardo Coimbra Bueno, em Goiás; Souza Neves, no Paraná; Vivaldo Lima, no Amazonas; Dix-huit Rosado, no Rio Grande do Norte.



Afonso Arinos.

DEBAIXO DOS REFLETORES

DENTRO DE ALGUMAS horas, os refletores eleitorais terão definido e recortado uma destas duas figuras, dando-lhe a palma da vitória e, com isto, simbolizando uma escolha de grande importância na sucessão presidencial em 1960.

O sr. Lutero Vargas (atual presidente do PTB carioca), representa um elemento já consolidado na política do Distrito Federal. Sua vitória significará, mesmo, o avanço natural para o Governo do futuro Estado da Guanabara, isto é, da segunda unidade federada do país, ou seja, uma posição invejável no jogo da imediata luta pelo Catete. Significará, também, a permanência do mito do sr. Getúlio Vargas como esperança de realizações populares, pois a verdade é que o nome continua a ser a maior bandeira do sr. Lutero, cuja atuação como político ainda se ressentia muito da falta de atuações concretas — não obstante seu nome como médico dos pobres e das crianças. É o candidato dos populistas, do PTB, do PSP, do PC.

O sr. Afonso Arinos (atual líder da Oposição na Câmara), representa um elemento novo na política da capital do país. Deixou de concorrer em Minas para habilitar-se no Rio e já realizou surpreendentes progressos, especialmente depois que o sr. Carlos Lacerda o colocou dentro do "caminhão do povo". Sua vitória significará a recuperação da influência das classes médias e dos grupos intelectuais mais conservadores nas eleições majoritárias no Distrito Federal e afirmação surpreendente de que um nome de grande vigor intelectual e autoridade moral pode passar de um Estado para o Rio e receber a consagração popular. É o candidato das classes médias, da UDN, do PL, do PR e do PDC.

ÚLTIMO INFORME:

Em virtude do apoio dos comunistas e dos integralistas, bem como do fato de que o sr. João Mangabeira retirará votos do sr. Afonso Arinos, contando, ainda, com a desistência do sr. Mozart Lago, o vencedor deverá ser o sr. Lutero Vargas, por margem calculada entre 40 mil a 60 mil votos.



FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

Brasil x USA x URSS

◆ Prova do fracasso da Operação Pan-Americana foi a aprovação, pela Petrobrás, logo no dia seguinte, à proposta russa da troca de petróleo por sacas de café, cacau e outros produtos brasileiros.

Outra prova: a ofensiva assumida pelo Brasil contra os produtores africanos de café, também no mesmo dia, produtores que são financiados pelos capitais norte-americanos. Se o Brasil tivesse imediatas esperanças na OPA, não agiria assim.

Aliás, causou espécie a atitude dos Estados Unidos baixando as cotas de importação de chumbo e zinco da América Latina na mesma hora em que o bem intencionado Brasil apresentava seu projeto de estabilização dos preços de matérias primas como primeiro passo para a OPA.

Sem Adams

◆ Agora sem Sherman Adams, conselheiro (foi embora para não prejudicar o Partido Republicano na renovação do Congresso), o Presidente Dwight D. Eisenhower (without chiclets Adams) pronunciou um belo discurso, ao melhor estilo continental, na Reunião dos Chanceleres, em Washington.

Deputados no Distrito

◆ Candidatos a deputado que deverão ser mais votados no Distrito Federal: Carlos Lacerda, Menezes Côrtes, Mendes de Moraes, Chagas Freitas, Sérgio Magalhães, Adauto Lúcio Cardoso, Benjamin Farah. A UDN deve eleger, ainda, Mário Martins, Frota Aguiar.

No PTB esperam reeleger (além do sr. Sérgio Magalhães) o sr. Rubens Berardo, e eleger os srs. Olímpio de Melo (apoiado pelos comunistas), Eloy Dutra, Waldir Simões e Cotrim Neto. (Este deverá trazer entre 12 mil a 16 mil votos integralistas e seus, pessoais). Os srs. Epaminondas Martins e Boanerges Cunha devem sobrar.

O Partido Socialista conta fazer um: o sr. Breno da Silveira.

Candidato indiferente

◆ O médico Dante Costa, grande especialista em nutrição, candidato a suplente de senador na chapa do sr. João Mangabeira, pelo Partido Socialista, foi nomeado para a delegação a um congresso de sua especialidade, na Europa, atravessando o dia 3 de outubro. Eis o que se chama desprezar uma eleição...

Recuperação de Lacerda

◆ O líder udenista Carlos Lacerda recuperou-se tão bem perante o eleitorado, continuando a ser o político carioca que mais fascínio exerce, que até os seus adversários estão surpreendidos. Um pouco menos enfático do que em 1954, mas com toda a corda, Lacerda reassumiu o seu posto de primeiro astro da televisão e da tribuna política. A casa de Lacerda vive cheia de gente que o mantém em perpétua adoração.

Café em grão

◆ O sr. Ruy Gomes de Almeida (presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro) não quis ser o presidente da delegação brasileira à Conferência do Café. Achou que ainda era cedo para ficar mal com todo mundo. Ruy é do café, mas não gosta de ser queimado...

Jango furioso

◆ Jango está furioso com Rômulo de Almeida. Logo depois de ter indicado o homem para Ministro do Trabalho, este abandona a orientação do PTB nacional e passa a apoiar... Juraci Magalhães. O abandono dói duas vezes. A primeira porque todo abandono dói. A segunda porque Juraci (que mandou avisar aos parentes e amigos "que foi para uma batalha cujo desfecho lhe parecia incerto, mas hoje só um desastre me faria perdê-la") já anunciou que depois de eleito Governador da Bahia disputará a eleição presidencial, em 1960.

Nóbrega vai bem

◆ Enquanto isso, Nóbrega (Fernando) — que foi contemplado com o Ministério do Trabalho, na hora em que Rômulo hesitou, com olho no Governo baiano (que, por fim, lhe escaparia) — vai passando muito bem, obrigado, no M.T.I.C. Homem prudente, que não mete a mão em combuca, sofre as suas pressões dos escalões maiores, mas vai prosseguindo e já conseguiu chutar para adiante a bola de fogo do salário mínimo.

Compra de bonde em Nova Iorque

◆ Numa roda do Jockey Club, dizia-se (comentário sobre a OPA) que só o provincianismo de dois mineiros poderia ir comprar um bonde cheio de dólares, em Nova Iorque, com entrega marcada em Washington...

Nacionalistas

◆ Todos, agora, são nacionalistas. Até o eminente internacionalista (mestre em direito internacional) San-Tiago Dantas, que está pescando 30 mil votos petebistas em Minas Gerais, com um olho em Grão Mogol e outro no Itamarati. Por isso tudo, causou estranheza nos meios marítimos o nome de Lahmeyer, estrangeiríssimo título, dado à empresa que reivindica exclusivamente para a iniciativa dos capitais e do cérebro nacional a exploração da indústria de construção naval. Com esse nome, a empresa brasileira (grupo Sampaio Ferraz) pretende concorrer e até eliminar do mercado a Ishikawajima (japonesa), cujo projeto já se encontra no GEICON, aos cuidados do comandante Gomes de Paiva.

E para encerrar:

◆ Diz-se que alguns eminentes sacerdotes já estão cogitando seriamente de vestir-se à paisana, a fim de escapar ao cerco dos políticos que lhes pedem bênção para as suas campanhas e maldições para as campanhas dos adversários. Pelo mesmo motivo, alguns dirigentes militares, possivelmente, tirem férias depois de 3 de outubro, para fugir ao choro dos derrotados...

PÂNICO NO QG DE ADHEMAR

JÁ É CONSIDERADA CERTA A



Na Pasta da Fazenda, desfechou Carvalho Pinto tremenda luta contra os tubarões sonegadores. Nestas eleições, terá o prêmio.

O PROFESSOR CARVALHO PINTO, o homem que "já ganhou" a governança de São Paulo, irá repetir a tradição de presença de sua família na vida pública brasileira. Carvalho Pinto é sobrinho-neto de um estadista da estirpe de Rodrigues Alves, que ocupou a Presidência da República e por duas vezes esteve à testa do Governo de São Paulo. Por aí se vê que o Professor teve a quem sair. A ascendência auxilia a explicar, de algum modo, a marcante inteligência e a capacidade administrativa que caracterizam Carvalho Pinto. Sua vida de estudante está repleta de honrarias: no Colégio colecionou prêmios e medalhas; na Faculdade de Direito formou-se em primeiro lugar, sendo eleito orador de sua turma de bacharelados. Como funcionário da Prefeitura de

São Paulo sua atuação repetiu os feitos de escola — grau dez em tudo: iniciativa e probidade.

Há muita coisa de excepcional na vida de Carvalho Pinto. Talvez a mais marcante de todas seja ter trabalhado sob as ordens de Jânio Quadros sem jamais receber uma advertência. Há muita gente boa sendo agraciada com os famosos bilhetinhos de Jânio, sempre que a eficiência de suas funções entra em colapso. Carvalho Pinto foi o único que nunca viu a cor dos tais bilhetinhos. Quando ocupou a Secretaria de Fazenda do Estado, recebeu do Governador uma prova máxima de confiança: teria carta branca para trabalhar. Jânio costumava dizer: "No dinheiro de São Paulo quem manda é o Carvalho Pinto". E sabia o que estava dizendo

A VITÓRIA DE CARVALHO PINTO



Em 12 anos, foi C.P. o primeiro secretário do Estado a atingir o equilíbrio orçamentário de S. Paulo. É o homem talhado para suceder Jânio.

e que podia confiar no Professor. Pondo mãos à obra, diante de uma Secretaria em petição de miséria, Carvalho Pinto resolveu de saída regulamentar a justiça tributária do Estado. Desfechou tremenda luta contra os tubarões que se recusavam a pagar os impostos que a lei lhes exigia. Um dos magnatas do tubaronato, célebre pela sua recalcitrância em contribuir para o erário público, morreu com 307 milhões que devia há muito aos cofres do Estado. "Agarrei o tubarão pela gola", comentou Carvalho Pinto quando venceu a batalha. O resultado do trabalho metódico, extenuante e ininterrupto de sua administração deu que, em 12 anos, foi o primeiro Secretário de Fazenda a atingir o equilíbrio orçamentário do Estado. Houve quem coçasse a cabeça, mostrasse estupe-

fação e falasse em milagre. Qual milagre! Eram trabalho e energia desenvolvendo-se em força total. O Professor, com sua simplicidade e modéstia, continuou operando. Cumpriu rigorosamente um Plano de Pavimentação, entregando a São Paulo dois mil quilômetros novinhos de estradas pavimentadas. Reestruturou o Serviço de esgotos e abasteceu de água cerca de trezentos municípios paulistas privados destas necessidades. Reequipou o parque ferroviário do Estado. Construiu escolas e postos de puericultura. Executou uma das tarefas mais preciosas para as populações do interior paulista: o notável incremento de produção de energia que fez desabrochar da Usina de Salto Grande. São obras de um homem dinâmico, realizadas com um alto teor de qualidade e em tempo recorde.

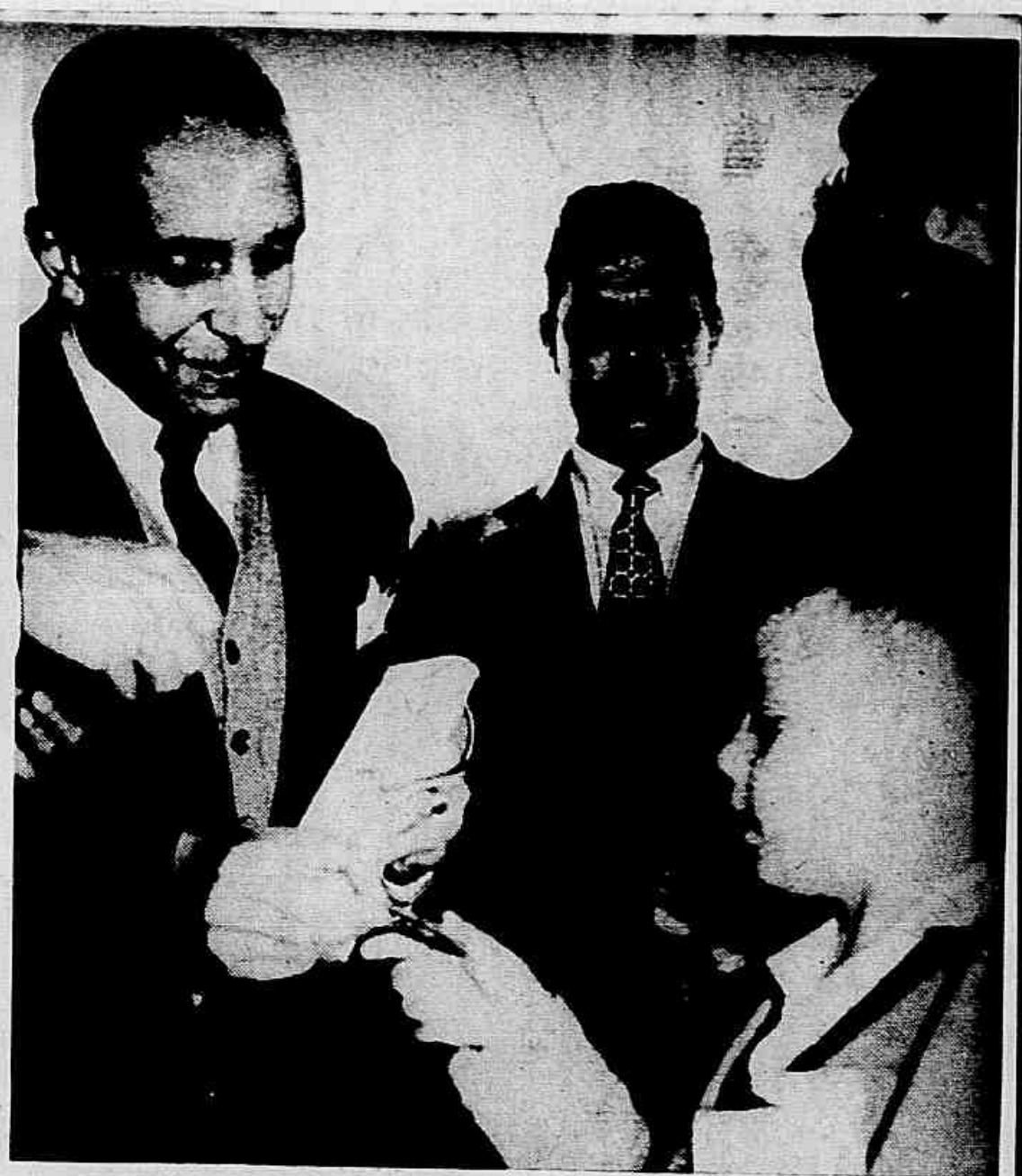


No dinheiro de São Paulo, quer mo



Carvalho Pinto custou a aceitar sua indicação para Governador do Estado. Modesto e refratário às ambições pessoais, vivendo tranqüilamente com sua família, zelando por Dona Iolanda, sua esposa, por seus filhos Lucila e Ronaldo, tendo casado recentemente uma filha, Lia, Carvalho Pinto recusou insistentemente o lançamento de sua candidatura. Anteriormente, quando o quiseram para prefeito de São Paulo procedera da mesma forma. Já se vê que não é de hoje que o paulista procura elevar ao poder este homem, em quem deposita suas maiores esperanças. A pujança da manifestação popular em favor de seu nome levou-o a vacilar em suas negativas. O problema deixava de pertencer ao seu julgamento, à sua vontade. Agora era uma compacta imposição. Era uma ordem do povo. Carvalho Pinto aceitou. Seria candidato ao governo de São Paulo. Enquanto o povo e Jânio exultavam, as hostes ademaristas eram tomadas de pânico. As coisas andam pretas para o dr. Adhemar. A vitória de Carvalho Pinto é tida como fato matemático — líquida e certa em qualquer canto de São Paulo por que se passe. Seu nome é pronunciado com entusiasmo por cidadãos de tôdas as atividades e camadas sociais do Estado. Todos vêem nêle a inteireza moral e o espírito empreendedor do governante de grande escalão. O próprio Adhemar viu-se obrigado a admitir as qualidades de seu adversário, resignadamente, em entrevistas que concedeu à imprensa. E ninguém pode negá-las. Quando surge no cenário político alguém como Carvalho Pinto — competente e realmente disposto a resolver os problemas públicos — é fatal que o povo exija sua liderança. Assim acontecerá em São Paulo: subirá aos Campos Elísios um homem franco e sério e honesto chamado Carvalho Pinto. E que, por curiosa coincidência ou profética proximidade, veio à luz numa casa que fica na mesma rua, na mesma quadra, quase em frente ao Palácio do Govern.





quer manda é Carvalho Pinto, dizia Jânio. E sabia o que estava dizendo.



ROMPENDO POR UMA VEZ o hábito salutar de não falar de mim mesma, não me posso impedir de contar um sonho do qual nunca me esquecerei — logo um sonho, assunto traidor entre todos, depois que toda a gente se pôs a ler e a seu modo aplicar as teorias de Freud. A quanto me arrisco, em que emaranhado me aventuro! Tremo ante a expectativa das interpretações que poderá suscitar esta narrativa, e não obstante prossigo, dominada por um inusitado desejo de comunicação. Só uma desculpa me assiste para cometer tamanha imprudência: o sonho, se fui eu quem o sonhou, quem o inspirou foi Machado de Assis. Apareceu-me uma noite claramente, com a feição que tem nos seus retratos de velhice; e tão bem o vi que gostaria de acreditar que os espíritos se manifestam dêsse modo aos mortais; teria assim a convicção de ter contemplado Machado de Assis, e poderia fornecer ao meu caro amigo e admirável machadiano Augusto Meyer um episódio para a **Biografia Póstuma** que nos está a dever. Infelizmente não me anima a crença necessária para dar maior valor ao sonho, e creio até ter descoberto, numa frase de Paul Valéry, lida na véspera, o motivo que o inspirou. Afirmava êle ser impossível reconstituir, através da obra, a personalidade de um escritor, precisamente o que há anos tentei fazer no meu ensaio sobre Machado, e a condenação de Valéry, se me pareceu por demais peremptória, nem por isso deixou de levantar a desagradável poeira das dúvidas.

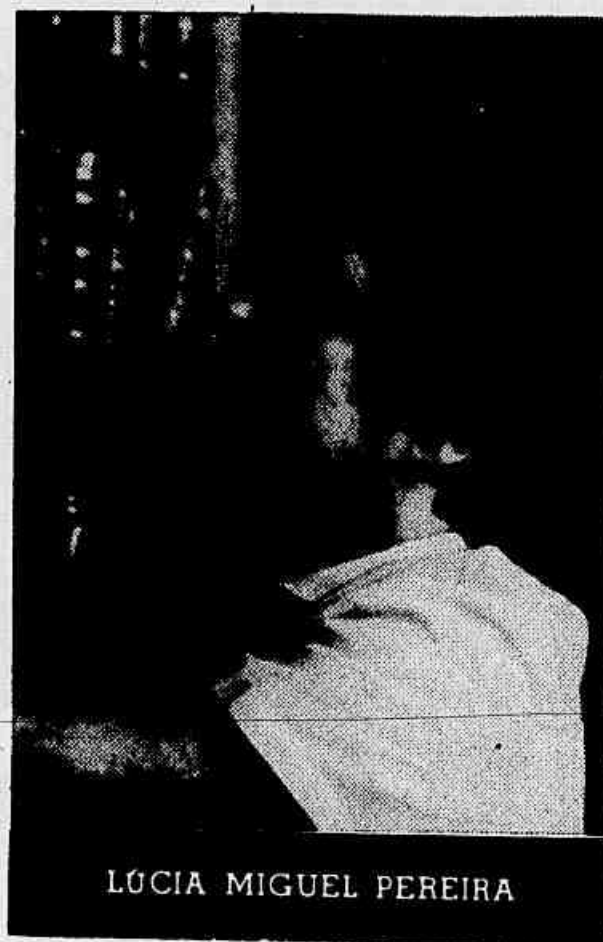
Mas vamos ao caso, ou, melhor, ao sonho. Estava eu nas Laranjeiras, bairro por onde tanto andou o grande romancista, numa daquelas casas que ficam a cavaleiro da rua; debruçada sobre o muro baixo, olhava os raros passantes. Entardecia, tudo se fazia cinzento, as figuras se projetavam com aguda nitidez na fluida luz crepuscular. De repente, na calçada oposta, avisto um homem idoso, vestido de sobrecasaca preta; descarnado e sêco, apoiava-se a uma bengala para andar, e ainda assim a custo o fazia, com passo tateante. Trazia um chapéu muito enterrado, que lhe tocava no **pince-nez** escuro, e lhe sombreava todo o rosto, só deixando bem visíveis o bigode e a barba, de um branco amarelado. Era Machado de Assis e estava quase cego. O vento colava-lhe às pernas magras o longo casaco, e devia ter frio, pois com a mão livre fechava a gola sobre o peito. A sua solidão pareceu-me imensa, a solidão da glória, não a da morte.

Vi-o parar um instante, como se hesitasse, ou como se estivesse cansado; depois desceu lentamente o meio-fio, para atravessar a rua. Nesse momento, avisto um automóvel; da altura em que me achava pude percebê-lo ao longe, e não vinha rápido. Tive porém a preciência de que seria atropelado o ancião, e precipitei-me em seu auxílio. Mas, no momento em que dêle me aproximava, uma idéia quase me paralisa: e se desconfiasse de quem eu era, e se me pedisse contas do que a seu respeito escrevera? Que fazer? Abandoná-lo não era possível, que fatalmente o alcançaria o carro; e não seria também possível suportar-lhe a censura. Tomei-lhe então da mão, mas esticando o braço para me afatar, baixando a cabeça, virando o rosto para o lado oposto, e em silêncio o conduzi. Assim caminhamos até a outra calçada, êle a indagar com voz débil quem o ajudava, eu a embuçar-me no mutismo, ardendo de vontade de conversar, engolindo perguntas, sopitando uma vaga veleidade de apesar de tudo me dar a conhecer. E mal o vi em segurança, desatei a correr, sem me virar, sem mirar pela última vez o vulto frágil e majestoso.

Foi só isso. Um breve encontro no qual me senti possuída por emoções desencontradas, de admiração, de ternura, de piedade e de medo. Medo que não provinha entretanto das interpretações errôneas que posso ter dado — e certamente em muitos pontos dei — aos gestos e pensamentos de Machado de Assis, mas ao fato de haver ousado tentar devassar-lhe a intimidade. Nada tinha do Braz Cubas nem do conselheiro Aires êsse Machado que me apareceu em sonho; nem de longe transparecia nêle o frio sarcasmo de um nem o malicioso ceticismo do outro. Não possuía, aparentemente, a paixão comum a ambos: a curiosidade pelos mistérios da natureza humana, o desejo de debruçar-se sobre a alma alheia. Ao contrário, dava uma impressão de indiferença. Teria antes uns ares do Luís Garcia, do homem que "amava a espécie e aborrecia o indivíduo", ou do Bentinho envelhecido, que os vizinhos apelidaram de Dom Casmurro. Era das suas criaturas ensimesmadas, com tédio à vida, que se aproximava. E mais não sei por que mais não vi.

CRÔNICA

ENCONTRO COM MACHADO DE ASSIS



LÚCIA MIGUEL PEREIRA

REVISTA DO LIVRO

ÓRGÃO DO INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO

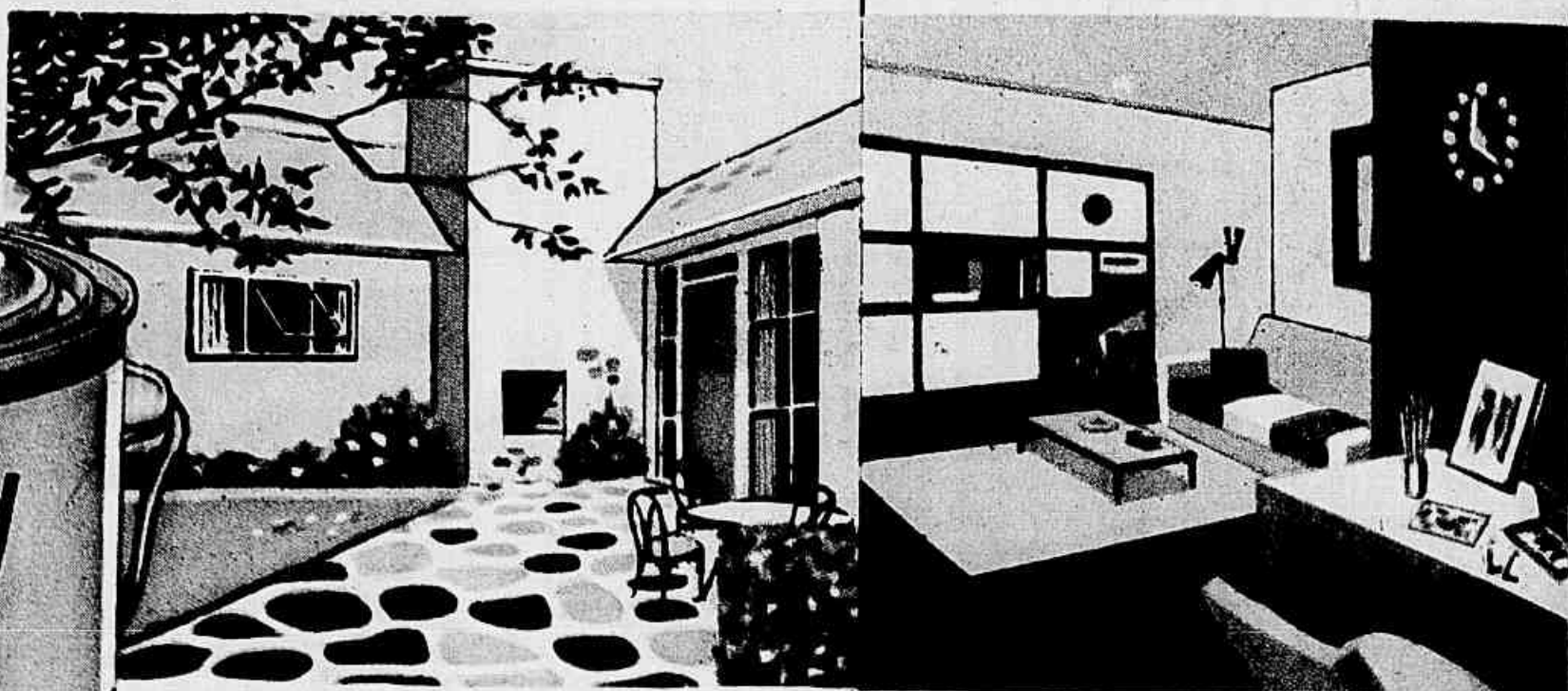


MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

HOMENAGEM DO I.N.L. PELO TRANSCURSO DO
CINQUENTENÁRIO DA MORTE DE MACHADO DE ASSIS

Proteção e

Côr



para
exteriores
e interiores

Tintas, esmaltes e vernizes

International

para todos os fins da construção civil



Sociedade Anônima



Composições International (do Brasil)

Rio de Janeiro: Av. Rio Branco, 50
São Paulo: Av. 9 de Julho, 50